

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH
Escola de Comunicação - ECO
Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura

Taiane Linhares

**CONSUMO, RESISTÊNCIA E SUBJETIVIDADE:
Narrativas sobre o veganismo em uma comunidade virtual**

Dissertação de mestrado

Orientador: Prof. Dr. João Freire Filho

Rio de Janeiro

Abril de 2011

Consumo, resistência e subjetividade:

Narrativas sobre o veganismo em uma comunidade virtual

Taiane Linhares

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura (mídia e mediações socioculturais).

Orientador: Prof. Dr. João Freire Filho

Rio de Janeiro

Abril de 2011

Linhares, Taiane

Consumo, resistência e subjetividade: narrativas sobre o veganismo em uma comunidade virtual/ Taiane Linhares. Rio de Janeiro, 2011.

160 f.

Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2011.

Orientador: João Freire Filho

1. Veganismo. 2. Comunidades virtuais. 3. Individualismo. 4. Etnografia virtual. 5. Moralidade. I. Freire Filho, João (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação. III. Título.

Taiane Linhares

Consumo, resistência e subjetividade: narrativas sobre o veganismo em uma comunidade virtual

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura (mídia e mediações socioculturais).

Rio de Janeiro, 18 de abril de 2011.

Banca Examinadora

Prof. Dr. João Batista de Macedo Freire Filho – Orientador (UFRJ)
Doutor em Literatura (PUC-RJ)

Prof^a. Dr^a. Adriana Amaral (UNISINOS)
Doutora em Comunicação (PUC-RS)

Prof^a. Dr^a. Janice Caiafa (UFRJ)
Doutora em Antropologia (Universidade de Cornell)

Prof^a. Dr^a. Maria Isabel Mendes de Almeida (PUC-RJ)
Doutora em Sociologia (Iuperj)

Rio de Janeiro

Abril de 2011

A todos os apaixonados pela vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Tania e Silvio, por toda a dedicação e toda a confiança que depositaram em mim. Sou grata pelo apoio, pelo carinho e pela proteção, por conservarem um lar tão harmonioso, o porto seguro ao qual recorro sempre que necessito de equilíbrio e calma para refletir sobre a vida.

Devo gratidão às minhas amigas de percurso acadêmico: Julia Salgado, Renata Tomaz e Denise Tangerino. Com elas tive a sorte de dividir as alegrias e desprazeres que a vida acadêmica por vezes proporciona.

Muitas das reflexões aqui desenvolvidas são resultado das discussões que tive com o amigo Mikair Lopes, uma das pessoas mais lúcidas que conheci. Pesquisador nato de todas as questões que envolvem o veganismo, ele sempre esteve pronto a travar debates de alto nível sobre o assunto. Conversar com o Mikair é sempre um estimulante desafio intelectual, mas, para mim, muito mais do que isso: pude encontrar nele também um grande confidente nos momentos mais duros desse percurso.

Não poderia deixar de agradecer ao Pedro, ao Luiz e à Helena por terem sido minha segunda família principalmente durante os dois últimos anos. Devo muito à dedicação do Pedro, uma pessoa especial com quem pude viver momentos maravilhosos. Com ele aprendi muito, mesmo nas situações mais dolorosas.

Felizmente, nos momentos mais difíceis me dei conta de que tinha amigos de verdade. Agradeço ao Caio César Teixeira Loures, por ter me acolhido quando mais precisei; sou grata igualmente ao Charles de Melo, à Gabriela Cuervo e à Julia Favoretto, por estarem sempre prontos a escutar meus desabafos e a me oferecer uma palavra carinhosa.

Tive a felicidade de conhecer pessoas espetaculares nos últimos meses desse meu percurso e devo a elas toda a minha gratidão. A companhia de todas elas foi determinante para a manutenção do equilíbrio que precisava para finalizar essa dissertação. Já que não posso citar todos os nomes, espero que essas pessoas se reconheçam nessas linhas.

Correndo o risco de ser injusta, sinto a necessidade de agradecer especialmente ao Alexander Lemeshkov, um grande amigo que surgiu no momento em que eu mais precisava de carinho, companhia e um pouquinho de impulsividade. Ele me fez retomar a confiança nas pessoas e me ensinou que o mundo é bem mais belo do que eu poderia imaginar.

Sou grata, ainda, ao Leonardo Martins, ao Marcos Rosenbluth e ao Fabiano Soares, meus eternos amigos de ECO; ao Edvandro Ribeiro e ao Dante Mello, por todas as aventuras que tenho orgulho de relembrar; à Carol Leal e ao Conrado Mazzini, pelos momentos de diversão; ao João Xavi, pelas estimulantes conversas via facebook; à Lara Lipman, pela atenção e sensibilidade; e ao Danilo Carvalho, pela simpatia e inglês primoroso.

Agradeço a todos que me auxiliaram até aqui nesse processo nunca acabado de transformação como pessoa. Sou grata aos participantes da comunidade *Veganismo*, pelas discussões que tanto me instigaram, e ao meu orientador João Freire Filho, pela confiança que depositou no meu trabalho durante todo esse tempo. Meu muito obrigado também aos professores da Escola de Comunicação, em especial ao Micael Herschmann e à Janice Caiafa. Agradeço, por fim, à Capes e ao corpo administrativo do PPGCOM/UFRJ por se encarregarem de todos os aspectos financeiros e burocráticos necessários ao processo de construção dessa reflexão acadêmica.

RESUMO

Linhares, Taiane. **Consumo, resistência e subjetividade**: narrativas sobre o veganismo em uma comunidade virtual. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

A presente dissertação tem por objetivo analisar o conjunto de valores e de práticas contidos no veganismo. Os adeptos do veganismo rejeitam o consumo de qualquer produto de origem animal, como carne, ovos, leite, couro e mel; boicotam empresas que testam seus produtos em animais; e, além disso, são contrários à utilização de animais em rodeios, circos e touradas. Portanto, os veganos buscam garantir o cumprimento de seus ideais através da reconfiguração das práticas cotidianas, tendo como principal foco de transformação suas relações com o consumo. Os veganos desenvolveram uma visão de mundo bastante própria, sendo motivados pela convicção de que os animais não devem ser utilizados como matéria-prima e força de trabalho pelos humanos. O princípio de sua ética tem como pilares a igualdade entre humanos e animais e a defesa da liberdade de todo animal. A interação de diversos perfis em uma comunidade do Orkut será o fio condutor dessa pesquisa, que utiliza como método a etnografia virtual. A rede mundial de computadores é um instrumento importante para os veganos, porque é o único espaço de circulação de informações que, para eles, são fundamentais: listas de empresas que realizam testes em animais; origem dos compostos presentes em produtos industrializados; e receitas de versões veganas de pratos tradicionalmente produzidos com ingredientes de origem animal. As discussões realizadas por veganos de todo o país na comunidade virtual *Veganismo* (8.000 membros), do site de redes sociais Orkut, oferecem pistas sobre os dilemas enfrentados por eles. A realização deste trabalho, que se apoia na reconstituição do que é o veganismo através de falas nativas, justifica-se pelo ineditismo do tema. A maioria dos trabalhos acadêmicos sobre o veganismo no país se concentram na área da nutrição, sendo ainda poucos aqueles desenvolvidos no campo das ciências sociais. Busca-se compreender o veganismo a partir da análise das narrativas dos veganos, dando atenção, assim, à forma como eles refletem sobre categorias como *especismo*, *libertação animal* e *exploração animal*. As hipóteses defendidas neste trabalho apontam a existência de uma forte ênfase na necessidade de governar a si mesmo, promovendo a profunda transformação de si. Com isso, o vegano seria impelido a se constituir como indivíduo autônomo, dono de suas próprias vontades e responsável por suas ações.

PALAVRAS-CHAVE: VEGANISMO; COMUNIDADES VIRTUAIS; ETNOGRAFIA VIRTUAL; MORALIDADE; INDIVIDUALISMO.

ABSTRACT

Linhares, Taiane. **Consumo, resistência e subjetividade**: narrativas sobre o veganismo em uma comunidade virtual. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

This dissertation seeks to analyze the set of values and practices regarding veganism. Vegans reject the use of any product of animal origin such as meat, eggs, milk, leather and honey; they boycott companies that test on animals, besides being against the use of animals in rodeos, circuses and bullfighting. Therefore, vegans seek to ensure the fulfillment of their ideals by resetting everyday practices, being their relationship with consumption the primary changing goal. Vegans have developed a too personal world view, motivated by the belief that animals shouldn't be used as raw material and labor force by humans. The principle of their ethics are grounded in equality among humans and animals and support to freedom of every animal. The interaction among several profiles in an Orkut Community is the thread of this research, using virtual ethnography as method. The worldwide web is a powerful tool for vegans by being the only area of spread of information, essential for them: indexes of companies that carry out animal tests, source of compounds present in processed products, and recipes for vegan versions of dishes traditionally made from animal ingredients. The discussions held by vegans throughout Brazil in the virtual community *Veganism* (8,000 members) – from the orkut.com web site – offer clues about the dilemmas faced by them. This work, relying on the reconstruction of what is veganism through native talk, is justified by the originality of the subject. Most academic works on veganism in Brazil are focused on nutrition, being few ones done in social sciences. It's sought to understand veganism from the analysis of vegans' statements, paying attention to the way they think over categories such as *speciesism*, *animal liberation* and *animal exploitation*. The hypotheses expressed in this work point out the existence of a strong emphasis on the need for self-control by promoting deep self-transformation. Thus, the vegan would be driven to independence, owner of his own will and responsible for their actions.

KEYWORDS: VEGANISM; VIRTUAL COMMUNITIES; VIRTUAL ETHNOGRAPHY; MORALITY; INDIVIDUALISM.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 – APRESENTAÇÃO DO OBJETO E DO MÉTODO.....	21
1.1 Compreendendo o Orkut e as comunidades virtuais.....	21
1.2 Justificando a utilização do conceito “comunidade virtual”	24
1.3 Comunidade <i>Veganismo</i> : uma primeira aproximação.....	26
1.4 O corpus.....	29
1.5 Os atores.....	30
1.6 Realizando uma etnografia na internet.....	34
CAPÍTULO 2 – PERFIS E INTERAÇÕES NA COMUNIDADE <i>VEGANISMO</i>	39
2.1 Dinâmicas da comunidade.....	39
2.1.1 Dogmas e moralidades.....	40
2.1.2 Sexualidade e intimidade.....	44
2.1.3 O gosto dos outros.....	47
2.1.4 Vício e autenticidade.....	50
2.2 Reflexões sobre a <i>Veganismo</i>	57
CAPÍTULO 3 – OS SERES HUMANOS E OS DEMAIS ANIMAIS.....	62
3.1 Relações entre <i>animais humanos</i> e <i>animais não-humanos</i>	62
3.1.1 O <i>especismo</i> : o ideal vegano de liberdade e igualdade com os animais.....	62
3.1.2 Natureza-Cultura: diferenciação entre <i>animal humano</i> e <i>animal não-humano</i>	66
3.1.3 O olhar vegano sobre a relação do humano com os animais.....	69
3.1.4 O status animal: sistemas de representação, valoração e hierarquização.....	73
3.1.5 Duas categorias centrais: <i>exploração animal</i> e <i>libertação animal</i>	75
3.1.6 A liberdade fugidia.....	78
3.2 Os <i>animais humanos</i> entre si.....	80
3.2.1 O lugar do humano na ética vegana.....	80
3.2.2 A busca da liberdade: conflitos e negociações entre religião e veganismo.....	82
3.2.3 Uma discussão sobre homofobia.....	88
3.2.4 <i>Libertação Animal</i> , mas até que ponto?.....	89
3.2.5 Indivíduo-Sociedade: dois pólos distantes e inconciliáveis?.....	91
CAPÍTULO 4 – O VEGANO E O <i>OUTRO</i> : APROXIMAÇÕES E DIFERENCIAÇÕES.....	96
4.1 Velhos desconhecidos: tensões entre veganos e ovo-lacto-vegetarianos.....	96
4.2 Uma existência bela e singular: a árdua e prazerosa tarefa de “transformar a si mesmo”.....	99
4.3 O indivíduo emancipado: autonomia e desvio na comunidade <i>Veganismo</i>	102
4.4 Acomodados, egoístas e inautênticos: o discurso acusatório sobre os <i>onívoros</i> e os <i>anti-vegs</i>	105

4.5 Sendo vegano em um mundo “cruel e <i>onívoro</i> ”.....	108
4.6 A subjetividade como foco de resistência política.....	113
CAPÍTULO 5 – VEGANISMO E MORALIDADE: ESTABELECENDO VALORES NA RELAÇÃO COM O (NÃO)CONSUMO.....	116
5.1 Definindo um produto como vegano.....	117
5.1.1 A carne e a caça: a emergência de uma nova sensibilidade.....	117
5.1.2 O leite e os ovos: a expansão do ideal vegetariano.....	120
5.1.3 Testes em animais e patrocínio a rodeios.....	121
5.2 A arte das doses no veganismo: aprofundando os critérios de definição.....	122
5.3 Necessidade ou futilidade: redefinição ou rejeição do prazer?.....	125
5.4 Drogas e remédios.....	127
5.5 Deslizes e recaídas: frustrantes acidentes de percurso.....	131
CONCLUSÃO.....	135
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	144
ANEXOS.....	157

INTRODUÇÃO

Após um desgastante turno de trabalho, a jovem Ana Paula decide fazer uma breve pausa para alimentar-se em uma lanchonete na avenida Nossa Senhora de Copacabana, Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Enquanto analisa minuciosamente o cardápio, uma garçonete põe-se ao lado de sua mesa. Pressionada pela insistência da atendente em permanecer ali imóvel e com um olhar fixo em sua direção, Ana Paula abandona o folheto e pergunta se o estabelecimento serve esfihas sem carne. A garçonete, sorridente, avisa que acabavam de sair do forno as esfihas de frango. Já habituada a situações dessa espécie, Ana Paula tenta ensinar à moça que “carne de frango também é *carne*”, mas a atendente, olhando ansiosamente para os lados, não parece lhe dar atenção.

Na tentativa de resolver o impasse, a garçonete sugere que a jovem prove a especialidade da casa: um bolinho de bacalhau que, ela garante, é o melhor do bairro. Sem saber por onde começar, Ana Paula explica que é vegana, um tipo de vegetariano que não come nada que seja de origem animal. Por isso, ela esclarece, não comeria nem o bolinho de bacalhau, nem o pastel de queijo que ela acabava de lhe oferecer. Um pouco decepcionada, Ana Paula pede uma porção de batatas. A garçonete, surpresa, disse não imaginar que vegetarianos pudessem comer batatas fritas.

Longe de ser apenas uma anedota, essa é uma situação bastante casual enfrentada pelos adeptos do veganismo, pessoas que adotam uma postura de rejeição a toda atividade que possa causar maus tratos ou morte de animais. É comum a ocorrência de um “choque conceitual” entre veganos (ou *vegans*¹) e não-vegetarianos. A forma como interpretam uma categoria como “carne” é bastante distinta: para os primeiros, a carne é o corpo de qualquer animal morto, para os últimos, resume-se ao que é popularmente conhecido como “carne vermelha”, de origem bovina.

As motivações para a adoção de uma dieta incidem diretamente na forma que será dada ao conjunto prático que a constitui. Ao ser informada de que Ana Paula era vegetariana, a garçonete logo associa a postura a preocupações com a saúde, assim

¹ Nesse trabalho, utilizo a grafia em português vegano/vegana para referir-me àqueles que adotaram o veganismo. Apenas utilizarei seu correspondente em inglês *vegan* (pronuncia-se “vigã”) quando for feita referência a uma fala nativa, já que o termo estrangeiro é bastante utilizado entre os próprios veganos brasileiros.

comer um alimento mergulhado em óleo de fritura passa a não fazer muito sentido. À medida em que se questiona sobre aquilo que vegetarianos “podem” ou não comer, torna-se explícita a desconfiança da garçonete na possibilidade de alguém renunciar ao consumo de tamanha variedade de pratos sem que seja motivado por crenças religiosas ou tenha sido abatido por alguma grave doença. O veganismo, contudo, é um posicionamento ético de caráter eletivo que, além de defender uma mudança de valores, pressupõe a adoção de uma série de atitudes.

Alinhados ao movimento de defesa dos animais, os veganos promovem manifestações e campanhas em função dessa causa. No entanto, é na esfera do consumo que sua ação se faz mais vigorosa. Eles se distinguem dos ovo-lacto-vegetarianos por estenderem o seu boicote a qualquer produto com ingredientes de origem animal². Questiona-se, principalmente, o consumo de leite³ e ovos⁴, mas outros materiais e substâncias são igualmente recusados: couro, lã, mel, gelatina, colágeno, corante carmim, são apenas alguns exemplos. Portanto, sua postura não abrange apenas o consumo alimentar. Itens que tenham sido testados em animais também são evitados pelos veganos, esse é o caso dos remédios e de alguns cosméticos e produtos de higiene pessoal. Outro foco de boicote são as empresas que realizam ou patrocinam eventos que utilizam animais para fins de entretenimento, caso dos circos, rodeios, touradas e vaquejadas.

² Os ovo-lacto-vegetarianos são, popularmente, conhecidos como vegetarianos. No entanto, o termo vegetariano figura no dicionário Houaiss (2009) designando aqueles que seguem uma dieta baseada no consumo de alimentos estritamente de origem vegetal, e não pessoas que comem vegetais, ovos e leite, exceto carne. Com isso, outro nome é dado para se referir à alimentação de base vegetal: dieta vegetariana estrita. É importante ressaltar que os veganos não consideram o veganismo uma dieta, mas um posicionamento ético que inclui, entre suas práticas, a adoção de uma alimentação vegetariana estrita. Para evitar enganos, nessa dissertação o termo vegetariano será utilizado sempre que se fizer menção ao conjunto daqueles que seguem as dietas vegetariana estrita e ovo-lacto-vegetariana. Em outros casos será feita a opção pelos termos vegano, vegetariano estrito e ovo-lacto-vegetariano.

³ Para dar leite, a vaca precisa engravidar. Uma vez nascido, o filhote é distanciado de sua mãe, podendo se tornar uma vaca leiteira, caso seja fêmea, ou, se macho, carne de vitela, sendo mantido imóvel em uma cela pequena e escura, para que sua carne permaneça macia. O bezerro é abatido aos três meses. A vaca também é abatida caso seja infértil ou tenha uma queda de produtividade.

⁴ As galinhas, na produção de ovos, são postas em gaiolas apertadas onde conseguem apenas se alimentar. Quando novas, têm seu bico cortado para que não matem umas às outras (o que é comum ocorrer em situações de estresse) e para que comam a ração sem escolher os melhores grãos, o que costumam fazer na natureza. Após dois anos produzindo ovos, as galinhas são abatidas e utilizadas na produção de papa para bebês, ração de animais e diversos alimentos processados industrialmente. Outras galinhas são postas no lugar, após uma rigorosa seleção em que pintinhos defeituosos e machos são triturados vivos. Informações em: www.pea.org.br. Último acesso em 25 de junho de 2010.

O rigor da ascese vegana frente ao consumo exige um maior dispêndio de tempo na compra dos bens e no preparo dos alimentos. Antes de comprar um produto industrializado, por exemplo, os veganos precisam ler a sua composição para afastar a possibilidade de consumirem algum ingrediente retirado de animais. Em algumas situações, os compostos são apresentados em códigos sem deixar pistas sobre sua possível origem animal, é o caso do INS 422 (glicerina) e do INS 120 (carmim). Dúvidas bastante específicas, como a origem da vitamina D utilizada para enriquecer um biscoito ou sobre a existência de sebo bovino na composição de uma pomada, são levadas aos Serviços de Atendimento ao Consumidor (SACs) das empresas que, muitas vezes, não sabem respondê-las.

Tamanho empenho na modificação de posturas tão mundanas é resultado de uma elaborada visão de mundo. Por acreditarem que a vida dos animais não pertence aos seres humanos, os veganos são contrários à utilização de seus corpos e suas forças vitais em proveito da ciência, da indústria e do entretenimento. Para os veganos, todos os animais, o que inclui os humanos, têm algo em comum: são seres sencientes, isto é, sentem prazer e alegria, dor e sofrimento, tornam-se infelizes quando encarcerados, esquivam-se daquilo que põe em risco sua integridade física. Com base justamente nessa proximidade considerada fundadora, os veganos defendem que todos os animais devem ser objeto de igual consideração ética, guardadas as especificidades de cada criatura⁵. O termo *especismo* é utilizado pelos adeptos do veganismo para se referir à forma de pensamento que estabelece uma determinada espécie, geralmente a humana, como sendo superior às demais, podendo por isso transpor seus interesses e valores para todas as outras. O *especismo*, então, seria um modo de discriminação tendo por base a espécie, guardando, inclusive, certa proximidade, em seu uso, com o termo *etnocentrismo*.

A rede mundial de computadores é um instrumento importante para os veganos, porque é o único espaço de circulação de informações que, para eles, são fundamentais: listas de empresas que realizam testes em animais; origem dos compostos presentes em produtos industrializados; e receitas de versões veganas de pratos tradicionalmente produzidos com ingredientes de origem animal (pizzas, feijoada, lasanhas,

⁵ Uma frase bastante repetida sintetiza essa ideia: “Não se lutará pela garantia do direito de voto aos porcos”.

hambúrgueres etc.). Essas informações são compartilhadas em sites, blogs e comunidades virtuais da rede social Orkut, como a Vegans às Compras (4.200 membros), a Isso não é vegan!?! (600 membros), a Queijo Vegetal – Vegano (1.300 membros), a RECEITAS ÉTICAS (4.000 membros), a Receitas Veganas (900 membros), a VEGAN POBRE (700 membros) e a SAC Vegano (2.000 membros).

Portanto, a internet é um espaço privilegiado para o estudo do veganismo não apenas enquanto prática de consumo, mas como um conjunto de valores que opera de forma profunda sobre os indivíduos, exigindo uma reconfiguração da própria subjetividade. O site de redes sociais Orkut é o principal espaço de interação entre os veganos brasileiros, um grupo cada vez maior, porém disperso por todo o território nacional. Comunidades virtuais como a *Veganismo* (cerca de 8.000 membros), sobre a qual se debruça a presente pesquisa, são espaços de construção de saberes e práticas. Na *Veganismo*, ocorrem conflitos de ideias entre pessoas que, apesar de terem adotado um conjunto de práticas bastante similar, possuem maneiras diferentes de refletir sobre a forma que deve tomar a sua ascense e os objetivos aos quais o veganismo se propõe. Está em foco, na comunidade virtual, a discussão sobre qual tipo de relação se deve estabelecer entre *animais humanos* e *animais não-humanos*, quais atividades são efetivamente veganas, os dilemas éticos envolvidos na escolha entre recusar ou consumir determinados produtos e a difícil relação entre veganos, ovo-lacto-vegetarianos e *carnívoros*, seja nas interações mediadas ou não mediadas por computador.

É preocupação central dos participantes da *Veganismo* a necessidade de reconfigurar o modo de pensar e de agir para dar consistência a toda uma conduta que se baseie na rejeição do que chamam de *exploração animal*, isto é, a utilização de animais na produção de bens para os humanos. Visa-se, através de uma atitude individual, atingir a *libertação animal*, categoria nativa que expressa uma situação hipotética em que os seres humanos não mais explorarão animais de outras espécies. Levando a política para o cotidiano, os veganos se preocupam em viver diariamente aquilo que consideram a visão da “sociedade ideal”.

A presente dissertação tem por objetivo desvendar o conjunto de valores e práticas contidos no veganismo, a partir das discussões realizadas em uma comunidade do Orkut. Para tanto, foi escolhido como método a etnografia virtual. A observação

participante diária e a aprofundada análise posterior dos tópicos selecionados proporcionaram evidências valiosas sobre o modo como os veganos refletem a respeito de suas próprias ações.

A realização deste trabalho, que se apoia na reconstituição do que é o veganismo através de falas nativas, justifica-se pelo ineditismo do tema. A maioria dos trabalhos acadêmicos sobre o veganismo no país se concentram na área da nutrição, seguindo uma tendência mundial de interesse nos riscos e benefícios de uma alimentação sem carne, ovos e leite. O único trabalho acadêmico de âmbito e relevância nacional no campo das ciências sociais sobre o tema, uma dissertação de Ernesto Luiz Marques Nunes (2010), enfoca o ativismo vegano na região metropolitana de São Paulo. O veganismo é considerado por Nunes uma forma de transformação social através do questionamento do consumo de produtos de origem animal. No exterior, o tema recebe destaque também nos estudos sobre o consumo (AUTIO, 2004; LINDÉN, 2005; WAHLSTRÖM e PETERSON, 2005). Em artigos publicados por autores interessados nessa questão, o veganismo é classificado como uma expressão do “consumo político”, conceito cunhado entre teóricos dinamarqueses na década de 90 e que se refere à escolha de produtos baseada em considerações éticas e/ou políticas (MICHELETTI et al., 2003 apud STOLLE, HOOGHE, MICHELETTI, 2005). Há trabalhos, ainda, que se concentram na ética vegana como escolha individual (SNEIJDER e TE MOLDER, 2005) ou dão foco à sua potencialidade enquanto fundadora de um movimento social (CHERRY, 2006).

Procura-se, com esta pesquisa sobre o veganismo, desviar o foco comumente direcionado às práticas de consumo, porém sem negligenciá-las. Seu caráter inovador se deve à atenção dispensada ao estudo das categorias nativas e ao desvelamento de alguns conceitos que se encontram na base das narrativas proferidas pelos veganos na comunidade virtual. O consumo aparece aqui como hierarquização de valores, um processo que começa bem antes da troca formalizada no mercado. A compra e o boicote são apenas as partes mais evidentes do processo que, como a ponta de um *iceberg*, despertam a atenção dos analistas, sejam eles leigos ou acadêmicos.

A quantidade crescente de reportagens da mídia nacional sobre o veganismo apenas atesta o interesse geral pelo tema. O tom dos discursos propagados pelos meios de comunicação não poderia ser outro: o veganismo é celebrado como uma nova

oportunidade de lucro. O vegano é transmutado de “sujeito eticamente motivado” a “consumidor exigente”. Em uma reportagem do programa dominical *Pequenas Empresas e Grandes Negócios*, exibido em novembro de 2009 pela Rede Globo, os restaurantes veganos são anunciados como uma nova tendência⁶. Apesar da apresentação detalhada dos itens recusados por esse “nicho de mercado”, em momento algum da reportagem de quatro minutos e meio se faz menção às crenças e aos pressupostos éticos que determinam o boicote dos veganos a produtos de origem animal. A matéria “Consumo vegano: Grupo que amplia o vegetarianismo para além da restrição alimentar já tem mais opções de produtos”, publicada no jornal Folha de São Paulo, em janeiro de 2010, também se dedica ao mesmo propósito: mostrar como empresas obtêm êxito com o público vegano⁷.

Em uma matéria de duas páginas intitulada “Verdes radicais representam riscos para os negócios”, publicada no caderno Economia do Jornal do Brasil, um estudo da Ernst & Young mostra o veganismo entre os 10 maiores problemas que afetam a venda de um produto. Entretanto, a reportagem ressalta: aquilo que para algumas empresas é um problema, pode ser convertido por outras em oportunidade de crescimento. O jornal afirma que “o Brasil tem o segundo maior índice mundial de pessoas que procuram se aproximar da cultura dos *vegans*”, de acordo com dados fornecidos pelo Instituto Ipsos. A pesquisa aponta que 28% da população brasileira procura comer menos carne e evitar contato com derivados de animais. A reportagem também observa que “a tendência mundial é de crescimento do vegetarianismo”. Na Inglaterra, por exemplo, “47% da população é simpatizante do movimento”⁸.

Outras reportagens, nos últimos anos, apontam a disseminação do veganismo no país. Em janeiro de 2010, o canal de televisão Band trazia a seguinte chamada em um de seus noticiários: “Brasil: veganos ganham cada vez mais adeptos no país”⁹. O

⁶ Reportagem “Produtos veganos: uma opção para o mercado vegetariano”, do programa *Pequenas Empresas e Grandes Negócios*, apresentada no dia 22 de novembro de 2009, na Rede Globo. Disponível em: <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM1161812-7823-RESTAURANTES+VEGETARIANOS+ESTAO+EM+ALTA,00.html>. Acesso em 16 de julho de 2010.

⁷ Reportagem “Consumo vegano: Grupo que amplia o vegetarianismo para além da restrição alimentar já tem mais opções de produtos”, autoria de Malu Toledo, publicada no jornal Folha de São Paulo em 23 de janeiro de 2010.

⁸ Reportagem “Verdes radicais representam riscos para os negócios”, autoria de Leda Rosa, publicada no Jornal do Brasil, no Caderno Economia Negócios e Serviços de 1º de junho de 2008, páginas 4 e 5.

⁹ Reportagem “Brasil: veganos ganham cada vez mais adeptos no país”, exibida no dia 29 de janeiro de 2010 no canal Band. Disponível em: http://maisband.band.com.br/v_48107_brasil_veganos_ganham_cada_vez_mais_adeptos_no_pais.htm. Acesso em 16 de julho de 2010.

crescimento do vegetarianismo entre os jovens é apontado em uma reportagem da Folha de São Paulo em fevereiro de 2011¹⁰. De acordo com a matéria publicada na Folhateen, uma pesquisa da Escola Superior de Propaganda e Marketing indica a existência de 4% de vegetarianos entre os jovens das classes A, B e C das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Uma matéria de comportamento da revista ISTOÉ sobre ativistas urbanos, em março de 2009, dedica-se a diversas expressões de questionamento juvenil, entre elas, o veganismo. Apesar de seu caráter sumário – tentando dar conta, de forma confusa, de diversas expressões sob o rótulo genérico de “ativismo urbano” –, essa é uma das únicas reportagens que chama atenção para o potencial questionador do veganismo. A matéria sublinha a importância da internet na constituição das redes de ativismo e a recusa de seus membros à participação em partidos políticos e organizações não governamentais. De acordo com a reportagem, “os novos ativistas atuam à margem da estrutura política tradicional e fazem de suas convicções uma forma de viver”¹¹.

O estudo das interações na comunidade *Veganismo* possibilitou a reflexão sobre questões aparentemente distantes, como resistência, consumo e subjetividade. Com isso, algumas hipóteses podem ser lançadas. Em primeiro lugar, está em jogo, no veganismo, o governo de si. Desenvolve-se um *ethos* fundamentado na recusa a determinadas formas de assujeitamento, em outras palavras, na rejeição de uma variedade de comportamentos socialmente valorizados. Os veganos se opõem à ideia amplamente aceita de que os animais existem para servir aos humanos. O campo escolhido para comportar seus questionamentos é o consumo, considerado por tantos o único “espaço de liberdade” reservado ao cidadão do século XXI.

A segunda hipótese defendida neste trabalho complementa a anterior. O veganismo promove uma forte ênfase na necessidade do indivíduo de transformar a si mesmo constantemente e de forma profunda. Reconfigura-se a própria subjetividade através de um trabalho sobre si que promova uma nova hierarquização de valores, a criação e aceitação de novos hábitos e a “reprogramação” das respostas oferecidas aos

¹⁰ Reportagem “Jovens vegetarianos precisam ficar de olho no que colocam no prato”, autoria de Laura Capriglione e Fernanda Mena, publicada no site da Folha de São Paulo em 28 de fevereiro de 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folhateen/882053-jovens-vegetarianos-precisam-ficar-de-olho-no-que-colocam-no-prato.shtml>. Acesso em 28 de fevereiro de 2011.

¹¹ Reportagem “Ativistas Urbanos”, autoria de Verônica Mambrini, publicada na revista ISTOÉ de 18 de março de 2009, páginas 60 a 62.

estímulos diários – a mudança do paladar e o desaparecimento do desejo por alguns alimentos são apenas alguns exemplos.

A última hipótese atenta para a valorização da capacidade de se constituir enquanto indivíduo autônomo, dono de suas próprias vontades e responsável por suas ações. Esse tipo humano ideal é criado ao mesmo tempo em que se desqualifica o “comodismo”, uma característica relacionada principalmente aos não-veganos. Discute-se a proximidade de tais ideais a imperativos caros à governamentalidade neoliberal.

Meu interesse pelo veganismo surge em 2006 quando, já ovo-lacto-vegetariana, realizei um trabalho sobre *straight edge* e veganismo para uma disciplina ministrada pelo professor João Freire Filho durante minha graduação em comunicação social, na UFRJ. Foi naquela época que me envolvi com o objeto, tornando-me vegana logo em seguida. Apresentei durante três anos consecutivos trabalhos em jornadas de iniciação científica sobre o tema veganismo utilizando como campo a internet – mais especificamente, o site de redes sociais Orkut e comunidades como a “Vegans às Compras” e a “Isso não é vegan”, bastante ativas na época.

O que mais me chamava atenção era a relação diferenciada que os veganos estabeleciam com o consumo, tema central de ambas. Estavam em foco questões mais pragmáticas do que as analisadas no presente trabalho, talvez pela especificidade das próprias comunidades ou quem sabe por uma mudança nas preocupações dos próprios veganos. Há, ainda, a possibilidade de que a simples inexperiência da observadora tenha dificultado a captura dos verdadeiros questionamentos por trás de discussões aparentemente tão simples, como: comprar ou não um produto que, embora não tenha sido testado em animais, é de uma empresa que realiza tal procedimento no controle de qualidade de outros itens; consumir ou não produtos vegetais produzidos por empresas como Batavo, Sadia e Perdigão, que extraem da vida animal a maior parte de seus lucros; comer ou não produtos que, segundo a embalagem, “contêm traços de leite e ovos”. Curiosamente, preocupações que pareciam tão importantes, havia três anos, não foram mencionadas, senão de passagem, pelos veganos durante os seis meses que abrangeram a observação participante na comunidade Veganismo.

Nesses cinco anos, conheci muitas pessoas veganas, fiz alguns grandes amigos com os quais pude repartir minhas aflições sobre o tema e atuei diretamente em ações de defesa aos animais. O veganismo é um assunto bastante complicado de lidar como

insider. Entretanto, não creio que a proximidade com o tema tenha atrapalhado o resultado final da pesquisa. Realizei, durante os últimos anos, um forte esforço de desnaturalização do veganismo, o que me levou a compreender a sua especificidade histórica, recusando-o enquanto uma moral atemporal e uma verdade a ser revelada – visão aceita e propagada por diversos veganos. Defendo que há características do pensamento contemporâneo que fazem com que o veganismo seja pensado como algo possível, e são algumas dessas particularidades que pretendo desvelar através dessa dissertação.

No primeiro capítulo, são feitas algumas considerações quanto ao objeto e ao método utilizado para captá-lo. Para demonstrar as especificidades do Orkut enquanto site de redes sociais, recorre-se a teóricos da cibercultura cujos trabalhos desenvolvem importantes reflexões sobre as formas de interação proporcionadas pela página. Nesta sessão introdutória, serão disponibilizadas informações sobre a amplitude do corpus analisado. Submete-se a um olhar crítico os desafios identificados pela pesquisadora no período de realização da etnografia virtual.

No capítulo posterior, são apresentados detalhes sobre os atores e o ritmo das interações na comunidade durante o período estudado. É dada maior ênfase aos conflitos e às negociações existentes na *Veganismo*. A comunidade é considerada, neste trabalho, um espaço de subjetivação coletiva. As discussões que ocorrem na *Veganismo* auxiliam seus participantes na tomada de decisões em suas vidas pessoais e na constituição de toda uma visão de mundo. A comunidade não é um espaço neutro, mas um *locus* de expressão de apenas uma parcela dos indivíduos que se definem como veganos. Através da comunidade são acionados uma série de valores a partir dos quais tenta-se determinar o que é “o veganismo”.

Ao longo da dissertação, os principais pontos por onde passa a constituição de uma ética vegana serão identificados com a análise das questões levantadas na comunidade virtual. No terceiro capítulo, procuro compreender como os veganos realizam a diferenciação entre *animal humano* e *animal não-humano*, sem afirmar, com isso, a superioridade de sua espécie sobre as demais. Para estabelecer as formas possíveis de interação a serem sustentadas com outros tipos de animais, o vegano cria um elaborado sistema de classificação para distingui-los entre si. Essa hierarquização auxilia na definição das problemáticas a serem combatidas pelos veganos. Busca-se,

portanto, desvendar os valores utilizados subjetivamente pelos veganos na distinção de diversas classes de animais e na construção de categorias como *libertação animal*, *exploração animal* e *especismo*. Os veganos consideram o ser humano apenas mais um animal, sendo, ele mesmo, objeto da ética vegana. Estabelece-se uma conexão entre a defesa dos animais e outros movimentos sociais, como aqueles de oposição ao sexismo, à homofobia e à discriminação étnica e racial. É através das discussões sobre religião que se busca compreender a oposição da maioria dos veganos a dogmas e tradicionalismos que inibem a “*libertação humana*”.

Em seguida, aborda-se a difícil relação entre o vegano e “os outros”, sejam eles *carnívoros*, ovo-lacto-vegetarianos ou indivíduos “em transição” para o veganismo. A ênfase neste capítulo recai sobre aquilo que, segundo eles, são operadores de aproximações e de diferenciações entre os veganos e “os outros”: respectivamente, a vontade de transformar a si mesmo e o comodismo. Aqui são apresentados conceitos como “artes da existência”, “cuidado de si” e “poder” todos presentes na obra de Michel Foucault. O veganismo é compreendido como agente de transformações profundas, isto é, de uma intensa e constante reconfiguração de subjetividades. Essa atitude centrada na modificação das disposições interiores é compreendida nesta dissertação como uma forma de politização da vida cotidiana.

O quinto capítulo é dedicado à reflexão sobre o consumo vegano. Devido à impossibilidade de rejeitar tudo aquilo que, em sua concepção, resulta da exploração de animais, os veganos realizam uma hierarquização dos diferentes tipos de boicote. Em geral, exige-se de seus pares mais a recusa de produtos com ingredientes de origem animal, do que a rejeição de empresas que testam em animais e, ainda abaixo nesta escala, o boicote a corporações que patrocinam rodeios. A existência de substâncias de origem animal em um alimento, por exemplo, é vista como motivo maior para o boicote do que sua ocorrência em produtos de higiene. Entre os alimentos, comer carne é sempre mais grave do que consumir algo que contenha leite e ovos. É posta em funcionamento uma moralidade que, a partir de distinções entre “necessidade” e “futilidade”, serve de referência no estabelecimento do que seriam práticas veganas e não-veganais.

CAPÍTULO 1

Apresentação do objeto e do método

Nesse primeiro capítulo, serão expostas algumas características da estrutura do site de redes sociais Orkut, suas principais ferramentas e o modo como os usuários as utilizam. A comunidade *Veganismo*, campo onde se dá essa pesquisa, é apresentada mantendo-se o contexto em que está inserida: em meio a outras comunidades, também espaços de sociabilidade utilizados pelos veganos. Em seguida, realiza-se uma análise mais atenta dos principais aspectos da *Veganismo*. Serão expostos detalhes a respeito do corpus a ser analisado mais atentamente nos próximos capítulos. São apresentados ainda os principais desafios encontrados pela pesquisadora no processo etnográfico em ambiente virtual.

1.1 Compreendendo o Orkut e as comunidades virtuais

O presente trabalho propõe o estudo de interações em uma comunidade virtual, por isso, antes da análise aprofundada do corpus, deve-se atentar para as barreiras tecnológicas impostas à comunicação mediada pelo computador, pois “para compreender como a conversação é estabelecida nesses ambientes, é preciso, também, compreender a ferramenta como meio” (RECUERO, 2009a, p. 120). O Orkut é um site de redes sociais, portanto permite a construção de um perfil ou página pessoal, a interação através de comentários e o acesso à rede social (constituída pela conexão de um ator com diversos outros atores) de cada perfil (BOYD & ELLISON, apud RECUERO, 2009b). Lançado em janeiro de 2004 pelo Google, em três meses, o Brasil já havia se tornado o primeiro país em número de membros do Orkut¹². Em 2010, estatísticas oficiais do site apontavam que 50,60% de seus usuários eram brasileiros, sendo seguidos por 20,44% de indianos e 17,78% de estadunidenses¹³. Cerca de 70 milhões de brasileiros acessam a internet, seja em casa, no trabalho ou em *lan-houses*. Uma pesquisa realizada pelo Ibope indicou que, em 2010, 87% dos internautas

¹² Informações retiradas de postagem de Raquel Recuero em seu blog Social Media no dia 11 de maio de 2008: <http://pontomidia.com.br/raquel/>. Último acesso em: 21 de junho de 2010.

¹³ Informações disponibilizadas em: <http://www.orkut.com/MembersAll>. Último acesso em: 21 de junho de 2010.

brasileiros participavam de alguma rede social na web, o que torna o Brasil décimo país em acesso a redes sociais em todo mundo¹⁴.

O Orkut tem como principais recursos a criação de um perfil e a participação em comunidades. Os perfis são representados por uma foto, um nome e um conjunto de descrições que proporcionam a possibilidade de expressar características pessoais através de questionários em que se deve escolher uma ou mais das respostas disponibilizadas pelo site¹⁵, ou em que o objetivo é preencher com respostas elaboradas pelo próprio usuário¹⁶ (ANEXO 1). É possível divulgar no perfil eventos, vídeos e fotos, uma série de aplicativos permitem a adição, entre outras coisas, de música e de jogos *online*.

A interação com outros perfis é realizada, inicialmente, através do pedido feito por um usuário para que seja aceito por outro como amigo. Efetivado o laço de amizade entre os perfis, passam um a fazer parte da rede social do outro, o que gera a possibilidade de acessar, através da própria página de atualizações, as últimas atividades do perfil do amigo, como: a participação em uma nova comunidade; a modificação de informações pessoais; a adição de novas fotos e vídeos; o recebimento de novos depoimentos; e a postagem de mensagens pessoais.

A forma mais importante de interação nos perfis do Orkut é a página de recados, onde é possível deixar mensagens para amigos e desconhecidos¹⁷. As páginas de recado foram elaboradas para permitir uma *interação assíncrona*, isto é, em que a expectativa de resposta não é imediata. Mas uma vez que essa comunicação passou a se dar também como em uma sala de bate-papos, constituindo uma *interação síncrona*, o Orkut disponibilizou uma nova ferramenta: uma espécie de mensageiro instantâneo em que é

¹⁴ Informações retiradas de: <http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=cald&comp=IBOPE+Intelig%EAncia&docid=3BF88551B2BA150183257769004BACA9>. Último acesso em: 27 de agosto de 2010.

¹⁵ Esse é o caso das informações sobre o relacionamento atual do usuário, data de aniversário, idade, idiomas falados, interesses no Orkut, existência de filhos, etnia, religião, visão política, humor, orientação sexual, estilo de roupas, o hábito de fumar e de beber, afinidade com animais de estimação e pessoas com quem o usuário mora.

¹⁶ Os perfis do Orkut podem ser preenchidos com algumas informações elaboradas pelo próprio usuário mas cujas perguntas foram definidas pelo sistema, são elas: quem sou eu, cidade natal, página web, paixões, esportes, atividades, livros, música, programas de tv, filmes e cozinhas.

¹⁷ Desde que não tenham configurado suas páginas de recado para que recebessem mensagens apenas de perfis de sua rede.

possível visualizar aqueles que estão *online* e, assim, conversar em tempo real¹⁸. Os depoimentos são mensagens enviadas geralmente a amigos mais próximos em que é exposto aquilo que se sente pela pessoa. Como é preciso que o usuário que recebeu o depoimento o aceite para que seja publicado em seu perfil, essa ferramenta foi reapropriada, sendo utilizada sempre que se pretende ter conversas privadas, evitando assim que outros usuários tenham acesso ao conteúdo, como acontece frequentemente nas páginas de recado¹⁹.

Os perfis podem se conectar às milhares de comunidades existentes no Orkut. O site conta com uma área de busca, com isso basta digitar uma palavra-chave para ter acesso às comunidades que a contêm em seu nome. A filiação a uma comunidade se dá da mesma forma que a adição de um novo amigo, primeiramente através de uma *interação reativa*, ou seja, que se efetua com um simples clique, a partir da aceitação de um pedido de amizade ou da efetuação de uma conexão com a comunidade ao clicar no botão “participar” existente em sua página. Uma vez membro da comunidade, o usuário pode estabelecer com os demais membros outro tipo de relação, centrada na conversa e no compartilhamento de informações, constituindo *interações mútuas*²⁰.

A página da comunidade é composta por uma foto, seu nome, descrição dos seus objetivos e regras, espaço para divulgação de eventos, ferramenta para criação de enquetes e um fórum composto por tópicos (ANEXO 2). Cada comunidade conta com um dono e moderadores por ele escolhidos. É deles a prerrogativa de geri-la, podendo expulsar membros e desfazer qualquer atividade realizada pelos usuários, como abrir tópicos. Em algumas comunidades a aceitação de um novo membro depende do aval da moderação. As comunidades estabelecem links para outras através da lista das “comunidades relacionadas”.

Portanto, uma comunidade virtual no Orkut possui um número limitado de formas de promover o contato entre seus membros, sendo a principal delas o fórum, espaço em que podem ser abertos tópicos de discussão. Esses tópicos são organizados no arquivo da comunidade de forma que estarão sempre no topo da lista os que foram

¹⁸ Para um estudo mais detalhado dos conceitos *interação assíncrona* e *interação síncrona* consultar Recuero (2009b) e Primo (1997).

¹⁹ Há a possibilidade de configurar a página de recados de forma que mensagens de outro usuário não sejam vistas por um visitante. No entanto, poucos fazem essa opção.

²⁰ Ao discutir a possibilidade de interatividade nas comunicações, Primo (2000) identifica os sistemas interativos reativos como aqueles que se resumem ao par estímulo-resposta, enquanto aqueles fundados em interações mútuas se dão através da negociação.

respondidos recentemente. Algumas comunidades contam ainda com uma ferramenta de busca, mas para tal precisam ter seu conteúdo aberto para a leitura de não-membros. Qualquer membro pode criar um tópico novo, ao fazê-lo será preciso dar a ele um nome e uma mensagem inicial que explique a proposta. Às respostas a esses tópicos é dado o nome de postagens. O Orkut permite a postagem de imagens e vídeos nos tópicos, mas a habilitação da ferramenta em cada comunidade irá depender da escolha da moderação. A forma de interação nos tópicos, assim como na página de recados dos perfis, é *assíncrona*, mas devido às apropriações dos usuários podem dar origem a *interações síncronas* através de tópicos *chats* (ou bate-papos).

Apesar de o site de redes sociais ser o substrato sobre o qual se desenvolvem as interações entre os diversos perfis, não se deve acreditar na existência de um determinismo técnico, pois os usuários estão sempre prontos a modificar os usos das ferramentas a eles disponibilizadas de acordo com suas necessidades. Os idealizadores desses sites estão atentos a essas transformações, inspiram-se então na criatividade dos próprios usuários para produzir novas formas de interação e remover do sistema aquelas que se tornaram obsoletas.

1.2 Justificando a utilização do conceito “comunidade virtual”

Antes de avançar neste trabalho, cabe esclarecer a escolha do termo “comunidade virtual” para fazer referência a esse agrupamento de atores que constituem redes sociais e estabelecem interações entre si. Comunidade não é utilizado aqui exatamente como forma de definir um conjunto de pessoas que dividiam o mesmo espaço físico, os mesmos hábitos e os mesmos sentimentos em épocas pré-modernas. Toma-se como elemento principal na constituição das comunidades os interesses e sentimentos, não o território.

Bauman (2005) chama de “comunidade de ideias” aqueles agrupamentos que se constituem apenas por compartilhar entre si uma variedade de princípios. Rheingold também enfatiza a importância das relações em sua definição do termo “comunidades virtuais” ao afirmar que tratam-se de “agregados sociais que surgem da Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes

de relações pessoais no espaço cibernético [ciberespaço]” (RHEINGOLD, 1996, apud RECUERO, 2001, p. 6).

O conceito “comunidade virtual” recebe críticas pela suposta ausência nesses agrupamentos de uma base territorial. No entanto, compreende-se o ciberespaço como o lugar abstrato onde se desenvolvem essas interações. Jones (1997) explica que uma comunidade virtual, para existir, precisa de um *virtual settlement* (estabelecimento virtual), um lugar no ciberespaço onde se dão as interações entre os atores que constituem a comunidade. O *virtual settlement* seria “um ciber-lugar, que é simbolicamente delineado por um tópico de interesse, e onde uma porção significativa de interatividade ocorre” (RECUERO, 2001, p. 7).

Portanto, é bastante oportuno chamar de comunidade esse espaço virtual e as relações que perduram no tempo que se desenvolvem em sua base tecnológica. Os membros das comunidades virtuais possuem interesses ou princípios em comum. Embora as interações se deem entre atores dispersos geograficamente, a formação de uma comunidade é possibilitada pela manutenção de um sentimento de pertencimento ao grupo.

1.3 Comunidade *Veganismo*: uma primeira aproximação

A comunidade *Veganismo* existe desde abril de 2004 e, em março de 2011, possuía cerca de 8.000 membros. Esse número cresceu rapidamente durante o período da pesquisa: em maio de 2009 contava-se aproximadamente 6.000 membros, em dezembro do mesmo ano havia cerca de 6.800, alcançando os 7.000 membros em abril de 2010, isto é, um acréscimo de 1.000 membros em um único ano. A *Veganismo* é uma comunidade que se propõe como ponto de “troca de informações e camaradaria (sic) entre veganos e aqueles que tem interesse no veganismo e o que ele tem a oferecer”²¹. É uma comunidade cujo conteúdo é aberto para a consulta de não-membros e cuja atividade de dono e de moderador é ocupada por uma mesma pessoa. Os tópicos mais

²¹ Retirado da descrição da comunidade que, na íntegra, diz: “Comunidade para troca de informações e camaradaria entre veganos e aqueles que tem interesse no veganismo e o que ele tem a oferecer. O que é veganismo? O veganismo é um passo além da dieta vegetariana. Motivados por ética e respeito aos direitos dos animais, os veganos não consomem ou utilizam qualquer tipo de produto de origem animal: carnes, leite e derivados, ovos, gelatina, couro, seda, peles, cosméticos testados em animais, não vão a circos com shows de animais, rodeios, etc. O vegano tenta evitar qualquer coisa, produto, ação que tenha causado sofrimento desnecessário a um ser senciente, seja ele um animal humano ou não-humano”. Último acesso em: 21 de junho de 2010.

antigos de seu arquivo datam de dezembro de 2006, já que, em ocasião de uma falha de sistema do Orkut, todos os tópicos discutidos nos anos anteriores foram apagados.

Na *Veganismo*, não há ferramentas que permitam a postagem de fotos e vídeos, portanto a comunicação é baseada em recursos textuais, sendo os links os únicos elementos utilizados para desviar os seus membros do conteúdo ali postado²². As postagens em um tópico, ao contrário do que ocorre no arquivo do fórum, aparecem organizadas das mais antigas às mais recentes, isto é, cronologicamente. Por encadearem uma sequência linear de respostas, desdobrando-se muitas vezes em duas ou três diferentes discussões em um único tópico, as postagens precisam se expressar de modo que indiquem com quais outros discursos elas se relacionam. Alguns recursos estilísticos são amplamente utilizados pelos membros da comunidade, permitindo assim a construção de uma teia discursiva. Sempre que se pretende responder diretamente a um dos participantes que tenha postado anteriormente põe-se o nome do interlocutor antes do texto que se refere a ele:

Allana diz:
Matias,
concordo com vc.... tens razão em dizer que a pesquisa pode ser manipulada!

Em situações em que se deseja mostrar anuência ao que fora dito por algum dos participantes do tópico, costuma-se efetuar uma citação direta ao conteúdo antes redigido, utilizando, entre colchetes, o número 2, caso seja o primeiro a explicitar concordância em relação à frase, o número 3, caso seja o segundo, e assim sucessivamente.

Roni diz:
A única solução para animais domesticados é a extinção. Mas tenho consciência que hoje isso é utopia. Então é preciso usar de todas as medidas (remediadas) possíveis e que são extensivas do erro original (domesticação), por isso sempre estarão indo contra a naturalidade destes seres.

Raul diz:
A única solução para animais domesticados é a extinção. [2]

²² Em junho de 2010 esses recursos foram adicionados à comunidade, possibilitando uma interação mais leve através de imagens.

Quando se responde a uma parte de um texto postado no tópico por outrem, repete-se a frase ou parágrafo pondo-lo em destaque, seja entre aspas, em itálico, em negrito ou alterando as cores da fonte.

Louise diz:

"A única solução para animais domesticados é a extinção"

Não concordo. Não porque é utopia (até mesmo porque essa palavra é relativa). Mas porque, existe uma extrema problemática acerca do conceitos de "habitat natural".

As fotos dos perfis são elementos que oferecem uma referência não textual sobre os usuários que participam dos tópicos. É comum que alguns veganos adicionem às suas fotos símbolos, espécies de *bottons* que demonstram sua adesão ao vegetarianismo e sua aversão aos rodeios (ANEXO 3). Há aqueles inclusive que adicionam ao seu nome qualificativos como “vegan” ou “vegano(a)”, tornando-se então “Caren Vegana”, “Ju Vegan”, para citar alguns exemplos. A totalidade dos perfis, com seus álbuns de fotos, vídeos, comunidades, redes sociais e descrições pessoais, são recursos a serem consultados pelos participantes de um tópico para identificar seus interlocutores, tirando assim suas próprias conclusões sobre se são ou não veganos, além de efetuar julgamentos sobre suas reais intenções.

Por ser a maior comunidade a tratar exclusivamente sobre esse tema no Orkut, a primeira a aparecer na ferramenta de busca do site quando se procura pela palavra “veganismo” e uma das mais ativas entre essas, a *Veganismo* possui certa centralidade em meio às demais. Fazem parte de sua lista de comunidades relacionadas a “Receitas vegan/vegetarianas” (18.700 membros), a “Vegans às compras” (4.200 membros), a “Antiespecismo” (8.300 membros), a “Musculação Veg.” (1.000 membros), a “Queijo Vegetal – Vegano” (1.300 membros), a “Vegan/Esportes” (400 membros), a “VEGAN POBRE” (700 membros), a “SAC Vegano” (2.000 membros) e a “RECEITAS ÉTICAS” (4.000 membros)²³.

Seus membros frequentemente participam de outras comunidades ligadas aos temas veganismo/vegetarianismo e defesa dos animais. Em algumas discussões, a participação em outras comunidades é mencionada, permitindo a elaboração de uma

²³ Todos os dados referentes ao número de membros das comunidades apresentadas nesse trabalho são aproximados.

rede de espaços virtuais onde os usuários da comunidade também se encontram e constituem novas interações. Esse é o caso de comunidades como a “SAC Vegano” – especializada no compartilhamento de informações disponibilizadas pelos serviços de atendimento ao consumidor das empresas e caracterizada, segundo membros da Veganismo, por sua organização –, a “Vegans às compras”, a “Vegetarianos e Veganos” (5.000 membros) – cujo único tópico que recebe participação é um *chat* –, a “Orgulho Vegan” (1.400 membros), a “VegetarianosxOnívoros” (2.100 membros) – que, de acordo com membros da Veganismo, tornou-se reduto de opositores do vegetarianismo – e a Greenpeace²⁴ (278.400 membros).

1.4 O corpus

A observação participante permanente na comunidade *Veganismo* começou oficialmente no dia 1º de outubro de 2009, estendendo-se até o dia 04 de abril de 2010, quando havia completado 6 meses de contato intenso com os seus debates e dinâmicas. Durante esse período foi mantido um diário de campo – com a anotação de acontecimentos importantes e impressões sobre a maneira como se dava a sociabilidade naquele espaço virtual –, realizou-se um acompanhamento diário das dinâmicas da comunidade – monitoramento que se dava, na maioria das ocasiões, três vezes ao dia – e foi organizado um arquivo cronológico reunindo o que seria o corpus da pesquisa: tópicos da comunidade salvos em arquivos de edição de texto. No entanto, a coleta do material precede essa data, já que um período de aclimatação fora necessário para que, já em outubro, as discussões, muitas delas tendo começado em setembro, passassem a fazer sentido para a pesquisadora. Com isso, figuram no corpus algumas discussões que tiveram seu início em julho de 2009 e foram debatidas até agosto ou setembro. O fim das observações também não se deu de forma brusca, o acesso à comunidade diminuiu em sua intensidade no período de uma semana. A partir do dia 11 de abril, o contato com as discussões passou a ocorrer como anteriormente, na época em que a leitura de

²⁴ Em duas ocasiões membros da Veganismo abriram tópicos estimulando a presença dos veganos em algumas discussões da comunidade Greenpeace. As queixas dos participantes em relação à ONG que dá nome à comunidade se devem, basicamente, à limitação das atividades da organização apenas à defesa de animais silvestres e à não inclusão do vegetarianismo como prática a ser estimulada com o objetivo de combater o desmatamento da Amazônia e o aquecimento global.

seus tópicos se dava exclusivamente pelo interesse pessoal em alguns dos temas ali abordados.

Nos seis meses de pesquisa, foram lidos todos os cerca de 1.050 tópicos abertos pelos participantes da *Veganismo*, sendo o mês de março o mais movimentado e o mês de outubro o mais calmo de todos²⁵. Para fins de análise mais aprofundada foram coletados 100 tópicos que, constituindo assim o corpus, de alguma forma refletiam as principais questões da *Veganismo*, os conjuntos de valores postos em jogo, as diferentes formas de sociabilidade e as disputas primordiais. Deve-se frisar que não foram critérios para a escolha do corpus a quantidade de postagens e o tempo em que se estenderam as discussões em cada tópico, já que as análises aqui expostas não têm um objetivo quantitativo. No entanto, é comum que um tópico com grande número de postagens e que fique bastante tempo em evidência suscite bons debates, por isso a quase totalidade dos tópicos que excederam a marca de 100 postagens foram capturados. É comum que, quanto maior o tempo em que o tópico permanece ativo, maior seja a quantidade de postagens recebidas, mas nem sempre essas variáveis continuam as mesmas. Em épocas de participação excepcional na comunidade, como foi o caso do último mês de observação, pôde-se notar a ocorrência de tópicos que, em menos de 24 horas, chegaram à marca de 200 postagens, o que não é a regra²⁶.

A quantidade de participantes debatendo em um mesmo tópico não varia, necessariamente, de acordo com o número de postagens ou com o tempo em que o tópico permanece em evidência. Há discussões que tomam um formato mais expositivo, isto é, em que a participação não se transforma em uma disputa, não é objetivo convencer o outro a abandonar suas convicções em troca de outras. Nesses tópicos expositivos é comum que a quantidade de participantes seja quase igual à quantidade de postagens²⁷. Há ainda tópicos que acabam por se tornar discussões pessoais entre alguns indivíduos, ganhando assim uma grande quantidade de postagens provenientes de

²⁵ A quantidade de tópicos novos lançados mensalmente foi de aproximadamente 100 em outubro, 150 em novembro, 200 em dezembro, 200 em janeiro, 150 em fevereiro e 250 em março. A média mensal de abertura de novos tópicos foi de 175, com uma média diária de 5,8 novos tópicos de discussão.

²⁶ Os tópicos com maior número de postagens/dia foram: “Apoio da caça esportiva”, com 202 postagens em menos de 24 horas; “Deus não gosta de vegetarianos!”, com 182 postagens em menos de 24 horas; “Vegetarianos/Veganos LEGITIMOS”, com 174 postagens em menos de 24 horas.

²⁷ Esse é o caso dos seguintes tópicos: “TÓPICOS APAGADOS”, 11 postagens e 11 participantes; “Manual do Vegano’ – esquisofrenia!”, 19 postagens e 15 participantes; “Ajuda?”, 12 postagens e 8 participantes; “Raiva anti-veg”, 25 postagens e 22 participantes; e “Qual o seu vício?”, 57 postagens e 42 participantes.

poucos perfis²⁸. É possível dizer então que o número de participantes em um único tópico varia de acordo com a forma que toma a interação naquele microcosmos.

Para que se possa ter alguma ideia da dinâmica da comunidade *Veganismo*, vale, em um primeiro momento, expor alguns dados quantitativos. Levando em conta o total de 1.050 tópicos abertos nos seis meses de observação participante, diariamente foram criados, em média, seis tópicos novos, havendo dias em que nenhuma nova proposta de discussão foi inaugurada, em contraste àqueles dias em que até nove tópicos novos foram abertos. Não foi identificada nenhuma importante variação na criação de tópicos novos de acordo com os diferentes dias da semana²⁹.

Considerando apenas os 100 tópicos escolhidos para compor o corpus de análise, a média de postagens por tópicos é de 98, embora a diferença varie de 11 a 492³⁰. Em média, o número de participantes por tópico é de 45, havendo aqueles em que apenas 7 perfis postaram e, por outro lado, aqueles que atingiram o número de 67 participantes³¹. De acordo com os dados coletados, o tempo médio em que um tópico é discutido antes de cair no esquecimento é de 6,7 dias, havendo aqueles cujo debate não chegou a completar 24 horas e outros que conseguiram ultrapassar um mês provocando o interesse da comunidade³².

1.5 Os atores

²⁸ Têm essas características tópicos como: “Tempos pós-modernos”, 382 postagens provenientes de apenas 20 participantes; e “(OFF) Tudo que não deve fazer em uma tattoo”, 85 postagens feitas por apenas 11 participantes.

²⁹ Embora o tempo da comunidade seja o “tempo do descanso”, o que provoca a ocorrência de muitas discussões noturnas, não é correto afirmar que a participação na *Veganismo* se torna mais intensa durante finais de semana e feriados. Não há grandes variações entre a quantidade de tópicos novos e número de postagens em tópicos quando se compara a comunidade em sua interação nos finais de semana e nos dias úteis. Pode ocorrer, contrariando o senso comum, que o número de tópicos novos abertos diminua drasticamente, como foi notado no feriado da Sexta Feira Santa (02 de abril de 2010), em que apenas um novo tópico fora aberto, contrastando com a média de 5 tópicos diários que se mantinha havia uma semana, voltando a se restabelecer no sábado e no domingo que sucederam o feriado.

³⁰ O tópico com menos postagens entre os 100 analisados é o “TÓPICOS APAGADOS”, com 11 postagens. Já o que conta com maior número de postagens é o “Dá pra deduzir que o pão é vêgan?!”, com 492 postagens.

³¹ No primeiro caso se faz referência ao tópico “Ajuda - quero me tornar vegan”, enquanto o tópico com maior índice de participantes foi o “Vocês pretendem ter filhos? Eu quero ter 6.”.

³² São debates efêmeros que ocorreram em menos de um dia: “Minha irmã...”; “Vamor rir...”; “(OFF) Ataques Trolls”; “TÓPICOS APAGADOS”; “Ajuda - quero me tornar vegan”; “Apoio da caça esportiva”; “Deus não gosta de vegetarianos!”; “Vegetarianos/Veganos LEGITIMOS”. Sobreviveram a mais de um mês: “Capitalismo=Pecuária=Dinheiro”, durando 33 dias; e “Encontro: NATURISMO Vegan”, durando 47 dias.

Neste trabalho, adota-se a distinção entre dois níveis primordiais de relação – variando de acordo com a sua intensidade – entre os perfis individuais e a comunidade, o mínimo laço existente entre eles dá aos indivíduos o status de “integrantes” da comunidade. Uma vez que o “integrante” efetua uma postagem, para fins de pesquisa, ele passa a ser considerado “participante”³³. Todo participante também é um integrante da comunidade, conferindo a ela um peso numérico, mas nem todo integrante é um participante, já que o mais comum é que os perfis conectados à comunidade relacionem-se com ela apenas através da leitura de seu conteúdo, sem com isso intervir nas discussões.

Os “integrantes” se relacionam com a comunidade através de *interações reativas*, isto é, em que a manutenção do vínculo com a rede depende apenas da filiação formal que, no caso do Orkut, ocorre através de alguns cliques, ao se tornar membro da comunidade, estabelecendo um *laço social associativo*. Os “participantes” estabelecem com a comunidade *interações mútuas*, tendo por característica a necessidade de manter uma conversação para que a conexão se mantenha, exigindo assim grandes investimentos, constituindo *laços sociais dialógicos* (RECUERO, 2009b).

Nos 100 tópicos que constituem o corpus, foi contabilizada a participação de 427 diferentes perfis, interação essa que por vezes resume-se a apenas uma postagem. Entre os participantes, ainda, é possível identificar aqueles cuja interação se faz de forma mais intensa: são os participantes assíduos da comunidade *Veganismo*. Esses participantes, que foram identificados como sendo 80, postavam diariamente ou semanalmente durante algum dos períodos analisados.

A distinção entre integrantes e participantes é a maneira encontrada na pesquisa para assinalar quando se fala da totalidade dos perfis que dão peso numérico à comunidade, tornando-a a maior comunidade sobre o tema no Orkut – portanto a primeira a aparecer na lista de pesquisas do site – e o conjunto daqueles que diretamente colaboram com a formação de um saber coletivo, à medida que trocam opiniões ou informações. É a sociabilidade resultante da interação entre os participantes da comunidade o que essa pesquisa pretende abarcar.

³³ Importante chamar atenção para a artificialidade dessas distinções, criadas pela autora com objetivos puramente metodológicos.

A *Veganismo* é um “espaço de subjetivação coletiva” (LAZZARATO, 2006). Teoricamente qualquer um está apto a abrir tópicos e a participar dos debates, mas mesmo quando se opta tão somente pela leitura das discussões, é impossível que, de alguma forma, o indivíduo não seja afetado pela comunidade. As trocas realizadas na *Veganismo* auxiliam os indivíduos na constituição de subjetividades e identidades. Na comunidade, no entanto, a distinção entre os membros, quando se dá, divide os participantes apenas entre aqueles mais assíduos e outros que “raramente participam”, conferindo aos primeiros um capital social diferenciado³⁴.

Os perfis são representações dos atores sociais, “são espaços de interação, lugares de fala, construídos pelos atores de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade” (RECUERO, 2009, p. 25). Entre os participantes há aqueles cujo perfil corresponde a um indivíduo com quem se possa manter contato em ambientes onde a comunicação não é mediada por computador e aqueles em que essa correspondência não existe, os chamados perfis *fakes* (falsos, em inglês).

Nem sempre é simples distinguir entre um perfil “real” e outro “falso”. Geralmente perfis *fakes* possuem fotos que, quando não remetem a objetos, animais ou personagens de ficção, são de pessoas tão forçosamente feias ou bonitas que logo despertam a desconfiança do interlocutor. O nome do perfil também costuma deixar dicas, pois geralmente os *fakes* escolhem para si *nicknames* (apelidos, em inglês) que não correspondem a nomes próprios³⁵. Outra marca importante de um *fake* é a pouca quantidade de conexões, isto é, de amigos adicionados, raramente chegando aos 100, e, conseqüentemente, a baixa atividade dos perfis, que não costumam contar com depoimentos e recados pessoais. Há casos, entretanto, em que um perfil pode ser tão bem elaborado que provoca dúvidas sobre ser ou não falso, podendo esse fato até mesmo passar despercebido³⁶. Por outro lado, houve ocasiões em que perfis de usuários

³⁴ No capítulo 2 serão discutidos alguns valores predominantes na comunidade *Veganismo* que são identificados como possíveis causas da inibição da participação de alguns atores.

³⁵ São alguns exemplos de *nicknames* de perfis *fakes* participantes da *Veganismo*: Alf, Anjinho, Distância, Gattsu e Plantinha.

³⁶ O caráter *fake* de perfis como o de Ana e o de Luiza Meirelles foi discutido do início ao fim de suas participações na comunidade *Veganismo*. A primeira cancelou a sua própria conta do Orkut, provocando o desaparecimento de todas as suas postagens na comunidade. De acordo com pistas deixadas em seus próprios comentários os participantes deduziram que ela era uma das inúmeras mulheres que sofrem de anorexia e decidem adotar um perfil *fake* sob o apelido de “Ana” para participar de comunidades Pró-Ana (favoráveis à anorexia) e Pró-Mia (favoráveis à prática da bulimia). Já Luiza Meirelles foi expulsa da *Veganismo* após declarações homofóbicas.

com os quais manteve contato pessoal foram acusados por outros participantes de serem falsos por possuírem algumas dessas características comuns aos perfis *fakes*. Nesta dissertação, todos os participantes, exceto os perfis sabidamente *fakes*, tiveram seus nomes substituídos por outros fictícios, visando a preservação da privacidade.

Embora muitos *fakes* participem assiduamente da comunidade, em geral, o fato de estarem “escondendo sua verdadeira identidade” deixa-os em situação de desvantagem frente a outros participantes quando ocorre algum desentendimento. São vistos como aqueles que não têm nada a perder na discussão, pois não precisam prezar por suas reputações. A *reputação* é um valor importante na sociabilidade estabelecida na *Veganismo*, pois se tratando de uma comunidade centrada no embate de opiniões, essas informações fornecidas sobre si são constantemente acessadas para que se formem impressões sobre os outros. Esse recurso ao histórico discursivo do outro, possibilita o julgamento moral dos demais participantes, assim como o estabelecimento de afinidades e antipatias³⁷. Naqueles casos em que o perfil *fake* é novo na comunidade e logo de início propõe questionamentos sobre a ética vegana, a desconfiança é ainda maior, pois pode se tratar de um *troll* ou até mesmo de um *alfascista*.

No folclore escandinavo, os *trolls* são monstros grandes, fortes, feios e pouquíssimo inteligentes. Apesar de tradicionalmente prejudicarem os seres humanos, os *trolls* são considerados mais engraçados e maliciosos do que definitivamente perniciosos. Pessoas irritantes e desagradáveis são frequentemente chamadas de *trolls*³⁸. Na linguagem da internet, *trolls* são usuários que violam as regras de convivência *online*, alterando as dinâmicas de interação de uma comunidade virtual, desorganizando os conteúdos de redes colaborativas e promovendo ataques pessoais aos seus usuários. Geralmente os *trolls* são perfis *fakes*, costumam agir quando menos se espera e possuem algum conhecimento sobre os seus alvos. O neologismo “trollar” é utilizado para descrever a ação de um *troll*.

³⁷ Embora não se possa controlar a forma como os diferentes sujeitos leem os textos, reconhecendo-se a possibilidade de diferentes interpretações, parte-se do pressuposto de que “os atores são conscientes das impressões que desejam criar e dos valores e impressões que podem ser construídos nas redes sociais mediadas por computador. Por conta disso, é possível que as informações que escolhem divulgar e publicar sejam diretamente influenciadas pela percepção de valor que poderão gerar” (RECUERO, 2009b, p. 118).

³⁸ Informações retiradas de: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:fPHx5pr9WLgJ:www.essortment.com/all/whataretroll_rxyn.htm+what+are+trolls&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Último acesso em 14 de junho de 2010.

Na comunidade *Veganismo* a atuação dos *trolls* se dá periodicamente. Aqueles *trolls* que procuram rebater ou ridicularizar o ideal vegano são chamados pelos participantes de *alfascistas*³⁹, um trocadilho bastante oportuno, já que dá a ideia de que esses *trolls* são os “protetores das alfaces” – fazendo referência a um argumento bastante utilizado por eles para rebater o veganismo: “vegetais também sentem dor, portanto não deveriam ser mortos pelos vegetarianos” – e fazendo menção, ao mesmo tempo, a uma índole “fascista” bastante comum entre os *trolls* anti-vegetarianismo, que demonstram frequentemente ser machistas, homofóbicos e racistas.

Os *alfascistas* não agem de uma forma homogênea: podem se apresentar como estando interessados pelo veganismo, expressando-se assim de maneira irônica; ou podem mostrar de cara as suas intenções, optando assim pela argumentação ou pela utilização deliberada de palavras de baixo calão⁴⁰. Há comunidades no próprio Orkut que reúnem os *alfascistas*, como a “Alfaces são amigas, não comida!” (9.600 membros) e a “Pérolas Vegetarianas/Vegans” (2.000 membros)⁴¹.

1.6 Realizando uma etnografia na internet

Apesar de apresentar vantagens quando comparada ao método tradicional, a observação participante na internet impõe uma série de desafios. Pretendo expor ganhos e perdas, constatados no decorrer da pesquisa, referentes à adaptação do método antropológico ao estudo das chamadas comunidades virtuais.

A principal vantagem trazida por esse tipo de etnografia é a inquestionável invisibilidade do pesquisador, que pode ler o conteúdo produzido sem restrições e sem a necessidade de se apresentar como tal, sem provocar assim interferência na dinâmica habitual do grupo estudado (AMARAL, NATAL e VIANA, 2008; BRAGA, 2006). A dimensão de participação do observador é diminuta, limitando-se à interpretação das

³⁹ A palavra pode ser grafada como *alfacista* ou *alfascista*, isto é, com ou sem um “s”. A escolha pela grafia com “s” tem como finalidade a preservação do duplo significado dessa categoria nativa.

⁴⁰ Uma análise mais profunda das relações entre veganos e *alfascistas* será realizada em capítulos posteriores.

⁴¹ Descrição da comunidade “Alfaces são amigas, não comida!”: “comunidade criada para conversas sadias entre todas as tribos. sem preconceitos e fanatismos. cada 1 respeitando o gosto alimentar e visão do outro. Aviso aos radicais: ‘... nós respeitamos o gosto de vocês por rúcula, respeitem o nosso por picanha...’ [...] todo o poder aos alfacistas!!!”. Descrição da comunidade “Pérolas Vegetarianas/Vegans”: “Pq os vegans tem mania de disseminar tanta besteira e informações falsas pela internet? Se for por falta de informação, essa comunidade vai ajudar a desvendar tanta besteira postada por aí.”. Retirada de: www.orkut.com. Último acesso em 14 de junho de 2010.

narrativas ali produzidas. No entanto, essa observação não autorizada deve ser problematizada pelo pesquisador. No caso específico da etnografia em comunidade virtual, não enfrentei dilemas éticos em eclipsar minha presença como pesquisadora, já que percebi muito cedo que os participantes, ao postarem suas opiniões na *Veganismo*, demonstram ter plena consciência de estarem sendo observados. Em diversas ocasiões, membros da comunidade fizeram menção à possibilidade de haver opositores do veganismo lendo suas postagens ou, até mesmo, jornalistas coletando informações sobre os veganos para a realização de alguma reportagem. A comunidade é vista por seus participantes como um dos principais espaços na internet a ser utilizado como fonte de pesquisa por pessoas interessadas em conhecer o veganismo.

Minha participação na comunidade nunca foi expressiva. Durante o período em que monitorava a *Veganismo*, respondi apenas duas vezes a tópicos, fazendo comentários sucintos que prontamente foram ignorados em discussões que passariam das 100 postagens. Para falar a verdade, nunca tive muito talento e paciência para me fazer ouvir em discussões de comunidades do Orkut, sempre preferi fazer parte da massa de leitores, postando apenas em casos de profunda indignação ou em que acreditava ter alguma informação verdadeiramente importante para compartilhar.

Devido à inexistência de relação direta entre pesquisador e aqueles que compõem seu objeto de estudo, a princípio não há exigências de tomada de posição e constituições de compromissos e lealdade com os “nativos”. No entanto, a identificação com alguns ideais pode sempre surgir, principalmente quando se trata de uma *insider* que, inclusive, conhecia participantes da comunidade *Veganismo* pessoalmente. Um breve relato sobre a minha condição de *insider* pode bem ilustrar a tensão existente entre *familiaridade* e *estranhamento*, temas caros à literatura antropológica contemporânea (CAIAFA, 2007; CAVALCANTI, 2003; DAMATTA, 1978; VELHO, 1978). Como vegana, envolvi-me em um duplo processo de afastamento do familiar. Ao decidir me abster de produtos de origem animal, desnaturalizei a visão socialmente aceita de que animais existem para serem usados pelos humanos. Tornei-me, assim, uma *outsider* em relação à sociedade mais ampla (BECKER, 2008). Ao abranger meu interesse pelo veganismo ao campo acadêmico, passei a ser vista como uma pesquisadora *insider* pelos meus pares. Assumo não ter poupado esforços na tentativa de desnaturalizar o familiar para que o visse, como destaca Gilberto Velho, “não

necessariamente como exótico mas como uma realidade bem mais complexa do que aquela representada pelos mapas e códigos básicos nacionais e de classe através dos quais fomos socializados” (VELHO, 1978, p. 45). Cabe ao pesquisador enfrentar tais dificuldades com seriedade, tendo plena noção do lugar de onde observa e esforçando-se para desconstruir aqueles discursos que, de certa forma, também são os seus.

É importante chamar atenção para a possibilidade de transformarmos a proximidade em um distanciamento excessivo. Ao final do período de observação participante, percebi que algo havia mudado em minha relação com o objeto de estudo. Adotei uma postura de estranhamento tão intensa que sentia-me como se não fizesse mais parte daquele mundo, tanto como vegana, quanto como integrante daquela comunidade do Orkut. Vivi, nesse período, um notório distanciamento, dessa vez também físico, em relação ao meu ciclo de amizades vegano, o que se deveu ao olhar mais crítico sobre determinados posicionamentos adotados por alguns colegas. Apesar disso, não renunciei ao veganismo. A imersão no campo virtual também provocou meu afastamento do Orkut nos meses em que me dediquei à escrita da dissertação. O site de redes sociais perdeu sua magia, ao menos temporariamente.

É frequentemente apontada como vantagem da etnografia virtual a inexistência da necessidade de um deslocamento geográfico. Defendo que, embora a observação participante na internet seja vantajosa nesse aspecto, pode também provocar uma sobrecarga do trabalho do pesquisador. A comunidade virtual está sempre em movimento, a qualquer momento as interações podem ocorrer. Essa dinâmica ininterrupta exigiu a observação mais do que diária da comunidade: o monitoramento dos tópicos foi feito em três turnos, consumindo em média três horas por dia, podendo variar de acordo com a intensidade das postagens. Como pesquisadora, tornei-me escrava de meu objeto.

A existência de arquivo de tópicos nas comunidades do Orkut, possibilitando a consulta das discussões *a posteriori*, é sem dúvida um ganho. No entanto, a pesquisa não deve ser baseada unicamente nesses documentos, já que apenas a sua leitura não capta a riqueza das interações que os constroem⁴². Tópicos podem ser apagados pelo

⁴² Braga (2006) refere-se exatamente a esse risco ao ressaltar que “Os *logfiles* apresentam apenas uma vista aérea da interação geral, ou seja, um ponto de vista típico do/a analista, não do/a participante da CMC, uma instância corrente, em processo, além de perder a possibilidade de capturar como os/as participantes estabelecem aquela interação ao longo do tempo” (BRAGA, *op. cit.*, p. 7).

moderador em questão de horas, assim como um participante pode “deletar” suas próprias postagens, deixando a totalidade do texto sem sentido. No início das observações, a captura dos tópicos, que eram salvos integralmente em arquivos do editor de texto Word, dava-se quinzenalmente – embora a observação sempre tenha sido diária. Ocorreu que, em duas ocasiões, nesse espaço entre o acompanhamento das discussões e a captura, perfis foram apagados por seus próprios usuários, o chamado “orkuticídio”, fazendo então com que todas as postagens antes atribuídas a esses participantes desaparecessem. Outra situação que presenciei foi a mudança de nome e foto de alguns perfis, o que poderia causar a falsa impressão de que se tratava de um participante diferente caso não fosse mantida uma observação diária da comunidade.

A única dificuldade que admito não ter transposto por completo foi causada pela vivacidade da participação noturna na *Veganismo*. O tempo *online* é, geralmente, o tempo do descanso, não o tempo do trabalho, por isso as discussões costumavam se estender até o início da madrugada, momento em que, devido aos meus hábitos diurnos, estava dormindo. Com isso, nas primeiras horas do dia, a leitura das novas postagens era a minha primeira atividade (vindo antes mesmo do café da manhã).

A comunidade deve ser lida como um único texto, isto é, não se deve considerar os tópicos isoladamente. É preciso compreender que, por detrás dos perfis, existem pessoas com suas emoções e racionalidades. As relações que se constituem naquele espaço virtual, embora não se deem face a face, não deixam de ser reais para aqueles que as protagonizam. A discussão de um assunto polêmico como religião e drogas, por exemplo, raramente se resumirá aos debates de um tópico, mas invadirá também conversas em tópicos que tratam de outros temas. Como será apresentado no próximo capítulo, há períodos em que um assunto domina os debates na comunidade.

O julgamento sobre a conduta dos demais participantes também extrapola os limites dos tópicos. Prova disso é que, por vezes, a postura de um participante em um tópico discutido há meses é evocada como forma de avaliar sua legitimidade ou, o que é mais comum, como justificativa para desconsiderar suas opiniões. Portanto, os conflitos e cooperações não se limitam à estrutura do tópico, podendo transcender até mesmo os limites da comunidade, ao estender-se a outras comunidades ou, indo mais além, às relações constituídas fora da internet.

É preciso ainda entender as dinâmicas *online* como apenas um desdobramento das experiências cotidianas dos indivíduos, com isso é impossível separá-las dos acontecimentos sociais. As interações nas comunidades virtuais sofrem influência, ou são até mesmo pautadas, por resoluções de órgãos estatais, por informações veiculadas pelos meios de comunicação, pela existência de uma indústria cultural de massas e pela vivência de datas comemorativas nacionais e internacionais, ou seja, pela predominância de fatores que afetam igualmente quase todo o corpo social.

Em resumo, as comunidades virtuais constituem redes sociais densas e complexas, sua interpretação exige que o pesquisador esteja atento não apenas aos textos nelas construídos, mas às dinâmicas produzidas pelas interações entre os diferentes atores, sem negligenciar as condições em que tais relações se desenvolveram.

CAPÍTULO 2

Perfis e interações na comunidade *Veganismo*

E façamos votos para que no contexto das novas distribuições das cartas da relação entre o capital e a atividade humana, as tomadas de consciência ecológicas, feministas, anti-racistas etc. estejam mais prontas a ter em mira, a título de objetivo maior, os modos de produção da subjetividade – isto é, de conhecimento, cultura, sensibilidade e sociabilidade – que dizem respeito a sistemas de valor incorporal, os quais a partir daí estarão situados na raiz dos novos Agenciamentos produtivos.

(GUATTARI, 1990, p. 33)

A atual pesquisa foi realizada em um momento bastante singular da comunidade *Veganismo*, já que ela atravessava um período de questionamento sobre o seu papel enquanto principal espaço de debates sobre essa temática na rede social Orkut, a mais popular do país. Adiante será apresentada, em ordem cronológica, uma breve retrospectiva que irá expor os principais acontecimentos que dão ritmo à comunidade durante esses seis meses de observação participante.

2.1 Dinâmicas da comunidade

Em três anos, houve uma visível mudança no conteúdo dos tópicos postados na comunidade. Em 2007, trocava-se muita informação sobre nutrição (dúvidas sobre como suprir as necessidades do organismo de proteína, ferro e cálcio, ou sobre qual a forma mais segura de suplementar a B12⁴³) e consumo (sugestões sobre onde encontrar produtos veganos, quais ingredientes são de origem animal e quais empresas testam em animais). A comunidade era utilizada, além disso, para divulgar reportagens, eventos e manifestações relacionadas à causa animal, recursos utilizados ainda no momento da pesquisa.

Grande parte dos tópicos possuíam apenas a postagem inicial, isto é, não eram respondidos. Uma discussão na *Veganismo* raramente ultrapassava a marca das 50 postagens. No período marcado pela pesquisa, houve a predominância de debates

⁴³ A vitamina B12 é a única substância que não pode ser suprida com uma alimentação de origem estritamente vegetal, por isso os veganos precisam ingerir sua forma sintética regularmente para manter os níveis normais da vitamina no corpo. Essa substância é produzida por bactérias que habitam o organismo dos animais. Apesar de também existirem microorganismos produtores de B12 no corpo humano, a vitamina não pode ser absorvida devido às bactérias estarem localizadas no cólon intestinal.

centrados na definição do que seria uma conduta ética vegana, mesmo naqueles tópicos que, em uma primeira aproximação, pareciam não ter ligação alguma com o veganismo (caso dos tópicos sobre drogas, religião e sexualidade), os chamados *off topics* (tópicos fora do assunto)⁴⁴.

2.1.1 Dogmas e moralidades

Nos dois meses que antecedem a entrada definitiva em campo, em outubro, há a predominância de acaloradas disputas sobre o tema religião. Pode-se identificar diferentes posicionamentos frente a essa questão. Entre os católicos, destacam-se Cristiano, que diz não participar dos cultos oficiais da igreja, embora defenda seus principais dogmas, e os *fakes* Luíza Meirelles e Ana, ambos criacionistas. Há também aqueles favoráveis à elaboração de um conjunto de crenças bastante pessoal, através da mescla de diversos credos, é o caso de John, que busca o estabelecimento de uma conexão com o divino em alguns cultos afro-brasileiros; de Joana, que, mesmo com bastante receio, afastou-se do terreiro que freqüentava após a mãe de santo exigir a realização do sacrifício de uma cabra; de Sônia, espírita kardecista e feminista; e de Matias, que integra a leitura de livros espíritas com os ensinamentos de religiões orientais como o budismo e o hinduísmo.

Os ateus criticam o que qualificam como “dogmatismo religioso”. Alguns deles são Marcelo, que exige dos veganos uma abordagem científicista, evitando a conexão entre veganismo e crenças religiosas; Eric, que diz ter recusado uma concepção criacionista de mundo, proveniente de seus estudos em colégios católicos, durante sua graduação em biologia; e Allana, historiadora que pesquisa o espiritismo kardecista e que, havia um ano, abandonara essa religião.

As principais polêmicas, no entanto, sempre ocorreram entre os criacionistas, que acreditam na existência de uma “ordem natural” das coisas, e os demais participantes da comunidade. Luíza Meirelles e Cristiano são acusados de homofobia devido a declarações que qualificam o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo como sendo antinatural. As discussões sobre religião ocorreram com bastante

⁴⁴ Tópicos cujo assunto é considerado distinto daquele que é o foco da comunidade e que, a fim de serem distinguidos dos outros, são identificados pela palavra inglesa (OFF), em caixa alta e entre parênteses ou colchetes, antes de seu título.

intensidade entre agosto e novembro de 2009. É sobre esse tema a terceira maior discussão do período, “Tempos pós-modernos”, reunindo 382 postagens em 3 semanas.

Matias começa a participar da comunidade em agosto de 2009, criando tópicos e opinando em quase todas as conversas. Sua presença ativa na *Veganismo* é atravessada por uma tentativa de impor um ritmo à comunidade bastante diferente de sua dinâmica usual. Ele se põe como moderador das discussões, tentando propor sínteses que representem aquilo que ele considera o posicionamento dos veganos sobre diversos assuntos. Matias procura através dessas generalizações construir um conjunto de princípios morais a ser seguido quando, em suas próprias palavras, “o mundo estiver pronto”, “houver um consenso mundial” e “a maioria da população for vegana”. Essa visão totalizante não é comum entre os veganos da comunidade, mais preocupados com sua ética particular e com questões relacionadas ao cotidiano.

Éris posta diariamente tópicos “OFF” que costumam gerar grande participação da comunidade, mesmo que isso se dê frequentemente pelo teor agressivo e preconceituoso existente em muitos deles. Ela é conhecida por todos pela sua habilidade em distribuir qualificativos pejorativos a ovo-lacto-vegetarianos e àqueles que comem carne⁴⁵, comumente chamados de cretinos, comedores de pus, fezes e menstruação. Os próprios veganos não escapam de sua fúria, basta que se oponham à sua opinião para serem chamados de acéfalos, retardados e escória. Éris, no entanto, dispõe de popularidade entre os participantes da comunidade, que respondem os tópicos mais triviais por ela lançados e fazem questão de expressar sempre que possível seu ódio ou admiração à sua figura.

Outra questão recorrente nos primeiros meses de observação da *Veganismo* foi o combate ao fumo, assunto estimulado por todos os meios de comunicação devido à entrada em vigor da lei antifumo no estado de São Paulo e à aprovação da proibição do fumo em locais fechados em outras unidades federativas⁴⁶. As controvérsias sobre o

⁴⁵ Os veganos comumente se referem a pessoas que comem carne como “onívoros”, “carnívoros” e “creófilos”, substantivos que apenas serão utilizados no corpo do texto quando se fizer referência à forma de expressão de algum dos participantes. Na maioria das vezes será feita referência a eles como se tratando de não-vegetarianos ou, simplesmente, pessoas que comem carne.

⁴⁶ A lei que proíbe o fumo em locais fechados no Estado de São Paulo entrou em vigor no dia 7 de agosto de 2009. Na mesma época, leis antifumo eram discutidas ou aprovadas nos seguintes estados onde a proibição atualmente foi efetivada: Rio de Janeiro, Paraná, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Rondônia, Sergipe e Tocantins. Informação retirada de: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:1pNgurUxzAEJ:noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI4418572-EI8139,00Lei%2>

caráter vegano dos cigarros geraram um forte embate entre alguns participantes e os veganos que assumem fumar⁴⁷. Matias é forte opositor da prática do fumo, pois para ele o cuidado com a própria saúde é tão importante quanto o veganismo. Rômulo é um ex-fumante que profere julgamentos incisivos contra aqueles que ainda o são com a habilidade de quem nunca pôs um cigarro na boca. Outros ex-fumantes como John, Marcelo e Eric, não criticam aqueles que enfrentam o vício. Hera, uma fumante aposentada que vive só com seus gatos na cidade do Rio, é quem mais sofre com as acusações de Matias. O veganismo, rótulo que, pelas críticas, resolveu abandonar em nome do “vegetarianismo estrito”⁴⁸, chegou em sua vida já tarde, quando beirava os sessenta anos. O cigarro veio bem antes, mas é um vício que pretendia largar assim que estivesse em condições de fazer um “tratamento sério”. Juan Lee também recebe críticas por fumar que, assim como para Hera, tornar-se-ão um verdadeiro fardo, já que em outras discussões haverá quem – a fim de desconsiderar suas opiniões sobre outros temas – utilizará o tabagismo como uma mácula que os desqualifica enquanto veganos.

Éris diverte-se caçoando dos erros de ortografia cometidos pelos participantes da comunidade. Quando, raramente, comete algum deslize na escrita da língua materna, costuma justificar a gafe devido à utilização diária de diversos idiomas nos Estados Unidos, onde mora. Fabi também culpa o inglês pelos eventuais erros de português. Casada com um norte-americano, Fabi espera a regularização de sua situação como estrangeira em solo estadunidense para atingir sua independência financeira. A correção gramatical dos textos e a capacidade de argumentação são características valorizadas entre os participantes da *Veganismo*. A inaptidão na comunicação escrita é um pretexto frequentemente utilizado para ridicularizar participantes, sejam eles veganos ou *alfascistas*. Há tópicos que, em quase sua totalidade, prestam-se a expor os erros nas

Bantifumo%2Bde%2BEstados%2Bso%2Bproibem%2Bfumodromo.html+lei+antifumo%2Bestados&cd=7&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=BR. Último acesso em 14 de junho de 2010.

⁴⁷ Embora alguns veganos garantam que todos os cigarros são testados em animais, empresas como a Souza Cruz garantem não realizar esse tipo de testes. Há cigarros que possuem em sua composição ingredientes de origem animal, como o mel, mas esse não é o caso do Lucky Strike, por exemplo, e de alguns cigarros artesanais.

⁴⁸ O vegetarianismo estrito é compreendido como uma dieta em que não é utilizado nenhum alimento de origem animal. Os veganos marcam a diferença entre o vegetarianismo estrito e o veganismo explicando que esse último não é uma dieta, mas uma concepção ética, por isso inclui uma relação de recusas no campo do consumo mais ampla: boicota-se ingredientes de origem animal em cosméticos e roupas, por exemplo, assim como se evita o consumo de produtos que tenham sido testados em animais.

postagens alheias⁴⁹. Esse é o caso do tópico “Vegetarianismo é crueldade”, provocação do *troll* Ruhl que inaugura a “primeira invasão *alfascista*” do período estudado, que ao todo serão quatro.

O tópico, que teve início em novembro, é considerado entediante pelos participantes, já acostumados com esse tipo de intervenção em que um *alfascista* acusa os vegetarianos de matarem vegetais, ilustrando a brincadeira com um link que remete a uma das ilustrações produzidas pela Meavels⁵⁰. Outro *alfascista*, Mr. Yagami, intervém na discussão e defende o consumo de carne com base na “naturalidade” de tal ato. Yagami ausenta-se da discussão após demonstrar respeito pela causa vegana, considerada por ele “nobre, apesar de perdida”. Ruhl continua participando da comunidade por um curto período, dizendo-se simpatizante do movimento. Tanto Ruhl quanto Yagami cometem muitos erros gramaticais, em especial o primeiro, que chega a trocar ofensas pessoais com Fabi, que considera-o burro. Ruhl e Mr. Yagami são personagens que se complementam: Ruhl é um aficionado em fisiculturismo, enquanto Yagami interessa-se por ciência e tecnologia, constituindo a velha narrativa da oposição “corpo e mente”. Entretanto, Ruhl deixa transparecer que não é tão ignorante quanto faz crer com seu jeito ingênuo e infantil, ao mesmo tempo em que Yagami não aparenta ser tão inteligente quanto tenta demonstrar. Não seria de surpreender caso Ruhl e Mr. Yagami fossem criações de uma mesma pessoa.

Paralelamente à invasão *alfascista*, ocorre o que muitos participantes pediam havia algum tempo, a expulsão de Luiza Meirelles sob a acusação de promover um discurso homofóbico. Em um tópico Luiza havia declarado que “o homossexualismo é prejudicial à humanidade, pois é imoral e contra a natureza”. Ela compara a

⁴⁹ Em meados de outubro, um acento circunflexo na palavra *vegan*, produzindo uma corruptela que imitava a pronúncia do termo realizada por alguns brasileiros, levou o tópico intitulado “Dá pra deduzir que o pão é vêgan?!!” a quase 500 postagens em apenas uma semana. Éris foi quem provocou a polêmica em torno da nova grafia proposta pelo criador do tópico que, inicialmente, só queria saber como identificar um pão vegano.

⁵⁰ A Meavels é “uma organização sem fins lucrativos que tem como principal objetivo educar as pessoas sobre bons hábitos alimentares. Difundindo o orgulho carnívoro e seus benefícios para sociedade e o meio ambiente, através de ações e campanhas educativas”. Retirado de: www.meavelsfoundation.blogspot.com. Último acesso em 16 de junho de 2010. O tom humorístico do blog deixa dúvidas sobre o verdadeiro objetivo de seus criadores. Há duas histórias contadas em comunidades veganas que explicam a existência da Meavels. Em uma delas, a Meavels seria uma brincadeira de um vegetariano com o intuito de ironizar os argumentos daqueles que se diziam carnívoros. A outra versão aponta a Meavels como sendo criação de um ex-vegetariano.

homossexualidade à pedofilia, ao incesto e à criminalidade. Para ela, homossexuais seriam uma influência negativa, principalmente para as crianças.

Éris, amiga do dono da comunidade e único moderador, Miguel, também pediu a expulsão de Cristiano – para quem a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo é anatomicamente “antinatural” –, mas não foi atendida. Cristiano, Matias e outros participantes gostariam, por sua vez, que Éris fosse expulsa, por ser grosseira principalmente com aqueles que buscam conhecer o veganismo através da comunidade. Matias, em um questionamento que se repetiria muitas vezes até o fim do período de observação participante, reclama da inexistência de regras fixas que rejam a conduta da moderação.

2.1.2 Sexualidade e intimidade

Chegado o mês de dezembro, um tópico de Éris causa a revolta dos cristãos da comunidade. A postagem em questão ridicularizava pessoas que se diziam curadas pela fé em Cristo. Essa é a última discussão sobre religião que antecede as festas de final de ano. Nas últimas duas semanas de 2009 dá-se a “segunda temporada de invasões *alfascistas*”. João Henrique é um *troll* que escreve apenas o seguinte: “vocês são esquisitos. Eu sou carnívoro... carnívoro mesmo, só como praticamente carne... por que não comer carne?”⁵¹. Outro *alfascista*, I., que se apresenta como um vegano misantropo que se importa apenas com os animais, participa do tópico aberto por João Henrique escrevendo e, por vezes, apagando suas próprias postagens repletas de todo tipo de xingamento e revolta contra a sociedade. Sua participação em outros tópicos da época se resume a não mais que uma linha preenchida por expressões de baixo calão. Como é visto nesse exemplo e em ocasião da primeira invasão *alfascista*, os *trolls* frequentemente aparecem nas comunidades em dupla ou em grupos maiores. É comum também que, após a abertura do primeiro tópico em uma invasão *alfascista*, outros o sucedam. Foi exatamente isso o que ocorreu durante as últimas semanas de 2009.

Passando-se por vegano, O Mário – perfil *fake* cuja foto faz referência ao personagem de *video game* com mesmo nome, o Super Mário – diz estar desesperado porque, desde que parou de comer carne, perdeu o interesse pelo sexo oposto. O tópico

⁵¹ Hera levantava a possibilidade de se tratar apenas de uma pessoa procurando informação, mas não foi ouvida pelos demais participantes que responderam de forma irônica à acusação de serem esquisitos.

em questão se chamava “Eu sou vegan e gay” e tentava provocar a revolta dos veganos através da ligação entre veganismo e homossexualidade, o que não ocorreu. Juan disse achar a coisa mais normal do mundo ser vegano e gay. Doug, em tom de brincadeira, explica que acharia estranho se O Mário dissesse ser vegano e heterossexual. Matias sente-se ofendido com a declaração de Doug pois, em sua opinião, confirmava a suspeita de O Mário.

Esse tópico gera um debate sobre a melhor forma de se agir em tempos de invasão *alfascista*. Aqueles que se prestam a responder seriamente a ele são criticados. Alguns utilizam o espaço para conversar sobre os jogos de *video game* do personagem Super Mário. Guilherme é sempre favorável de que se ignore os *trolls*, utilizando os tópicos para a discussão de qualquer coisa, até mesmo o tema proposto. Matias e Vera mostram-se indignados por ser esse o tipo de tópico que cresce, contribuindo, ironicamente, com suas postagens para manter as discussões entre as mais cotadas. Matias gostaria de ver tamanha mobilização em “tópicos sérios”. Caso fosse moderador, ele diz, apagaria todos os tópicos abertos por perfis *fakes* e aqueles tópicos que considerasse inúteis.

Kiss já conhecia O Mário de uma comunidade sobre casacos de pele, o que evidencia o envolvimento do *alfascista* no combate aos defensores dos animais. Outro *alfascista* que participa dos tópico de O Mário é Aff. Em sua única postagem, cujos erros de ortografia exageram as incorreções presentes na pronúncia de palavras entre as camadas menos letradas, Aff conta também ter se tornado homossexual após adotar o veganismo⁵².

Já no último dia do ano, o *alfascista* Ovo Fritroo abre um tópico perguntando se vegano come ovo, tornando-se motivo de piada para alguns, até que Tina propõe, no mesmo tópico, a discussão sobre o consumo de ovos de galinhas criadas soltas, rendendo mais de uma centena de postagens. Com o debate já encaminhado, Ovo Fritroo, visivelmente empolgado, diz ser aquele o primeiro tópico que abre a atingir tamanha repercussão.

⁵² Aff deixa a seguinte postagem para O Mário: “tamen çou gay, nun ti xamu p fica cumigu, purqui dipois qui entrei pra çeita dus vega virei mozza di familia, cazei cun meu bofi, o carlao, virei manikin di cimiteriu, e so muinto felis. Antiz da çeita, eu era proztituidu, era gogo boy. Agora ço moçu bom i finu. So comu bifi di caxca di banana”.

A segunda invasão *alfascista* coincide com um momento de inegável mudança de comportamento entre os participantes da comunidade. O período que antecede o Natal e se estende até as primeiras semanas do mês de janeiro vive a predominância de uma temática mais leve e de uma atmosfera confessional. A exposição das próprias fraquezas frente à ascese rigorosa exigida pelo veganismo se dá sem o julgamento alheio, fato digno de nota já que, na comunidade *Veganismo*, a conduta de seus participantes sofre as mais variadas críticas. No tópico “Recaídas, Deslizes, etc.” os veganos narraram ocasiões em que, de forma intencional ou acidental, consumiram produtos de origem animal. O sentimento de culpa une todos aqueles que admitiram enfrentar, mesmo após anos de veganismo, dificuldades em negar um pedaço de chocolate ao leite ou de queijo.

A proximidade do Natal e do Réveillon gera discussões em que é posto em questão o difícil relacionamento entre os veganos e suas famílias, geralmente não-vegetarianas. O contato com familiares distantes do convívio diário torna necessário explicar o que é o veganismo, introduzindo princípios da ética animal, desvinculando assim a postura de rejeição a certos produtos de preocupações com a saúde. Em um tópico, alguns participantes admitem tomar refrigerantes nas reuniões familiares, mesmo que não gostem dessas bebidas, com o seguinte intuito: mostrar a todos que sua opção alimentar ocorreu por motivações estritamente éticas, isto é, que não se importam com a própria saúde.

A dificuldade para se alimentar durante a ceia de Natal é tema de um tópico direcionado à exposição de dramas pessoais: aqueles que nunca encontram o que comer nas festas de família se lamentam, enquanto os mais precavidos levam sua própria comida ou alimentam-se antes de sair de casa. Há famílias que se mostram compreensivas ao preparar opções de pratos sem ingredientes de origem animal. John não é o único vegano em sua casa, conta com a companhia de seu pai e de uma irmã, que é ovo-lacto-vegetariana, por isso tiveram uma ceia vegana. Após o Natal e, dias depois, após o Réveillon, os participantes da *Veganismo* contaram o que comeram durante a ceia e narraram situações inusitadas vividas em família devido ao veganismo. Duda deixou muitos impressionados ao abrir um tópico pedindo conselhos sobre como lidar com a sua avó, uma senhora de 86 anos que, durante o almoço de Ano Novo, ajoelhou-se implorando que sua neta voltasse a comer peixe.

A *Veganismo* torna-se um denso diário coletivo em que até mesmo os detalhes mais íntimos são expostos sem reservas. Em um dos tópicos que precedem a virada de ano, alguns participantes expõem suas orientações sexuais; em outro, dominado pela presença feminina, discute-se sobre o uso de métodos anticoncepcionais. Algumas veganas não abrem mão da pílula (que geralmente contém lactose e, sem exceções, é testada), já Fabi alega tê-la abandonado devido à diminuição de libido por ela provocada, optando então pelo coito interrompido e pela tabelinha. Éris diz praticar abstinência sexual, opção que Daphne não descarta, já que seu namorado, em suas próprias palavras, “não gosta de sexo”. A preferência por parceiros veganos também é assunto na comunidade, mas os obstáculos geográficos nem sempre permitem que sejam formados casais. Já em meados de janeiro, encerrando a fase confessional da *Veganismo*, alguns participantes contam a diferença em termos de cheiro e paladar das secreções genitais de parceiros veganos e não-vegetarianos.

2.1.3 O gosto dos outros

O aparecimento de qualquer novo perfil *fake* na comunidade deixa todos desconfiados, principalmente quando seu intuito é questionar ou pedir esclarecimentos sobre algum ponto que constitui a ética vegana. O *fake* Ômega, por exemplo, foi chamado de vagabundo por Éris porque, antes de pesquisar sobre o tema, abriu um tópico perguntando como a retirada de pérolas causa prejuízo às ostras. Éris, assim como outros membros da comunidade, não respeita perfis que escondem sua “verdadeira identidade”. Ômega, que afirma ser vegetariano, acredita que ter sua foto ou seu nome no perfil não é importante, contanto que ele não transgrida as regras da comunidade e que não seja, a exemplo de Éris, agressivo com seus participantes.

Na última metade de janeiro, três tópicos de pedido de ajuda para se tornar vegetariano, recurso bastante comum na comunidade, são abertos por onívoros ou ovo-lacto-vegetarianos. Éris lota a *Veganismo* com tópicos OFF: “EUA criam liga só para jogadores brancos”; “Homens são feios demais, cruz credo”; “Bagagem”; e “Best of 2009”, são alguns dos tópicos abertos por Éris a fim de divulgar outros sites, como o seu próprio blog, e emitir opiniões pessoais. Essa é considerada por alguns participantes uma apropriação indevida da comunidade. Caren Vegana cria o “TÓPICO PARA ASSUNTOS ALEATÓRIOS”, proposta para evitar a abertura de mais tópicos fora do

tema. A tentativa de alterar a dinâmica da comunidade não tem sucesso. Embora seja uma única pessoa a responsável pela quase totalidade dos tópicos OFF, esses apenas continuam existindo e se multiplicando devido à participação maciça dos membros.

Durante todo o mês de janeiro e início de fevereiro, ocorrem debates sobre crudivorismo – dieta baseada no consumo exclusivo de alimentos crus – e frugivorismo – dieta em que se come apenas frutas. Enquanto alguns participantes consideram tais formas de alimentação uma grande privação, outros mostram-se bastante interessados nas melhorias que uma dieta dita “natural” pode gerar para a saúde.

Ainda em janeiro, a música, em especial o rock, foi tema de diversos tópicos. Bandas com integrantes vegetarianos ou que se dediquem à divulgação do veganismo foram divulgadas, entre elas estavam algumas bandas da subcultura *straight edge*, vertente que surge do movimento *punk* e cujos integrantes, especialmente no Brasil, frequentemente são veganos⁵³. Nas vésperas dos shows do Metallica no Brasil⁵⁴ é divulgada uma campanha de boicote à banda, cujo vocalista seria um caçador. Para Rômulo, fã da banda, essa forma de boicote é ilógica, já que, indo à apresentação, estaria pagando pela música e não para que o vocalista caçasse. Apenas Julinho criticava o ponto de vista de Rômulo, aparentemente como forma de retaliação à maneira como fora julgado por ele em outra ocasião.

Um tópico sob o título “Black Metal Vegan” foi invadido por *alfascistas* durante a noite, rendendo uma grande discussão que, já no outro dia, havia sido apagada. O moderador expulsou os perfis *trolls* que deram início, no final de janeiro, à terceira invasão *alfascista*. Esse período de intervenção atinge o seu auge com o tópico “Sensibilidade Hipócrita”, em que as *alfascistas* Anne e Mototu, sob o pretexto de provocar reflexão, divulgam um texto de seu blog acusando vegetarianos de se importarem mais com os animais do que com os seres humanos. Uma grande polêmica é formada e, após alguns dias, as blogueiras retiram o texto do site.

A publicação de uma reportagem na Folha de São Paulo sobre veganismo e a exibição de uma matéria na Band sobre o mesmo tema, ambas na segunda metade de janeiro, provoca críticas sobre a maneira como os veganos são representados pela mídia

⁵³ Freire Filho e Linhares (2009) investigam os principais valores existentes entre os membros da subcultura *straight edge* – peculiar variante da cena *punk/hardcore*, notabilizada pela rejeição à prática de sexo casual e ao uso de drogas (lícitas e ilícitas) e pela adoção do *veganismo*.

⁵⁴ Em 2010 a banda de heavy metal Metallica realizou três apresentações no país, em Porto Alegre (28 de janeiro) e em São Paulo (30 e 31 de janeiro), divulgando o álbum *Death Magnetic*.

– embora muitos considerem essas umas das melhores reportagens realizadas sobre veganismo no país. Os estereótipos de que veganos “amam” os animais e de que os veganos “se sacrificam” pela causa são os que mais incomodam os participantes.

Na *Veganismo* há uma certa aversão à cultura de massa, o que se torna bastante evidente no tópico “Brasucas (SIM, generalizando) gostam de bosta”, em que Éris ridicularizava dois vídeos de grupos de pagode. O tópico de Éris esteve entre os mais comentados do início ao fim do carnavalesco mês de fevereiro, principalmente pela intervenção daqueles que defendem o direito de que as pessoas ouçam o que preferirem – mesmo deixando bem claro que não gostam daquele estilo musical.

A existência de uma vegetariana entre os participantes do *reality show* Big Brother Brasil causou um embate entre veganos que têm horror ao programa e os que assistem – ou apenas defendem o direito de quem deseja assistir – diariamente. Uma série de intrigas entre participantes começam a surgir nesse período envolvendo principalmente Rômulo que, já tendo se desentendido com Julinho, troca insultos com Rodolfo na discussão sobre cultura massiva. Martin se indispõe com Theo e Alê por considerarem o Big Brother um programa fútil. Essa disputa de conotações pessoais estende-se a outro tópico, ocasião em que Theo sugere a Martin que resolvam suas diferenças frente a frente, fora do Orkut.

Um tópico lançado por Éris fazendo crítica aos veganos que oferecem aos cães e gatos rações de origem animal foi o segundo a receber o maior número de respostas no período pesquisado (cerca de 430 postagens), atravessando o mês de fevereiro⁵⁵. Juan é criticado por defender que veganos sem condições financeiras para comprar ração vegetariana não adotem cães e gatos. Ele é chamado de insensível por preferir que um cão morra de fome a ter que matar um boi para lhe dar de comer. Rômulo frequentemente salva animais em situação de abandono e risco de morte, por isso fica dividido entre ajudar esses animais, como manda sua consciência, e fazer jus à ética vegana segundo a qual todos os animais devem ser considerados igualmente. Ao final

⁵⁵ Cães são animais onívoros, assim como os seres humanos, por isso podem ser alimentados com comida caseira vegana ou ração industrializada vegetariana (contanto que balanceadas, respeitando as especificidades do organismo do animal). A única ração 100% vegetal vendida no Brasil é a Fridog Vegetariana, cujo preço é bastante superior às rações Premium tradicionais – 2 kg custam em média 25 reais. A empresa que a produz, a Friribe, patrocina rodeios e também fabrica rações para aves, bovinos, equinos, ovinos e suínos. Já os gatos são animais carnívoros. Embora existam rações vegetarianas com suplementos sintéticos que suprem suas necessidades metabólicas, no Brasil esses alimentos para felinos não são vendidos.

da discussão, Rômulo havia decidido introduzir alimentação vegana caseira até mesmo aos seus gatos.

2.1.4 Vício e autenticidade

Rômulo envolve-se em uma disputa que atravessa três tópicos. Ele acusa Juan de não ter competência para julgar veganos que comprem rações convencionais, pois Juan, ao fumar, também não estaria agindo conforme sua ideologia. Rômulo diz o mesmo de Ariel, outro vegano fumante. Ariel e Julinho, antigo desafeto de Rômulo, acusam-no de financiar uma banda cujo vocalista é caçador, o Metallica. Apesar das acusações, Ariel deixa explícito que todos, em algum momento, acabam tomando decisões que vão de encontro àquilo que defendem.

Na primeira semana de março, o consumo de drogas volta a ser problematizado no tópico “Cigarros”, que é discutido até os últimos dias do mês, e no tópico “Maconha e Carne: uma ‘leve’ diferença”, que dura pouco menos de uma semana. Esse último aparece enquanto se desenvolve o tópico “Cigarros”, ambos, em certo ponto, refletindo sobre o caráter vegano ou não do consumo de cigarro e *cannabis sativa*. Alguns como Renato e Cristiano assumem fumar maconha, outros como Guilherme, Lucas e Eric são a favor da legalização da *cannabis*, embora não sejam usuários. Matias e Joana ficam preocupados com o predomínio desse assunto na *Veganismo*. Para eles, esse é um tema que nunca deveria ser debatido na comunidade, pois temem que o veganismo seja associado ao consumo de drogas.

Simultaneamente, Pocs, um *fake* que não participa frequentemente da *Veganismo*, abre um tópico lançando o seguinte questionamento: se os veganos não aceitam o assassinato e os maus tratos de animais, por que consomem produtos “supérfluos” que, mesmo sendo de origem vegetal, geram a morte de diversos animais em seu processo de produção, como é o caso do chocolate⁵⁶? O fato de Pocs ser *fake* foi utilizado, como de costume, como forma de desqualificar a sua proposta de reflexão. Apesar de declarar ser vegana e ter se expressado de forma respeitosa, Miguel, dono e moderador da *veganismo*, ameaça expulsá-la. O banimento, no entanto, não ocorre devido ao apelo de outros participantes, como Sônia e Guilherme. Pocs parece

⁵⁶ Segundo Pocs, nas plantações de cacau são espalhadas armadilhas para matar os roedores que atrapalham o cultivo do fruto.

acompanhar a comunidade há algum tempo, mostrando-se acostumada com a postura de seus membros, além de conhecer os argumentos geralmente apresentados pelos *alfascistas*, deixando sempre explícito que não são os mesmos questionamentos que pretendia levantar.

Em meados de março, a insistência nos tópicos sobre drogas provoca um fenômeno inesperado: uma invasão *troll* realizada por um vegano, Gabrielf. Sua namorada, Daphne, havia postado um link para um site que denunciava a compra e utilização de drogas em um bairro de classe média da capital paulista. O criador da página chamava os usuários de crack de vermes e pedia a ação da polícia. Os participantes chamaram de fascista o conteúdo do site. Daphne foi apelidada de “patricinha nazista” por John, revoltado por ela se preocupar apenas com o incômodo causado pelos usuários e não com o drama vivido pelos viciados em drogas, atitude que considera “egoísta”. Em certo momento, Gabrielf apresenta-se como dono do site em questão. Por achar errado consumir drogas, ele diz, fará de tudo para combatê-las sempre que interferirem em sua vida. Gabrielf espanta-se em ver “pessoas que se dizem veganas defendendo drogados”.

Nessa época, Gabrielf começou a participar compulsivamente da comunidade gerando polêmicas em tópicos que não duravam mais de 48 horas – sendo que alguns apenas sobreviviam poucas horas, até que fossem substituídos por outros ainda mais controversos –, excedendo as 130 postagens nesse curto período. Em uma dessas participações, Gabrielf acusa os veganos, ou “vigãs legítimos”, como ironicamente a eles se refere, de serem preconceituosos com os onívoros, de se sentirem melhores que os outros e de se acharem os donos da verdade. Ao mesmo tempo, Gabrielf demonstra aversão aos ovo-lacto-vegetarianos e menciona diversas vezes ser vegano desde que nasceu – em outras palavras, havia 23 anos –, o que lhe daria autoridade para emitir opiniões sobre o veganismo, ao contrário dos outros participantes, que criticam hoje o que um dia já haviam feito⁵⁷. O recurso ao tempo de veganismo é utilizado por alguns

⁵⁷ Em diversos momentos Gabrielf faz referência à posição de fragilidade moral em que se encontram os demais veganos frente àqueles que comem carne: “Pqp, nego parou de comer carne ontem e acha que tem peito para falar alguma coisa?”; “O mais engraçado é isso, vocês criticarem tanto coisas que diziam a o que? 1 mês? 1 ano? 2 anos? Atrás...”.

participantes, principalmente aqueles menos assíduos em sua participação na comunidade, para conferir ao seu depoimento autoridade⁵⁸.

Esse não é o único artifício utilizado por Gabrielf e outros veganos para demonstrar “autenticidade”. Gabrielf, em algumas passagens, ressalta sua atuação em manifestações pela causa animal em que teve que enfrentar a polícia, lamentando-se que as pessoas limitem seu comprometimento na defesa dos animais à interação em comunidades do Orkut. É comum a desqualificação da participação em comunidades virtuais e produção de conteúdo *online*, constantemente vistas como formas superficiais de constituir relações e instrumentos de atuação limitados quando comparados ao “ativismo de rua”⁵⁹. Fenômeno curioso ocorre quando alguém se presta a acusar outra pessoa, pelo Orkut, de atuar apenas na web, sendo o que alguns chamam pejorativamente de “ativista de internet”.

Na mesma discussão em que tenta demonstrar sua superioridade aos demais por título de antiguidade, Gabrielf traz à tona uma antiga disputa com Rômulo que ocorrera na comunidade “Vegans às compras” havia mais de um ano. Na ocasião, Rômulo, tatuador não havia muitos anos, insistia na existência de tintas para tatuagem totalmente veganas, enquanto Gabrielf – que tem o corpo, incluindo o rosto, coberto por tatuagens e modificações corporais – afirmava ser impossível fabricar uma tinta vegana. Esse embate de egos gera um tópico em que Gabrielf ridiculariza o trabalho de Rômulo, em uma troca pessoal de insultos.

⁵⁸ Quando foi questionada sobre a existência, em seu álbum de fotos do Orkut, de fotografias de adestramento de cavalos, Gabi responde: “Eu nao adestro cavalos, mas tenho amigos que o fazem. Assim como tenho uma família e todos os amigos onívoros. É por isso que procuro encontrar solucoes, tentar fazê-los compreender meus princípios. E isso desde que tinha 7 anos de idade. Isso quer dizer 3 décadas de vegetarianismo, mas pelos animais,que realmente amo, nao porque quero ser a dona da verdade”. Em um tópico em que um onívoro pede ajuda para se tornar vegano, Vera relata: “Sou vegana há mais de 20 anos e garanto que é uma vida e tanto! Consciência limpa e o corpo também.”

⁵⁹ Em certa ocasião, Marcelo discorda da proposta de Josi de realizar uma manifestação em frente a um prédio, na cidade de São Paulo, onde o Greenpeace assinaria um acordo com os maiores frigoríficos do país em que eles se comprometeriam a não comprar carne de áreas de desmatamento. Josi rebate às críticas da seguinte forma: “Marcelo, suponho que você não seja um ativistas que saiba a realidade das ruas e do ativismo de confronto.Suponho que você não saiba da importância do que significa incomodar, fazer com que as coisas não sejam tão confortáveis. E suponho que você goste, mesmo, de ficar distutando por orkut. E eu não perco meu tempo com isso, porque ações são fundamentais. Vá ao local, converse com os ativistas, e veja qual é a realidade, a importância de um ato desses. Porque, com certeza, eles não vão te falar por aqui. E por aqui vc não vai aprender nada, meu bem (ah! Esqueci da b12.Aqui você irá saber tuudo sobre ela. Que legal!”. Lila, moderadora de uma comunidade voltada ao veganismo, sente-se incomodada com os comentários de Josi e parte em defesa dos avanços gerados pela internet: “Acho ótima a sua forma de ativismo, mas não acho que isso por si só consiga fazer o veganismo crescer, precisamos, principalmente, de informação, coisa que conseguimos através da internet. As coisas têm que andar lado a lado”.

Intensificando a situação caótica em que se encontrava a comunidade, Gabrielf traz para o topo da lista de discussões tópicos de 2006, desorganizando assim o arquivo da *Veganismo*. No dia seguinte, Gabrielf cria um tópico para divulgar sua nova comunidade, a “Vegetarianos/Veganos LEGITIMOS”. Em sua descrição original, a comunidade debocha daqueles que, em uma manifestação ocorrida em 2009 na Avenida Paulista, soltaram balões verdes como forma de protesto. Em questão de minutos, Rômulo, humilhado por Gabrielf no dia anterior, divulga uma foto de Gabrielf na mesma manifestação que critica segurando um cacho de balões verdes. Tornando-se motivo de chacota da comunidade, Gabrielf ainda tenta explicar que o único motivo para sua presença naquele evento foi ajudar sua noiva na venda de salgados, atividade sempre realizada por ela nessas ocasiões.

Para se esquivar do assunto constrangedor, Gabrielf insinua a utilização indevida do dinheiro arrecadado pela organização não governamental que havia realizado o ato. Logo ele se envolve em uma grande confusão. Três integrantes da organização em questão exigiram que Gabrielf, que os conheceu durante sua efêmera, porém recente, participação nas reuniões da ONG, comprovasse suas acusações. Outra vez, como forma de desviar as atenções do tópico – que, em uma tarde chegou a 120 respostas –, Gabrielf passou a postar comentários insignificantes em discussões que datavam de 2006 e 2007. Após a ameaça da ONG de levar Gabrielf à justiça, ele modificou a descrição de sua comunidade⁶⁰.

Um dos tópicos revividos por Gabrielf, “obrigados a usar couro”, segue o mesmo ritmo caótico de toda a comunidade naquele momento. A princípio conversava-se sobre ética vegana e mercado de trabalho, até que Daphne declara cozinhar carne no local onde trabalha sem nenhum conflito de consciência, sob a única condição de não ter que prová-la. Hera não consegue entender como alguém que cozinhe carne possa se considerar vegano, já que “carne é o básico”. Juan acha um absurdo veganos

⁶⁰ Após a confusão, a comunidade “Vegetarianos/Veganos LEGITIMOS” era descrita da seguinte forma: “Se depois que você se converteu em vegetariano/vegan você: Só anda com camisetas com temas vegetarianos/veganos; Diz que no seu círculo de amigos só tem vegetarianos/veganos; Critica todo onívoro com toda raiva do mundo dizendo nunca ter feito nada do que eles fazem; Se acha dono da verdade absoluta; SABE que vegetarianismo/veganismo É A SOLUÇÃO; Se sente discriminado por esse mundo onívoro e cruel que não aceitam vegetarianos/veganos #cry (chorei depois dessa); Precisa de uma inclusão social por ser vegetariano/vegano; Colocou um V na sua foto do Orkut; Colocou o símbolo contra rodeio na foto também; Colocou um monte de fotos de animais sendo mortos no álbum do Orkut; Já assistiu "A carne é fraca", "Terráqueos". ENJOY. ESTÁ É A SUA COMUNIDADE. SÓ PARA VEGETARIANOS/VEGANOS LEGÍTIMOS”.

trabalharem com carne, pois trata-se de uma escolha. Gabrielf, em defesa de sua noiva, diz a Hera que não entende “como quem fuma pode ser considerado vegano e ainda mais dar opinião sobre isso”. Juan lembra que a discussão sobre cigarros se dava em outro tópico. Ele pede que Gabrielf tenha cautela com suas ironias e comentários imaturos, pois sua participação na comunidade estava apenas atrapalhando o veganismo. Gabrielf rebate ao afirmar que o fato de Juan beber e fumar é que atrapalhavam o veganismo. Ele é bastante enfático ao declarar que, para ele, “quem bebe e fuma é um lixo e realmente não pode falar nada sobre ‘veganismo’”. No dia seguinte, o tópico havia sido apagado pelo moderador, acontecendo o mesmo com as postagens ofensivas sobre o mesmo assunto em um outro tópico. Miguel advertiu que todas as discussões que se tornassem “barracos” teriam o mesmo destino.

A participação de Gabrielf na *Veganismo* durou exatamente 5 dias, intensificando a dinâmica da comunidade. Já no segundo dia de sua intervenção, Sônia, participante de longa data da *Veganismo*, abre o tópico “(OFF) Sugestão”, uma crítica ao excesso de assuntos fora do tema discutidos ali. Ela propõe, de forma irônica, que a descrição da comunidade seja mudada junto com o seu nome, que passaria a se chamar “(OFF) Veganismo”⁶¹.

A presença de Gabrielf não foi a única motivação para a crítica de Sônia. No mesmo dia, havia entrado em discussão o tópico “(OFF) Indianos são ridículos”, espaço em que Éris demonstrava toda sua aversão à cultura e ao povo indiano, chamado por ela de “fisicamente anormal”. Muitos se pronunciaram contra tamanha generalização e demonstração de ódio, exceto Gabrielf. Sônia lamentava ver a *Veganismo*, espaço em que aprendeu tantas coisas, repleta de tópicos que considerava vazios e agressivos. Eric achava uma irresponsabilidade do moderador deixar que uma comunidade tão importante chegasse a uma situação de total desorganização. Ele propõe a escolha de mais moderadores para a *Veganismo*, a tomada de providências sempre que publicadas mensagens de conteúdo preconceituoso ou discriminatório e a transferência dos tópicos OFF para um tópico de bate-papo. Sônia também apoia a inserção de mais moderadores e a criação de regras como apagar tópicos e usuários *trolls*. Rômulo, no entanto, mostra-se satisfeito com a comunidade, pois é um espaço em que “se lê sinceridade”, não

⁶¹ A nova descrição sugerida por Sônia é a seguinte: "local para reunião de alfacistas, misantrop@s e pessoas que às custas dos mais variados temas buscam matar seu tempo ocioso e/ou se promover no orkut".

hipocrisia ou comentários vazios como nas comunidades “Orgulho Vegetariano” e “Vegetarianos e Veganos”. O tópico continua mesmo uma semana após o fim da participação de Gabrielf na *Veganismo*, período em que Sônia e Eric ainda esperavam o pronunciamento do moderador. Miguel, mais uma vez, ignorava as reclamações dos participantes da comunidade.

A *Veganismo* viveu aproximadamente duas semanas de tranquilidade. A quantidade de *off topics* diminuiu consideravelmente, dando lugar a tópicos informativos sobre produtos veganos ou que não o são mais, além da divulgação de cursos de culinária e de eventos (rodízio de pizzas veganas, debate sobre defesa dos animais, campanha de adoção de cães, etc.). Novos participantes postaram e abriram tópicos, caso de duas jovens cariocas que pediram dicas sobre como introduzir a ética vegana na escola da rede pública onde estudavam.

Nos últimos dias do mês de março, a comunidade recebeu a visita de Imaulo, um perfil *fake* que pedia ajuda para se tornar vegano e vencer o desânimo que se instalava “só de pensar naquela costela com um pouco de gordura, macia, que dá pra tirar com o garfo”. Embora alguns acreditassem que se tratava de mais um vegano em potencial, a fala de Imaulo foi interpretada como uma ironia por boa parte dos participantes do tópico. Para o *fake* Alf⁶², a suspeita apenas se confirmava quando Imaulo disse não querer “pegar o pacote de opinião dos vegans, essa coisa de ateísmo, militância esquerdista, petismo e etc”, uma declaração que não poderia vir de alguém que falasse sério.

Na madrugada do dia seguinte tem início de fato a “quarta temporada de invasão *alfascista*”, com o tópico “Deus não gosta de vegetarianos!”, aberto pelo *troll* Guinho, apoiado por outros dois *alfascistas*, Rafinha e Vinnie. A discussão, entretanto, não foi levada a sério, tornando-se um bate-papo em que, em apenas duas horas, foram feitas 180 postagens. No mesmo dia, a tentativa má sucedida de “trollagem” foi apagada pelo moderador.

⁶² O nome desse *fake* é um jogo de palavras e imagens. Ao mesmo tempo em que Alf representa a sigla de um movimento descentralizado e não hierárquico, a *Animal Liberation Front*, que “realiza ações diretas com o objetivo de libertar animais de situações de exploração em lugares como laboratórios – onde são utilizados em experiências científicas – e granjas – espaço onde são engordados para o abate” (LINHARES, 2009, p. 3), também faz menção a um personagem extraterrestre de um seriado norte-americano da década de 80, ALF o E-teimoso. Essa brincadeira presente no perfil *fake* Alf torna-se clara através de sua foto, que remete ao personagem dos anos 80.

À noite, outro *alfascista*, Benito, abriu um tópico em que perguntava quantos filhos os veganos pretendiam ter, respondendo em seguida que gostaria de ter 6. A pergunta feita por Benito, aparentemente corriqueira, demonstra um profundo conhecimento do posicionamento tomado regularmente entre os veganos da comunidade frente ao tema da reprodução humana⁶³. Alguns veganos consideram o ato de gerar filhos egoísta pois, além de não considerar os impactos ambientais ocasionados por mais pessoas no mundo, ignora a existência de crianças abandonadas que poderiam ser adotadas em lugar de filhos biológicos. A discussão aberta por Benito se desenvolveria por quase duas semanas, somando cerca de 350 postagens que abordaram também o tema do aborto, momento em que interveio um segundo *alfascista*, Luis PRÓ-VIDA⁶⁴.

Guilherme, durante a discussão, insistia que os participantes respondessem ao tema do tópico sem dar atenção às provocações dos *alfascistas*. A sugestão foi aceita por muitos, o suficiente para que a presença de Benito e Luis PRÓ-VIDA não chegasse a incomodar ou a inviabilizar o debate. O tópico apenas chegou ao fim após a expulsão de Benito e Luis PRÓ-VIDA devido a ameaças deixadas na página de recados de três perfis que participavam da discussão. Nesses recados os *alfascistas* proferiram mensagens racistas a um vegano negro e disseram que eles mereciam morrer por serem a favor da legalização do aborto.

Cinco dias após o início da invasão, quando o tópico de Benito ainda estava em seu auge de participação, outro *alfascista*, o Caçador, abre um tópico em que – após deixar claro que não abre mão de seu filé pelos animais – pede que os vegetarianos parem de denunciar os praticantes da caça esportiva. Depois de ridicularizarem o texto de Caçador, por nele não haver um só acento ortográfico ou pontuação⁶⁵, os

⁶³ Levanto a hipótese de que esse não foi um questionamento inocente, ao contrário, foi feito com pleno conhecimento do efeito que iria atingir. Afirmando isto com base no próprio corpus. Embora a discussão estrita sobre esse tema não tenha ocorrido no período analisado, em certo momento da segunda invasão *alfascista*, no final do ano de 2009, O Mário, um *troll* que afirmava ter se tornado homossexual depois de aderir ao veganismo, foi repreendido por um vegano após demonstrar o desejo de ter 3 filhos.

⁶⁴ A palavra composta “pró-vida” faz menção aos grupos contrários ao aborto que adotam a alcunha “pro-life”, em oposição aos “pro-choice”, favoráveis à legalização da prática.

⁶⁵ Caçador dizia em uma de suas postagens: “e é um esporte maravilhoso no qual o objetivo é abater o animal com uma arma de fogo ou então com um arco e flecha por isso parem de nos denunciar deixem agente fazer o que agente quer com os animais que são pragas como o javali no sul ou o ganguro na Austrália ! porque caçando pragas nós estamos salvando espécies ameaçadas de extinção e as plantas que evita que os animais morram de fome e nós também que um exemplo disso é o sapo boi na Austrália”

participantes decidiram transformar o tópico em um bate-papo sobre chocolates veganos, já que estavam em um domingo de Páscoa. Mais um *alfascista* tenta provocar polêmica durante a discussão, mas é praticamente ignorado, conseguindo no máximo ter sua capacidade intelectual posta em dúvida. A expulsão dos *alfascistas* confere outra dinâmica à comunidade. Foi nesse momento, no dia 12 de abril, que encerrei definitivamente a observação participante na comunidade *Veganismo*.

2.2 Reflexões sobre a *Veganismo*

Essa breve introdução às dinâmicas sociais existentes na comunidade *Veganismo* revela um ambiente aparentemente “caótico” e marcado pelos desentendimentos existentes entre diversos de seus participantes. Entretanto, o que em um olhar superficial poderia indicar a predominância de uma “desorganização” generalizada, é nada mais do que a própria ordem da comunidade virtual. Enganam-se, por exemplo, aqueles que consideram os tópicos OFF elementos intrusos. Mesmo que aparentemente seu objetivo não seja discutir o tema principal da comunidade, a todo momento se fala de veganismo nos *off topics*, porém não explicitamente.

Muitas foram as tentativas mal sucedidas de alterar essa dinâmica. A última delas, representada pela iniciativa de Sônia – que criticava tópicos OFF e a agressividade de alguns participantes –, gerou aparentemente uma mudança de comportamento na comunidade⁶⁶. A postura frente aos *alfascistas* também mudou consideravelmente desde o início da observação participante. Antes eles eram constantemente levados a sério, acarretando extensas disputas entre veganos e “*carnívoros*”. Nas últimas invasões *alfascistas*, devido aos esforços de membros como Guilherme e Alf, a comunidade passou a encarar a intervenção dos *trolls* como uma grande brincadeira, ora ignorando-os, ora provocando-os.

A *Veganismo* é um espaço em que o debate é priorizado, diferentemente de outras comunidades do Orkut voltadas a uma sociabilidade mais lúdica, através de jogos

quase levou a extinção várias espécies nativas além do mais ele era venenoso por isso foi necessário caçar e matar todos e isso que o meu hobby se trata”.

⁶⁶ Após o fim do período de monitoramento da comunidade, notei uma diminuição na frequência dos tópicos OFF, o que pode ser atribuído também à ausência de membros como Éris, cuja participação tornou-se mais esporádica.

e bate-papos⁶⁷. As discussões de cunho argumentativo produzem muitos conflitos, mas são exatamente esses embates de opiniões que dão à comunidade sua especificidade: espaço de constante construção dos significados sobre o que é “o veganismo”.

A oposição entre participantes frequentemente se dá apenas em ocasião da discussão, embora seja comum que, ao se tornar uma briga de conotações pessoais, a aversão ao outro se cristalize, sendo exposta em outros tópicos. O debate não gera apenas desentendimentos, mas também afinidades. Os momentos de descontração e demonstração de companheirismo também existem, e se intensificam em alguns períodos, como foi o caso das festas de final de ano.

A intervenção dos *alfascistas* faz parte da dinâmica da *Veganismo*, dando-se até mesmo com certa periodicidade, quase mensalmente, conferindo ritmo à comunidade. Curiosamente, as “invasões *alfascistas*” provocam situações em que todos se opõe ao “intruso”, criando um senso de unidade entre os participantes. As diferenças são postas de lado em nome da defesa daquilo que, supostamente, teriam em comum: o veganismo⁶⁸.

Nas ocasiões em que o ritmo da comunidade é transformado pela ação de um *troll*, sendo esse *alfascista* ou não – como é o caso de Éris, que pode ser considerada um *troll* cuja participação é constante, e de Gabrielf, certamente o *troll* que mais influenciou na dinâmica da *Veganismo* –, a comunidade é sempre repensada por seus participantes. A ação dos *trolls* provoca a reflexão dos veganos sobre seus próprios atos enquanto responsáveis pela construção da *Veganismo*, assim como leva ao questionamento sobre o lugar do moderador na gestão da comunidade. O moderador é considerado uma figura quando não ausente, arbitrária. Miguel, algumas vezes, deixou claro que a *Veganismo* não possuía regras, são seus critérios pessoais, como dono e único moderador, que regulam as expulsões de perfis e o apagamento de tópicos. Ele é uma figura que, a qualquer momento, pode exercer poder⁶⁹. No entanto, na maior parte das vezes, esse

⁶⁷ Comunidades com proposta lúdica foram estudadas por Recuero (2005b), caso da “Como ou Não Como”, e por Pinho (2009), que analisa a comunidade “João Pessoa”.

⁶⁸ Nos próximos capítulos, os diferentes valores por trás do veganismo serão esmiuçados. Pretendo mostrar como os participantes da comunidade refletem e constroem significados sobre o que é ser vegano.

⁶⁹ O conceito “poder” é utilizado aqui na concepção desenvolvida por Foucault (1988). Para o filósofo, o poder não é uma instituição nem uma potência de que alguns sejam dotados, pelo contrário, não pode ser possuído e apenas existe no momento de sua execução; conseqüentemente, não existe uma posição binária e global entre dominantes e dominados.

poder se exerce através de sua própria inatividade, quando mesmo pressionado pelos participantes a expulsar um *troll* não o faz.

As relações de poder se diluem em todo o tecido social, ocorrendo mesmo em situações cotidianas e banais, como a conversação mediada por computadores, expressão aparentemente tão insignificante, quando comparada aos grandes temas que impulsionam as ciências sociais. Como explicar que haja indivíduos que gozem de uma maior autoridade, enquanto há uma série de outros que, embora sejam integrantes da comunidade, dela nunca participem? Está em ação uma série de constrangimentos provenientes da detenção, ou não, de um determinado capital cultura. A valorização da correção gramatical, tendo como principal consequência a ridicularização dos inaptos ao bom uso da língua portuguesa, desencoraja a participação de muitos. O mesmo ocorre àqueles cuja capacidade argumentativa não é tão desenvolvida: abstêm-se de participar com o receio de serem humilhados por não terem conseguido expressar o que realmente desejavam.

A rejeição, demonstrada por tantos, a todo tipo de expressão que venha da cultura de massas (estilos musicais populares, programas de televisão de alta audiência, eventos que geram comoção nacional, como o carnaval e a copa do mundo de futebol, por exemplo) é outra característica que evidencia o conjunto de valores que regulam a participação na comunidade. Esses são valores de uma elite intelectual com pleno domínio dos mecanismos de expressão de si, sejam eles verbais ou não, além do fácil acesso a bens culturais como a informação.

Nem todos os participantes são iguais na *Veganismo*. A proximidade em relação ao moderador, por exemplo, garante a não expulsão de Éris, mesmo que ela realize declarações ofensivas a outros participantes e a outras culturas. Já Luiza Meirelles, cujas afirmações homofóbicas também geraram revolta, foi imediatamente expulsa. O termo “capital social” é de importante valia a essa análise, sendo utilizado para explicar a possibilidade de um indivíduo ter acesso a certos recursos a partir do estabelecimento de relações sociais em um determinado grupo⁷⁰.

Outros fatores podem conferir ao participante a possibilidade de conquistar um capital social mais amplo do que aquele conferido aos demais e, portanto, ter vantagens

⁷⁰ É adotada aqui a definição cunhada por Bourdieu em que o capital social é “o agregado dos recursos efectivos ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou reconhecimento mútuo” (BOURDIEU, 1985, apud PORTES, 2000, p. 134).

sobre eles: a participação ativa e de longa data na comunidade; a posse de comunidades, sites e blogs de popularidade entre os veganos, assim como a produção de textos filosóficos e informativos que os abasteçam; e, principalmente, a atuação em iniciativas de disseminação das ideias defendidas pelo veganismo fora da web, podendo se dar ou não com a filiação a organizações vegetarianas ou de defesa dos animais. Como se pode notar, o capital social desenvolvido longe da internet influencia diretamente na constituição de um capital social na rede. Tornando-se doadores de recursos nesses sistemas de trocas mediados ou não pelo computador envolvendo o veganismo, os participantes são prontamente ressarcidos por toda a coletividade com o reconhecimento de sua conduta autêntica. Mesmo que suas ações não sejam instrumentalmente planejadas, é inevitável que a exposição na comunidade não os agracie com uma certa popularidade que os diferencie da massa de participantes.

As comunidades virtuais não são espaços tão horizontais quanto se costuma imaginar, são, a exemplo da sociedade, atravessadas por hierarquias e códigos que regulam a participação de seus membros. Há obstáculos que devem ser transpostos por um *outsider* para que esteja apto a dialogar sob as mesmas condições que um vegano participante da comunidade – isto é, um *insider* – que vão além da posse de determinado nível de capital cultural e capital social, exigidos a esses últimos. Na *Veganismo*, os casos mais problemáticos de desajustamento em relação a esses códigos se dão com relação à intervenção de um *fake* ou de um não-vegano. No primeiro caso, o perfil não está atrelado a um indivíduo que mantém relações fora da rede – podendo se tratar de um *alfascista* travestido de vegano –, logo não oferece garantias de que aquilo que pronuncia condiz com a realidade de seu usuário, além de não possuir uma reputação a sustentar que lhe confira respeitabilidade frente aos demais. A segunda situação envolve um participante que come carne ou que é ovo-lacto-vegetariano e não demonstra determinação em se tornar vegano. Essas são figuras ambíguas, que deixam dúvidas sobre seus verdadeiros interesses, diferentemente dos *alfascistas*, que costumam explicitar sua postura de opositores do vegetarianismo.

Um usuário que coma carne ou que seja ovo-lacto-vegetariano apenas é respeitado como participante da comunidade com a condição de que assuma estar em um processo de transição para o veganismo. A esses perfis de caráter dúbio está reservado o último posto na hierarquia da comunidade, o que pode ser superado através

da participação frequente acompanhada da adesão a parte dos valores ali consagrados e da demonstração de polidez e de fluência na utilização da linguagem escrita argumentativa.

Procurei, com isso, mostrar que a comunidade *Veganismo* não é um espaço neutro, é um *locus* de expressão de apenas uma parcela dos indivíduos que se definem como veganos e que, através da comunidade, põem em ação uma série de valores a partir dos quais tentam determinar o que é “o veganismo”. Tais valores, em parte, serão elucidados nos capítulos que virão a seguir. Conseqüentemente, a *Veganismo* é uma arena onde se dão embates entre vozes discordantes, em que as resistências sempre estão prontas a reinventar os códigos, a questionar a disposição dessas relações desiguais e, quem sabe, reverter as hierarquias. Essas relações de poder, longe de serem negativas, são produtoras de saberes (FOUCAULT, 1988) que fazem com que a comunidade esteja sempre em reconstrução. Com isso, é preciso ressaltar que essa é a análise das interações em uma comunidade virtual durante “um breve período de tempo”, logo os achados da pesquisa serão sempre limitados.

CAPÍTULO 3

Os seres humanos e os demais animais

O animal, que palavra!

É uma palavra, o animal, é uma denominação que os homens instituíram, um nome que eles se deram o direito e a autoridade de dar a outro vivente.

(DERRIDA, 2002, p. 48)

O veganismo é atravessado por uma série de categorias nativas bastante específicas. É tarefa deste capítulo elucidar alguns pontos básicos da ética vegana através da apresentação de expressões como *libertação animal* e *exploração animal*. Seria impossível compreender o veganismo sem o conhecimento de categorias como *senciência* e *especismo*, sempre evocadas no discurso vegano. Busca-se entender como os veganos refletem sobre as formas como se estabelecem as relações dos *animais humanos* com os *animais não-humanos* e dos *animais humanos* entre si. Serão discutidas as tensões entre natureza-cultura e indivíduo-sociedade delas provenientes.

3.1 Relações entre *animais humanos* e *animais não-humanos*

3.1.1 O *especismo*: o ideal vegano de liberdade e igualdade com os animais

O princípio do veganismo é o estabelecimento de um ideal de igualdade entre os *animais humanos* e os *animais não-humanos*, grupo no qual são incluídas todas as outras espécies pertencentes ao reino animal. Esse sentimento de irmandade apenas é possível porque é admitida a existência de uma série de características que são comuns a todos os animais, incluindo os humanos.

A proximidade, em termos biológicos, entre o organismo humano e o dos demais animais é apontada pelos veganos como o fator determinante dessa identificação: “Todo ser provido de um sistema nervoso vai reagir de maneira negativa a qualquer dano infligido contra ele e, por tabela, vai associar que isso é uma coisa ruim, indesejável” (Lucas). A essa especificidade do corpo animal em relação às outras formas de vida (como a vegetal) os veganos dão o nome de *senciência*. Tal categoria é bastante utilizada pelos veganos para explicar os motivos que os levam a considerar eticamente os animais: “Animais são sencientes - eles demonstram reações negativas a

danos físicos e psicológicos a eles infligidos, eles querem a sobrevivência e lutam por ela (caso contrário uma lebre não correria de uma onça, por exemplo)” (Lucas); “Se o animal sente dor, medo, terror, fome, sede, como nós, não temos o direito de causar-lhe este sofrimento” (Tânia). A identificação entre humanos e animais vem da certeza de que “animais sentem basicamente o mesmo que nós” (Eric).

A simples capacidade de sentir dor e prazer, estar apto à alegria e ao sofrimento, nada diz sobre quais estímulos podem provocar sensações indesejadas em um animal. Animais não sentem o mesmo que os humanos apenas em uma dimensão biológica – o que nos levaria a considerar tão somente a forma como o corpo animal interage com o meio ambiente, através de jogos de oposição entre quente e frio, claro e escuro, seco e molhado –, para os veganos, há neles também uma esfera da dimensão subjetiva semelhante à nossa.

A questão é: animais têm seus próprios propósitos e não cabe a nós decidi-los, manipulá-los e finalizá-los. Será mesmo que vc acharia agradável que, desde o seu nascimento, sua vida fosse pré-determinada? Será que seria legal ter um tempo de vida pré-determinado apenas pra servir pro paladar das pessoas? Será que é vida passar o tempo inteiro enclausurado, com comida empurrada goela abaixo só pra engordar, sendo maltratado, escravizado desde o nascimento? (Lucas)

É um recurso discursivo bastante comum a aproximação do interlocutor à situação vivida pelos animais (pôr-se no lugar dos animais). Em geral, os veganos optam por esta estratégia ao debater com pessoas contrárias às suas convicções. Ao utilizar essa técnica discursiva, admite-se que as formas de apreensão e decodificação dos estímulos dos demais animais são bastante próximas à nossa, o que possibilita o exercício de “se imaginar em sua pele”. Nota-se, no extrato citado acima, o reconhecimento de uma individualidade animal. A consideração do animal como portador de sua própria vida, “possuidor de propósitos que são somente seus”, é uma especificidade cara ao pensamento vegano. O animal, como “indivíduo”, é detentor de um desejo comum aos humanos: a vontade de liberdade. Na concepção vegana dita abolicionista, não importa apenas que tenha uma morte indolor – aspecto enaltecido pelos defensores do bem-estar animal –, pois a vida animal tem valor em si mesma. Ao vegano não interessa, tão somente, a manutenção do animal vivo, mas também em liberdade, longe de qualquer desconforto que possa afetá-lo física e psicologicamente.

Portanto, o ideal da liberdade, como veremos mais a frente, é um dos mais importantes pontos a serem considerados na abordagem vegana. Neste capítulo, serão expostas as formulações nativas para esse conceito. Cabe advertir, ainda sobre a concepção de individualidade e de liberdade concedidas aos animais, que tais características são parte de uma natureza da qual os seres humanos também seriam providos. Em outras palavras, há aqui uma naturalização das ideias de liberdade e de indivíduo, junto ao princípio da igualdade. Inverter essa equação possibilita enxergar a valorização do indivíduo e, conseqüentemente, da liberdade e da igualdade, como um fator historicamente datado. Dumont (1985) explica que a tendência individualista generaliza-se nas sociedades modernas a partir do século XVIII. Ele chama de individualistas aquelas sociedades em que o indivíduo é o valor supremo, em contraste às sociedades holistas, em que esse lugar de destaque está na sociedade como um todo. Ao falar de “indivíduo”, destaca Dumont, são designados dois aspectos ao mesmo tempo:

de um lado, o sujeito *empírico* que fala, pensa e quer, ou seja, a amostra individual da espécie humana, tal como a encontramos em todas as sociedades; do outro, o *ser moral* independente, autônomo e, por conseguinte, essencialmente não-social, portador dos nossos valores supremos, e que se encontra em primeiro lugar em nossa ideologia moderna do homem e da sociedade. (DUMONT, 1985, p. 37)

É esse segundo aspecto do termo indivíduo que os veganos transpõem aos demais animais, que se tornam, assim, detentores do direito natural de igualdade e liberdade, ideal que “se impõe a partir da concepção do homem como indivíduo” (DUMONT, 1992, p. 59). Esse indivíduo, *humano* ou *não-humano*, vale reiterar, é concebido como “quase sagrado, absoluto; não possui nada acima de suas exigências legítimas; seus direitos só são limitados pelos direitos idênticos dos outros indivíduos” (DUMONT, 1992, p. 53). O animal, importante ressaltar, é indivíduo mas, raramente, é considerado como sujeito. A liberdade, para ele, é uma condição passiva de existência.

É oportuno afirmar, com isso, que a vontade de liberdade é aquilo que os animais têm de mais humano. Cabe lembrar que não é exclusividade dos veganos transpor aos animais valores caros à nossa cultura. Hegemonicamente, é aceita a ideia de que o labor e a produtividade são uma marca que faz parte da natureza de diversos animais. É comum se utilizar de conceitos morais humanos para julgar o

comportamento de animais, censurando sua preguiça ou promiscuidade, por exemplo (DALLA BERNARDINA, 1991). A essa forma tomada pela relação entre humano e animal Descola (2007) chama de “sistema anímico”,

ou seja, uma inversão simétrica de classificações totêmicas: enquanto essas últimas usam relações diferenciais entre as espécies naturais impondo uma ordem conceitual à segmentação social, os sistemas anímicos empregam as categorias elementares, estruturando a vida social para pensar as relações entre os homens e as espécies naturais. (DESCOLA, 2002, p. 107)

Ao compreender a liberdade como uma propensão natural do animal (*humano ou não-humano*) enquanto indivíduo, são criadas condições para que surja uma forte identificação. A categoria *especismo* se desenvolve a partir do ideal de igualdade, designando uma forma de discriminação no nível das espécies, assim como o sexismo o é no âmbito dos gêneros e o racismo o é na escala das “raças”. Uma atitude *especista* considera uma espécie como sendo superior às outras e, portanto, habilitada a subjugar-las. O *especista* fere o princípio de igualdade entre os animais, ameaçando assim a liberdade desses indivíduos autônomos de outra espécie.

Em uma discussão sobre certa descoberta científica que permite produzir carne animal em laboratório, Theo atenta para o perigo de incorrer em *especismo* ao louvar tal avanço como positivo: “Digo isso porque consumir 'carne in vitro animal' abre espaço pra questionamentos sobre consumir 'carne in vitro humana', e é justamente aqui onde se inicia, mais uma vez, os discursos especistas > Animal pode, humano não”. O mesmo raciocínio é desenvolvido em uma discussão sobre a utilização de cães-guia.

Trabalhando...

Imagino em que momento de sua vida ele se candidatou a esse nobríssimo emprego de guiar um humano deficiente. Eu me pergunto quem guia os cães cegos. Qual será o regime de trabalho usado nesse caso (treina-se um humano desde criança para servir de acompanhante desse cão?). Se essa segunda hipótese parece absurda, abusiva, exploratória, como podem pensar diferente de cães guias?

É especismo sim, escravidão descarada e tortura psicológica desde a mais tenra infância do animal. (John)

O cuidado em relação à própria conduta deve garantir que o vegano não tome para si uma postura *especista*. É necessário, portanto, desenvolver um grande esforço de racionalização, promovendo assim um julgamento constante das próprias condutas. Também é *especismo* o ato de transpor a outras espécies valores caros à nossa. Os dois

trechos abaixo foram extraídos de um mesmo tópico e são parte de uma discussão entre Carol e Matias. Como se pode observar a seguir, é comum um vegano acusar outro de *especismo*.

Não consumo nada de origem animal, porém humanizar animais é um erro, eles têm de ser respeitados por suas próprias características. Não tratá-los com igualdade de direito a vida e a liberdade é especismo, tentar colocar características humanas em animais vira motivo de piada. (Carol)

Não é questão de humanizar animais, e sim de não ficar afirmando q eles sentem ou não sentem isso ou aquilo. É questão de não achar que sabe tudo sobre o que eles sentem. É questão de não duvidar que eles possam sentir algo específico. Agora, afirmar que eles não sentem isso ou aquilo é especismo. (Matias)

Está em questão o limite entre humanizar e subestimar as capacidades subjetivas de um animal, o que gera um paradoxo: atribuir a um animal sentimentos de maternidade, de propriedade e de solidariedade, por exemplo, pode ser considerado *especismo* tanto quanto afirmar que os animais são incapazes de vivenciar tais sensações. Entre os veganos, ainda não foram formulados, de modo consistente, questionamentos sobre os aspectos cognitivos dos animais. Em algumas situações, evoca-se a possibilidade de existir, entre os animais, um nível superior de complexidade subjetiva, pensamento logo desencorajado pela perspectiva padrão que enxerga neles apenas indivíduos sencientes cuja condição natural a ser respeitada é a liberdade.

3.1.2 Natureza-Cultura: diferenciação entre *animal humano* e *animal não-humano*

Embora se insista a todo momento nas características que aproximam os humanos dos demais animais, pode-se identificar no discurso vegano alguns pontos de diferenciação entre a nossa espécie e as outras. A principal especificidade dos animais, de acordo com alguns veganos, é o fato de serem impulsionados pela sua natureza: “Animais, como os chamamos, não são como os humanos. Funcionam à base de hormônio e cio. Se não tem hormônio, nada acontece, não se sentem privados de nada” (Hera). Pode ser ressaltada também sua pouca capacidade de reflexão sobre questões mais complexas como seu lugar no mundo, já que seu pensamento abrangeria apenas preocupações mais imediatas.

Verificando na prática, é provável que a galinha em si não tem consciência de ser propriedade, até porque ela não tem condições cognitivas de entender o que isso significa, pois a única coisa que faz diferença para o animal é sua integridade física e auto-preservação, ou em outras palavras, bem-estar. (Alberto)

No ocidente, a tradição filosófica há muito prioriza o *logos* como fator principal na constituição daquilo que se chama o humano, em oposição à sua negação: o animal. Bentham gerou uma guinada nos esquemas ocidentais de diferenciação entre o humano e o animal ao, em vez de perguntar se os animais podem pensar, raciocinar ou falar, questionar se eles *podem sofrer*. Derrida (2002) atenta para a mudança de foco, nesse contexto, da priorização da atividade e da condição de sujeito – presente em Aristóteles, Descartes, Heidegger, Levinas e Lacan – da qual o animal é, geralmente, excluído, para a valorização da própria passividade na qual nos encontraríamos com os animais.

Poder sofrer não é mais um poder, é uma possibilidade sem poder, uma possibilidade do impossível. Aí reside, como a maneira mais radical de pensar a finitude que compartilhamos com os animais, a mortalidade que pertence à finitude propriamente dita da vida, à experiência da compaixão, à possibilidade de compartilhar a possibilidade desse não-poder, a possibilidade dessa impossibilidade, a angústia dessa vulnerabilidade e a vulnerabilidade dessa angústia. (DERRIDA, 2002, p. 55)

Ao mesmo tempo em que a perspectiva de Bentham gerou bases racionais para o desenvolvimento de uma identificação entre humanos e animais, reafirmou, junto ao ponto de vista logocêntrico, o modelo de distinção que renega o animal à posição de objeto da ação humana. Somos, portanto, mais do que animais, ao passo que extrapolamos a condição que nos aproxima ao animal (*o poder sofrer*), posicionando-nos como sujeitos capazes de agir sobre o mundo e sobre si mesmos.

Os animais e os humanos são situados em pólos diferentes no sistema de oposição “natureza-cultura”, embora se reconheça que a espécie da qual os veganos fazem parte também é guiada por impulsos naturais – alguns intrínsecos à própria espécie e outros, como vimos, que compartilhamos com os demais animais. A propensão a destruir é vista como particularidade inata ao ser humano. DaMatta, discorrendo sobre alguns temas canônicos da antropologia, aponta o quadro de oposição homem-natureza como uma “dialética do senso-comum”:

Na nossa ideologia e sistema de valores, o homem está em oposição à natureza numa atitude que não é nada contemplativa, mas ativa. Ele visa o seu domínio e controle, o seu comando. Assim, na orientação ideológica popular, a dialética é a do homem saindo da natureza e, depois, voltando-se contra ela, com o intuito de dominá-la pelo progresso. (DAMATTA, 1987, p. 40)

Essa “natureza destruidora” dos humanos é lembrada, na comunidade *Veganismo*, constantemente nos discursos de viés ambiental: “Nós somos o MAIOR PROBLEMA do planeta Terra. Somos uma espécie realmente cruel, USAMOS os animais, DEGRADAMOS os recursos do planeta” (Lucia); “É complicado, cara, existe algo no homem que o impele a destruir tudo, mesmo sabendo que no fim da linha ele vai destruir a si mesmo, então eu duvido que ele consiga melhorar sozinho” (Hugo); “O ser humano, em toda sua auto-fascinação, só faz destruir (principalmente por se achar tão belo e centro das atenções, tão especial)” (John). Para muitos veganos, o ser humano é cruel e egoísta, enquanto os animais são seres inocentes que apenas sofrem as consequências dos atos por ele provocados.

A propósito, a verdadeira praga, a verdadeira superpopulação, é a do homo sapiens. Espécie egoísta q invadiu e tomou para si e devastou os habitats de quase todos os seres vivos, e agora enfrenta terremotos, tsunamis, furacões, temperaturas extremas, inundações e etc. Só tenho uma coisa a dizer: ‘Nós colhemos o que plantamos’, e os animais não têm culpa. (Matias)

Esse negócio de muitas espécies não conseguirem se manter no planeta, a maioria das extinções decorrem pela "grandiosa e inteligentíssima" ação humana que destrói a porra toda. A cada geração, a espécie humana se degenera, não caminhando para a extinção, mas para a completa falta de consciência e respeito a vida das demais espécies, dos seus semelhantes e do planeta. (Juca)

Além da forte tendência à destruição daquilo que os rodeia, os humanos são dotados de uma potência de criação que se estende não apenas à ação em seu mundo exterior, mas também à configuração de sua própria subjetividade. A capacidade de modificar a si mesmo é evocada pelos veganos como ponto distintivo entre animais, guiados por fatores biologicamente determinados, e humanos, seres culturais: “não se dá para moldar instintos animais não-humanos como o de humanos” (Anarco). Respondendo à comparação, feita por um *alfascista*, entre um humano que come carne e um leão, ambos movidos por impulsos instintivos, Lucas reage de forma irônica:

Com toda a certeza um leão pode modificar o ambiente em que vive como podemos, com certeza pode adotar uma dieta variada e consciente. Com certeza um leão mata suas vítimas indiscriminadamente só por fetichismo de paladar quando ele pode escolher por outras coisas conscientemente.

A necessidade de seguir uma ética de forma alguma é imputada aos animais, já que seria uma especificidade dos seres humanos. Reconhece-se que os animais agem motivados por algo maior do que eles, o instinto, por isso a “lei da selva” não é censurada pelos veganos. No entanto, é obrigação dos indivíduos pertencentes à nossa espécie atuar de maneira ética e altruísta, porque, como seres humanos, têm plena capacidade de moldar sua própria ação. Ainda como resposta aos questionamentos do *alfascista* que discutia com Lucas, Theo faz a seguinte observação: “Na selva também tem estupro e tortura... e aí, você acha bacana estuprar e torturar só porque os animais o fazem?”.

A oposição natureza-cultura, presente no discurso vegano, provoca um efeito ambíguo: valoriza-se o pólo da natureza, onde estariam os animais (inocentes e puros), ao mesmo tempo em que se clama pelo abandono, por parte dos humanos, de uma potência “bárbara”, com a valorização do pólo cultural e moral. Os seres humanos devem buscar uma atitude ética e civilizada, fazendo justiça às aptidões por eles herdadas, visto que “nenhuma outra espécie consegue criar conceitos de moral e ética” (Lucas).

O “ideal humano”, tão estimado pelos veganos, distancia-se da natureza, onde sua ação em relação aos demais animais poderia se justificar pela “lei do mais forte”. O que diferencia o ser humano dos demais animais é sua imersão no amplo campo de possibilidades aberto pela cultura. Capacitado a “pensar seu próprio pensamento” (DAMATTA, 1987, p.32), o humano – em oposição ao animal – consegue viver além do biológico e do natural, modificando seu próprio habitat e a si mesmo.

3.1.3 O olhar vegano sobre a relação do humano com os animais

O objeto da ética vegana é definido de acordo com a relação que se estabelece entre humanos e animais, podendo um mesmo animal, dependendo das circunstâncias em que está inserido, ser ou não objeto de preocupação para um vegano. Há algumas

formas em que se pode qualificar a relação entre *animais humanos* e *animais não-humanos*:

Exploração: essa relação resulta na objetificação da vida animal, isto é, na desindividualização através de sua transformação em mercadoria ou força de trabalho, portanto, privação do que se entende como sendo sua natureza animal. A inserção na dinâmica da produção e do consumo não obedece, necessariamente, os moldes da economia capitalista: um morador de área rural estaria explorando um cavalo ao utilizá-lo como transporte para visitar o rancho do vizinho, por exemplo. Costumam se inserir nesta forma de relação animais como a vaca, o boi, a galinha, o porco, a abelha, o touro, animais em circos, etc. Ainda neste capítulo, será dada maior atenção à categoria *exploração animal*, bastante recorrente entre os veganos.

Reciprocidade: entende-se que, tanto seres humanos quanto animais, estão igualmente implicados na relação que se estabelece. Essa não é uma categoria existente entre os veganos, então é utilizada aqui para designar uma variedade de relações que não ocorrem, segundo os próprios veganos, nos moldes da exploração. A reciprocidade pode se dar como “complementaridade”, situação em que os humanos consideram a relação como benéfica para ambos os lados, já que, na verdade, estariam realizando uma ação altruísta para com o animal em questão. Esse é o caso da relação entre humanos e animais de companhia domesticados, como cães e gatos, outros animais como vacas e cavalos resgatados de situação de exploração e animais silvestres considerados impossibilitados de viver em seu meio natural. A reciprocidade pode se dar, ainda, como “oposição”, situação em que, do ponto de vista vegano, o animal representa riscos à própria vida e ao bem-estar (físico e psicológico) humano. Esses animais, geralmente insetos como aranhas, baratas, colônias de formigas e de cupins, costumam ser considerados ameaças quando invadem o habitat humano: nossas casas e quintais.

Um dado interessante é a possibilidade de migração de uma mesma espécie animal de uma categoria a outra. A relação com animais silvestres, por exemplo, pode se dar no modelo de exploração, quando o homem os caça ou os domestica, privando-os de sua natureza selvagem, podendo ou não transformá-los em mercadoria em seguida. Pode ocorrer, igualmente, uma relação de reciprocidade sob a forma de oposição, quando, por ventura, um ser humano tem sua vida ameaçada pela presença de um animal silvestre, como uma cobra. Fora dessas situações, a relação entre humanos e

animais silvestres, para os veganos, é inexistente. O mesmo ocorre com alguns insetos, como a abelha que, na produção de mel, é sujeitada a uma relação de exploração, mas, caso uma colméia represente ameaça aos humanos, tornar-se-á um pólo em uma relação de reciprocidade nos moldes da oposição. Cabe ao ser humano, nessa situação, proteger-se da ameaça.

Sobre os cães e os gatos, os veganos consideram a existência de relação de exploração quando são postos à venda, tendo se transformado em mercadoria. Não é preciso, no entanto, que haja transação econômica para que o animal seja desindividualizado. Há casos de adoção de animais em que o requerente exige que o cão ou gato seja de determinada raça, o que é visto com reprovação pelos veganos: “Querer achar animais de raça para doação é barganhar” (Letícia); “Concordo, é um bom exemplo de transformação do animal em objeto” (Rômulo);

Mas a verdade é que adotantes que exigem características demais, em especial raça, agem como compradores que não querem pagar. Eu tenho um problema sério com isso.

Não acho nem um pouco relevante ter tipos diferentes (a gente se preocupa com isso pra montar coleção; ou seja, não se aplica a animais), a gente adota quando eles precisam e a gente tem uma condição mínima de cuidar...

A velha conversa de que "eu sonho em ter tal cachorro/gato" é questão de desejo. E o animal não deveria ser tratado como objeto de desejo, simplesmente.” (Milena)

O objeto da ética vegana são as relações que se dão no modelo da exploração, portanto é a respeito da crítica da exploração dos humanos sobre os animais que se desenvolvem as discussões que servirão de base para o presente trabalho. As relações de reciprocidade por vezes também são questionadas. Elas são postas, pelos veganos, frequentemente em posição de liminaridade com as relações de exploração. Como há uma série de discursos que garantem a reprodução desse tipo de relação, dificilmente são propostas modificações.

O estudo de discussões sobre temas que não fazem parte do cotidiano, mas que, nem por isso, deixam de impor desafios à ética vegana, pode ajudar bastante na identificação dessas situações de fronteira. Há questões, como a utilização de cães-guia por cegos, que põem em jogo sentimentos contraditórios. Nesse caso, discute-se a acessibilidade de deficientes físicos, tema cuja importância ainda é negligenciada pela

classe política. A situação do cão-guia é ambígua. Pode-se considerar que esteja em relação de reciprocidade com o seu dono, com quem nutre sentimentos de companheirismo: “Sou contra a exploração animal, mas nesse caso ainda acho que a relação pode ser mais afetiva do que meramente exploratória, diferente do cavalo que puxa uma carroça” (Lucas). É possível interpretar também essa relação como exploração, já que tais cães são comercializados ainda novos, obrigados a uma rotina de treino intenso e levados a desempenhar um trabalho em favor de humanos por toda sua vida: “Se não podemos ajudar um animal que nós mesmos o fizemos dependentes de nós, que (sic) também não vamos colocar ao nosso favor como distração, divertimento, auxílio ou qualquer outro tipo de força que não o permita decidir por si mesmo” (Sávio).

A reciprocidade que se desenvolve pela oposição é ponto praticamente livre de questionamentos, tendo sido apenas objeto de um tópico em que eram compartilhadas receitas caseiras para espantar formigas e mosquitos. A reciprocidade através da complementaridade é um pouco mais problematizada, embora dificilmente apareçam opiniões contrárias à manutenção da relação humana com cães e gatos, por exemplo. Os animais domesticados – principalmente aqueles utilizados na produção/consumo, mas também os de companhia – são o foco de preocupação dos veganos, pois é geralmente sobre eles que recaem relações de exploração.

Não é apenas no sistema de pensamento vegano que essa mudança de status do animal, passando de aliado a objeto de exploração – quando não a opositor – ocorre. A criação de animais engendra, ela mesma, uma situação de identificação, por parte dos humanos, que deve ser subvertida no momento do abate. A problemática transformação do animal em coisa, no âmbito das sociedades tradicionais, exige a realização de ritos de passagem e cerimônias (HAUDRICOURT, 1962). Segundo Dalla Bernardina, “não se trata de reconhecer que os animais também têm uma sensibilidade – o que os criadores sabem muito bem; trata-se, ao contrário, de lutar contra essa evidência”⁷¹ (DALLA BERNARDINA, 1991, p. 39). Para esse autor, o status de coisa atribuído aos animais é fruto de uma verdadeira pedagogia. Dalla Bernardina (1991) explica que, em certas culturas camponesas e indígenas, é comum que, para reverter o status do animal de

⁷¹Tradução realizada por mim, assim como todas as outras traduções presentes neste trabalho. Do original: “Il ne s’agit pas de reconnaître que les bêtes aussi ont une sensibilité – ce que les éleveurs savent fort bien; Il s’agit, au contraire, de lutter contre cette évidence”.

membro da família a coisa, seja necessário que ele cometa uma falta: um porco pode ser liberto na floresta para que, em seguida, seja recapturado como caça, o que autoriza a sua morte; em outra situação, o animal é incitado a um comportamento violento, tornando aceitável o seu abate. Nas cidades contemporâneas, o abate industrial (ou seja, massivo e anônimo) elimina, em parte, a relação direta entre homem/consumidor e animal/coisa, evitando o possível questionamento sobre o direito de matar para comer (MÉCHIN, 1991).

Derrida (2002) destaca as mudanças ocorridas nos últimos dois séculos na relação entre humanos e animais. Para o autor, o contato através do sacrifício ritual, da caça, da pesca, da domesticação, do adestramento e da exploração da energia animal foi subvertido pelo desenvolvimento de saberes zoológicos, etológicos, biológicos e genéticos, sempre combinados a técnicas de intervenção em seu objeto. Resulta, do emprego desses saberes, não apenas o aumento daquilo que Derrida chama de “genocídio animal”, mas a própria transformação dos princípios morais que resguardavam a relação do humano com o animal.

o aniquilamento das espécies, de fato, estaria em marcha, porém passaria pela organização e a exploração de uma sobrevivência artificial, infernal, virtualmente interminável, em condições que os homens do passado teriam julgado monstruosas. (DERRIDA, 2002, p. 52)

3.1.4 O status animal: sistemas de representação, valoração e hierarquização

Além da importância da forma da relação estabelecida entre humanos e animais, deve-se atentar para o fato de que nutrimos diversos esquemas de identificação com eles, a depender da espécie – isto é, nem todos os animais são iguais, ocupam diferentes posições em nossos sistemas de significação (DIGARD, 1988). Dumont (1992) critica a aversão da sociedade contemporânea à ideia de hierarquia. Ele lembra que “adotar um valor é hierarquizar, e um certo consenso sobre os valores, uma certa hierarquia das ideias, das coisas e das pessoas é indispensável à vida social” (DUMONT, 1992, p. 66). Dumont (1992) conclui afirmando que o ideal igualitário é artificial.

Em uma pesquisa sobre a representação da morte animal por camponeses da Europa Ocidental, em especial da França, Méchin (1991) chega a um complexo esquema de hierarquização que desvaloriza animais como os peixes, a rã e o escargot que – segundo os camponeses, habituados com o seu abate – “não sangram”. Devido a

essa especificidade, são considerados “não-carne”, sua morte é apenas a primeira etapa de sua preparação culinária, “eles flutuam em uma zona fluída, um tipo de limbo entre o animal e o vegetal em que a morte, enquanto ato essencial que modifica o status de um ser animado não faz sentido”⁷² (MÉCHIN, 1991, p. 53).

Não se pretende esgotar esse assunto aqui, porque seria preciso um trabalho devotado apenas à forma como os humanos criam sistemas de identidade e alteridade com as diversas espécies animais. Algumas discussões na comunidade *Veganismo*, entretanto, chamam atenção para as tensões causadas pela existência de uma ligação diferenciada entre humanos e cães/gatos.

É inquestionável que animais de companhia desfrutem de um status diferenciado quando comparados aos demais animais em nossa sociedade, mesmo para os veganos, que têm como princípio considerar todos, inclusive os humanos, como iguais. Essa preferência socialmente determinada pelos animais de companhia é fonte de contradições, fato evidente em um tópico de mais de 400 postagens que critica veganos que alimentam seus cães e gatos com ração a base de carne. Juan Lee é bastante contundente em sua afirmação:

Prefiro não adotar um cachorro ou gato do que financiar a morte de vários outros animais para alimentar apenas um... sinceramente, pode parecer radical, mas prefiro que um cachorro morra de fome do que financiar a morte de, sei lá, várias vacas para alimentar esse cachorro por toda uma vida.

Participantes da comunidade, como Fabi, ficam chocados com essa declaração: “Preferir deixar o cachorro e o gato morrer porque você não pode dar ração vegana é radical mesmo” (Fabi). Juan critica o predomínio da emoção sobre a razão no discurso dos veganos protetores de cães e gatos: “Uma pena que você se deixe levar pela emoção e mate vários e vários animais para alimentar seus tão amados gatos” (Juan Lee). O esquema proximidade-distância é identificado por Juan como responsável pelo tratamento privilegiado direcionado aos animais de companhia.

A vida de um animal doméstico não vale mais do que qualquer outra vida animal, pelo menos é nisso que todo vegano deveria acreditar, mas sempre tem esse pessoal que tem peninha de cachorro e gato e se

⁷²Do original: “ils flottent em une zone floue, sorte de limbes entre animal et vegetal où la mort comme acte essentiel modifiant Le statut d’un être anime n’a pás dès sens”.

importa mais com eles do que os animais que estão, digamos, mais distantes do nosso convívio.

Fabi confirma a tese de Juan, assumindo ter preferência por aqueles que estão mais próximos, sejam eles humanos, cães ou gatos.

Sobre isso... eu gosto mais dos humanos que estão ao meu redor (pai, mãe, irmã e marido) do que qualquer outra pessoa do mundo. Se caso a vida de algum deles dependesse da vida de outro ser humano, como transplante de órgãos, eu torceria que alguém morresse. Isso vale para cachorros, gatos ou qualquer outro animal de estimação que eu venha a ter.

Essa proximidade geradora de identificação não é apenas espacial, mas surge de uma forte afinidade cujos motivos não se procura compreender aqui⁷³. Vale salientar, no entanto, a posição de importância em que são postas as relações entre humanos e animais de companhia. Para Hugo, “nada melhora tanto o ser humano, nada humaniza mais uma pessoa e suaviza a sua alma, do que ter um animal como companheiro”. Fabi atribui aos animais de companhia a responsabilidade por uma grande mudança em sua vida: “Eu sou uma das pessoas que deixou de comer carne por causa desses animais que você defende a morte caso não coma ração vegetariana”. Romário compartilha da mesma experiência relatada por Fabi: “Os animais que ficaram e estão sobre minha guarda me influenciaram fortemente a chegar até aqui. Mesmo alimentando eles com restos de outros, agradeço-lhes por terem me feito parar com algumas ações incoerentes”.

3.1.5 Duas categorias centrais: *exploração animal e libertação animal*

O foco principal de problematização do veganismo são as relações de exploração do homem sobre os demais animais. Os limites em que se cessa uma relação de exploração e passa a ocorrer uma relação de reciprocidade baseada na complementaridade são bastante discutidos. Em uma série de tópicos, busca-se definir em quais situações ocorre *exploração animal*, categoria nativa sobre a qual nos debruçaremos.

⁷³A parceria entre humanos e cães é antiga, estabeleceu-se como uma cooperação entre as duas espécies no momento da caça. O fóssil do que é considerado o cão mais antigo do mundo data de 14.100 a 14.600 a.c., embora o início da domesticação de animais seja tradicionalmente indicado como advento do período Neolítico, isto é, acontecimento que se deu a partir do ano 9.000 a.c. Fonte: <http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/cientistas-suicos-descobrem-os-restos-do-cao-mais-velho-do-mundo>. Último acesso: 19 de setembro de 2010.

A ideia de *exploração animal* é, geralmente, associada a duas ações realizadas pelos humanos sobre os animais. A primeira delas é a obtenção de benefícios através do desempenho de um determinado trabalho por um animal. O labor não é considerado atividade natural aos animais, além disso, a obrigação de trabalhar para os humanos fere o princípio da individualidade animal, pois deixam de ter domínio sobre seus próprios destinos: “O problema dos cegos e qualquer outra deficiência deve ser resolvido por NÓS HUMANOS, os animais não tem nada com isso, eles não devem trabalhar para nós em hipótese alguma” (Carmen); “Pois bem, explorar com afeto continua sendo explorar. Agora... comprar um labrador pra servir de cão-guia? E mesmo se for adotado... você está fazendo o cachorro trabalhar pra você ao invés de deixá-lo viver sua própria vida” (Juan Lee); “Enquanto os animais não falarem e não tiverem oportunidade de escolha, tudo o que for relacionado a servidão de animais a favor dos seres humanos É EXPLORAÇÃO!” (Sávio).

A segunda forma de ação humana sobre os animais apontada pelos veganos como exploratória é a transformação de um animal, ou o que é produzido pelo seu corpo, em mercadoria (a exemplo das discussões abordadas anteriormente sobre a preferência de adotantes por animais de raça). Em um extenso debate a respeito do consumo de ovos não fecundados de galinhas criadas soltas, nota-se a preocupação dos veganos quanto à origem e ao destino desses animais.

O problema dos ovos envolve uma questão bem mais ampla, basicamente : onde se consegue as galinhas ?

Primeiro é preciso comprar de um produtor, se compra você causa exatamente o mesmo problema que ocorre com cães e gatos de raça, você alimenta o mercado que trata animais como bens de consumo, e que muitas vezes maltrata e descarta esses animais, além do fato de que esses produtores são os mesmos que criam animais para abate, ou seja, se você comprou a galinha para criar deu dinheiro para o abatedouro, por melhor que tenha sido a sua intenção. (Carol)

Se a galinha ta solta, tem condições adequadas de vida, não vai pro prato depois, etc.. e se alguém quiser comer o ovo.. acho ok. (Valéria)

Se as galinhas não foram compradas, foram resgatadas, se elas não serão mortas para consumo, eu não vejo porquê não consumir os ovos. (Fabi)

A categoria nativa *exploração animal* pode ser compreendida, portanto, como o ato de objetificar, ou desindividualizar, a vida de um animal, transformando seu corpo

em mercadoria ou força de trabalho. Esse processo contraria a natureza animal, causando-lhe um forte mal-estar físico e psicológico, uma vez que é privado de seu bem mais precioso, a liberdade. Já havia sublinhado a importância do conceito de liberdade no pensamento vegano, o que apenas se tornará mais explícito com a apresentação de mais uma categoria nativa: a *libertação animal*.

Assim como *exploração animal*, *libertação animal* é uma categoria que aparece vinculada a duas ideias complementares. A primeira, de que os animais devem ter direito sobre seus próprios corpos e sobre aquilo que por eles é produzido. Rejeita-se a possibilidade de transformá-los em mercadoria.

Galinhas que vivem soltas vivem na natureza, não em propriedades que, por maiores que sejam, tem limites. E vivendo em propriedades, elas próprias são propriedades, o que também vai contra os princípios veganos. (Matias)

Mas libertação é muito mais que isso. Não é só respeito ao bem estar do animal, nem apenas a liberdade de movimentos. Como já disseram, o tal ovo simplesmente não pertence a nós humanos! Se vamos levar adiante o conceito integral de libertação animal, bem, então não devemos consumir esse ovo. (Sávio)

A segunda surge da convicção de que animais devem ter poder de escolha sobre a própria vida, sem que sejam admitidas restrições sobre seus movimentos e vontades:

E quanto a estas galinhas das quais vc está falando, elas provavelmente não vivem nesta propriedade por vontade própria, e mesmo sendo uma propriedade grande, vão encontrar os limites para a liberdade. (Matias)

Na França existem praças com casinhas e os animais se abrigam ali na chuva. Se desejarem podem passear por onde quiser, inclusive indo a casa de alguém.
São livres... (Célia)

Há, no entanto, uma dupla formulação entre os veganos do significado da categoria *libertação animal*. A primeira se apresenta como o oposto da *exploração animal*, portanto será chamada de “liberdade negativa”. A liberdade, nesse caso, dá-se quando o animal não mais tem sua vida objetificada, deixando de ser transformado em mercadoria e força de trabalho. O animal está livre, como ressaltado anteriormente, à medida que tem direito sobre seu próprio corpo, mas não necessariamente sobre suas

vontades e movimentos. A relação que passa a se estabelecer entre humanos e animais é de reciprocidade baseada na complementaridade.

A outra formulação da categoria *libertação animal* se diferencia da primeira por compreender como liberdade um estado de não-interferência dos humanos na vida do animal em questão, caracterizando assim a abolição de relações entre humanos e animais. Essa liberdade será chamada de “liberdade positiva”, distinguindo-se pela tomada plena de poder do animal sobre seus próprios movimentos e vontades. O significado mais corrente da categoria *libertação animal* é o primeiro, embora os dois possam ser utilizados em situações diferentes pela mesma pessoa.

3.1.6 A liberdade fugidia

O vegano não considera sua ação sobre os animais, prioritariamente, como um embate de interesses com o próprio animal, o conflito se dá em relação a um outro humano. Busca-se anular, através de sua intervenção, o resultado da ação anterior de outros humanos sobre os animais. Em geral, os veganos se consideram em plena condição de compreender o que deseja o animal: o fim da exploração, isto é, o direito de não ser objetificado, de não ter seu corpo transformado em mercadoria ou força de trabalho. O processo de domesticação, iniciado há milênios, é indicado como responsável pela situação de exploração vivida pelos animais atualmente: “os animais desde que foram domesticados tiveram sua naturalidade agredida e eliminada” (Roni). Através da elaboração de uma conduta ética densa e de uma extensa ascese, os veganos buscam atingir a *libertação animal*.

Muitos afirmam que sua ação não tem por finalidade ajudar os animais, o que apenas demonstraria uma condição de superioridade dos humanos sobre as demais espécies. Para eles, apenas “deixam de fazer algo” através da recusa a consumir produtos de origem animal, evitando assim o financiamento de toda uma indústria que lucra com a exploração de suas vidas: “Ajuda para mim já implica em uma atitude superior. Não somos superiores a nada” (Hera); “Parar de matar e explorar não é ajudar, é o mínimo” (Martin); “Ajudar pressupõe fazer algo... veganismo é não fazer algos (sic)” (Kwame).

Embora a interferência direta dos veganos sobre os animais seja quase nula, é possível identificar ocasiões em que ela se dá, como no caso da intervenção sobre os

animais de companhia. A legitimidade da ação sobre os cães e gatos foi discutida em tópicos sobre castração. A existência de uma superpopulação de animais de rua é um consenso entre veganos e protetores dos animais, assume-se que algo precisa ser feito, mas não há um acordo sobre os métodos a serem utilizados. A castração é considerada a melhor forma de controle populacional de cães e gatos, apesar de alguns considerá-la agressiva por impedir o desempenho da natureza reprodutiva dos animais. Além disso, esse procedimento, acredita-se, é o único método de barrar o processo de domesticação dos animais de companhia: “Importante mesmo é que haja consenso sobre a interrupção da domesticação animal, algo que se faz com castração e com nossa prática vegana” (Raul).

Quando comparados aos animais de produção/consumo, cães e gatos já são livres, uma vez que há quase um consenso de que a relação que se estabelece com eles é de reciprocidade sob o modelo da complementaridade, não se trata de uma relação de exploração – embora alguns acreditem que a tutela de suas vidas, sendo exercida pelos humanos, acaba por retirar a autonomia desses animais sobre seu próprio corpo e seus próprios desejos. Mas atingir o outro nível de liberdade, no sentido de uma vida longe da nossa intervenção, é algo visto como impossível, já que a domesticação de milênios os tornou inaptos à sobrevivência independente dos seres humanos.

A presença de animais domesticados em ambiente selvagem – afirmam os veganos contrários à tentativa de reversão da domesticação – poderia causar um grave desequilíbrio ambiental, pondo em risco o estado de plena liberdade que ainda desfrutam alguns animais silvestres. A impossibilidade de uma vida autônoma faz com que as opiniões sobre o tema na *Veganismo* sejam quase unânimes ao imaginar apenas um destino para os animais de companhia: a extinção a longo prazo, através da castração. Para atingir o fim da *exploração animal*, é aceitável violar a individualidade dos animais, visto que a transgressão do direito sobre seu corpo se dá visando um “bem maior” para o próprio animal, tanto ao nível da espécie, quanto ao nível do indivíduo, ao passo que a castração traria benefícios para a sua saúde. Embora nem todos concordem com a tese da extinção, não são apresentadas soluções alternativas.

Em resumo, as discussões sobre castração põem em disputa duas forças: aquela que preza pela humanidade dos animais de companhia (que sentem como nós) e aquela que busca a reparação das consequências da ação do homem sobre essas espécies, com a

tentativa de diminuição de uma superpopulação de cães e gatos, levando gradualmente à abolição da domesticação. Digard (1988) atenta para as consequências da ação do homem sobre a reprodução das espécies animais, ao dizer que “produzindo os animais, produz-se a domesticação, ou seja, o poder do homem sobre o animal”⁷⁴ (DIGARD, 1988, p. 49).

Não foram feitas especulações sobre o destino de animais domesticados de produção/consumo fora de relação de exploração: se viveriam em santuários ou seriam devolvidos à natureza. Geralmente, os veganos consideram o fim da *exploração animal* como um processo gradativo que emergirá de baixo para cima, através da ação individual de cada um ao optar pelo veganismo. A exploração chegaria ao fim através da diminuição da demanda por produtos de origem animal, não através da proibição do consumo. Com isso, a população dos animais utilizados na indústria diminuiria aos poucos, até chegar a um nível baixíssimo de exemplares dessas espécies. Reconhece-se que esse seria um processo lento e que, possivelmente, esses animais jamais vivenciarão a “liberdade negativa”. A ação do vegano sobre os animais se dá ao nível da espécie e não do indivíduo (excetuando-se os casos de resgate de animais de produção/consumo, que têm a oportunidade de viver livres da exploração em santuários).

Alguns veganos põem em xeque seu próprio ideal de *libertação animal* ao afirmar que a extinção é o único destino dos animais domesticados de companhia e de produção/consumo. Em tese, a liberdade será alcançada apenas quando não existirem mais animais em condições de serem explorados, isto é, quando forem extintos os animais domesticados.

3.2 Os animais humanos entre si

3.2.1 O lugar do humano na ética vegana

O estabelecimento de uma identidade entre humanos e animais, através da categoria *especismo*, gera a ampliação do escopo da ética vegana. Como os seres humanos também são animais, é quase unânime entre os veganos a expansão do ideal de “libertação” à sua própria espécie. Dizer que veganos se importam mais com animais do

⁷⁴Do original: “En produisant des animaux, on produit de la domestication, c’est-à-dire du pouvoir de l’homme sur l’animal”.

que com humanos, no entanto, é uma acusação comum lançada por *alfascistas* na comunidade *Veganismo*. Em uma dessas ocasiões, os *trolls* Anne e Mototu divulgaram em um tópico um texto de seu blog que criticava vegetarianos que, em vez de ajudar crianças com fome, devotam seu tempo para cuidar de animais. Anne explica seu ponto de vista dizendo que “quem ama tanto a vida dos animais deveria no mínimo da mesma maneira amar a vida do seu próximo”. Criticadas pela generalização presente no texto, Mototu esclarece que o objetivo do blog é “conscientizar os vegetarianos que pessoas também merecem consideração, e isso abrange apenas os vegetarianos que dizem que animais merecem mais cuidado que seres humanos”. Os veganos insistem que suas condutas incluem a preocupação com os seres humanos, contrariando o que pensa o senso comum.

A coisa mais básica na qual se fundamenta o veganismo é a oposição ao especismo. Isso implica em não valorizar o sofrimento de determinada espécie em detrimento de outra. Tanto o sofrimento do homem, quanto o sofrimento de qualquer outro animal capaz de experimentar dor é condenável. (Renato)

Vou ser repetitivo, mas é só pra deixar claro: seres humanos também são animais, portanto também nos preocupamos com eles, pois nossa espécie também tá incluída no veganismo. Grande parte de nós atua nas mais diversas causas sociais além do movimento de direitos animais. Uma coisa não exclui a outra, elas na verdade se complementam. (Eric)

Frequentemente, os veganos da comunidade explicam essa postura através da utilização da expressão “*libertação animal*, humana e não-humana”. A causa animal, desse ponto de vista, seria tão importante quanto qualquer outra causa social. Em outro tópico *alfascista*, Ruhl – um *troll* fisiculturista que alega não entender o porquê dos veganos se preocuparem tanto com os animais – rebate uma comparação realizada por Lucas entre o anti-*especismo* e os movimentos que lutam contra o racismo e a homofobia: “Você se comparou a anti racismo e anti homofobicos. Deveria se esforçar mais NESSES problemas. Que são sociais. Humanos. E que de fato fazem diferença” (Ruhl). Irritado, Lucas pergunta como Ruhl chegou à conclusão de que ele não defendia o fim do racismo, do sexismo e da homofobia.

Para muitos adeptos, o veganismo deve estar conectado a outros movimentos sociais para atingir o seu propósito de “*libertação animal*, humana e não-humana”. O

ambientalismo é visto como intrínseco ao veganismo⁷⁵. Mas, geralmente, o cuidado com o meio ambiente é indicado como uma forma de preservar a liberdade dos animais silvestres, e não em sua acepção instrumental de manter os recursos naturais em abundância para que sejam utilizados pelas próximas gerações de humanos.

Não ser ambientalista e ser vegano/a é meio contraditório - se vc não defender a preservação dos habitats então pode subentender-se que é indiferente ao desmatamento. E é fato que o desmatamento acaba com a vida de animais silvestres, sem falar que no Brasil a destruição de coberturas naturais e a exploração animal são fatores interligados. Temos que ser contra a privação da vida natural de qualquer animal, silvestre ou doméstico. (Lucas)

Os movimentos sociais apontados comumente como tendo relação direta com a “*libertação animal humana*” são aqueles que combatem o sexismo, o racismo, a homofobia e o capitalismo – seja propondo o anarquismo, o socialismo, o comunismo ou visões favoráveis a um “capitalismo mais humano”. Vale refletir sobre o significado dessa liberdade que os humanos – mais especificamente, aqueles adeptos do veganismo – tanto desejam para si.

3.2.2 A busca da liberdade: conflitos e negociações entre religião e veganismo

A profusão de tópicos sobre religião na comunidade *Veganismo* dá uma pista sobre o significado que a expressão “*libertação animal humana*” guardaria. Entre os participantes desse espaço de discussões, há pessoas de diferentes (des)crenças, principalmente ateus/céticos e esotéricos que mesclam a fé em diversas orientações, como o cristianismo, o espiritismo, o candomblé, o budismo e o hinduísmo. Embora haja cristãos católicos e evangélicos, não é tão comum encontrar na *Veganismo* pessoas que aleguem praticar fielmente tais religiões. Nas discussões sobre religião, costuma-se criticar a existência de dogmas. Roni, que se tornou vegano pela influência do seu ex-namorado, diz que apenas passou a ter “saúde mental” quando “se libertou de Deus”.

Tenho medo de religião, dogmas ou qualquer idéia de algo "transcendental", hehehee. Não simpatizo com nada disso, pois, há n exemplos de como os homens têm usado as religiões para perpetrar

⁷⁵A relação inversa também é vista como necessária entre os veganos, o que os levam a tecer críticas a entidades como o Greenpeace. A existência de uma forte conexão entre ambientalismo e veganismo é sustentada por ser a pecuária a principal atividade econômica a impulsionar o desmatamento da floresta amazônica, junto ao plantio de soja, direcionado à fabricação de ração para animais da pecuária nacional e internacional. Com isso, os veganos consideram incoerentes ambientalistas que comem carne.

sofrimento, manter o status quo, etc. (...) Apesar de tentar respeitar, não consigo deixar de ter uma crítica a religião judaico-cristã que já derramou muito sangue em nome de Deus e tem infernizado a vida de muita gente com seus dogmas. Fui criado em uma família que dizia que eu iria diretamente para o inferno se fizesse isso ou aquilo. Vivia atormentado com medo do sofrimento eterno. Não acho isso legal e sei quantas pessoas sofrem por achar que há um Deus algoz julgando tudo o que elas fazem. Por outro lado, tem gente que diz só conseguir ser feliz quando "encontra" Deus. Enfim... para mim, isso não serve. Mas é legítimo, desde que respeitando os direitos alheios, que as pessoas exerçam suas crenças, sejam elas quais forem (e isso inclui o direito do ateu defender seu ponto de vista). (Roni)

As religiões são consideradas criações humanas, e não algo transcendental, por aqueles que criticam as instituições religiosas, caso da atéia Mirna.

Acho que SEGUIR uma religião, além de desnecessário, acaba criando várias regras. Convenhamos, nenhum deus criou religião alguma. Os homens criaram, assim como criaram a bíblia. E por que alguém iria querer seguir cegamente algo que um homem escreveu? ainda não entendo isso... Se tua religião te faz bem, apesar de eu ser contra religiões, continue acreditando no que vc acredita... mas molde-a pra ficar perfeita pra você.

Curiosamente, na *Veganismo*, até os participantes considerados mais religiosos se posicionam contra o dogmatismo existente nas religiões. Lucia, que costuma assinar suas postagens com a expressão “Luz e Paz”, acredita que “as religiões (instituições repletas de normas, dogmas e regras) são ópio e prisão para os humanos”. Matias, jovem de fé sincrética, diz não ter religião porque “todas têm seus dogmas, e se vc discorda de algum ponto, já é um ótimo motivo pra não seguir”. Dimas é espírita e tem a convicção de que não se deve aceitar tudo o que as religiões pregam.

Adoto a filosofia espiritualista e compartilho de vários aspectos da codificação Kardecista. Mas acho que estava propensa à cultura de sua época, e como qualquer linha é passível de contradições. E quem saberá se os espíritos responsáveis pelo texto seriam realmente evoluídos? Nosso bom senso deve filtrar o que há de realmente positivo em cada vertente religiosa, seja católica, espírita ou qualquer que seja.

Os dogmas religiosos são considerados elementos que atrapalham o desenvolvimento do pensamento autônomo do indivíduo, privando-o de pensar por si mesmo: “Religião, por si, é alienação, imposição. A religião torna qualquer ser humano pensante em um fantoche” (Ricardo). Allana largara o espiritismo, religião na qual foi

criada, havia um ano e, naquele momento, aprofundava-se na realização de uma pesquisa acadêmica sobre o tema, lendo obras de Kardec e Chico Xavier. Ela lamenta ter acreditado nessa religião por tanto tempo:

Eu, como estudiosa de pedagogia não-diretiva e de religiões, enxergo que as religiões fazem um mal incalculável à nossa sociedade! Como espírita que fui a vida inteira, enxergo isso ainda mais claramente, pois só hoje percebo o quanto o espiritismo atrapalhou o desenvolvimento da minha autonomia intelectual...

Matias tem outra interpretação sobre o que significaria ser intelectualmente autônomo. Misturar ensinamentos de várias religiões foi a forma que encontrou para se livrar de dogmatismos. Ele diz estar de acordo com Allana:

Eu concordo com vc, religião é um dos males do mundo, e tb sou feliz por ter minha "autonomia intelectual", como disse vc. Por isto mesmo, conheço um pouco de várias religiões e acredito em um ou outro ponto de cada uma, embora eu diria que as crenças católicas e evangélicas não me servem para quase nada.

Michel é adepto do candomblé, mas mostra-se incomodado com o sacrifício de animais comum em sua religião. Ele ainda não se considera vegano, entre outros motivos, por causa do candomblé. Michel lembra, no entanto, que no catolicismo há o ritual do sacrifício do cordeiro de Deus, em que, metaforicamente, bebe-se seu sangue e se come sua carne, na comunhão. Com isso, ele propõe a seguinte discussão em seu tópico: é possível conciliar veganismo e religião? A baiana Joana também segue o candomblé, mas, devido à incompatibilidade entre a religião e o veganismo, decidiu manter suas crenças individualmente, montando seu próprio altar em casa e cultivando ervas.

A minha maior dificuldade foi fazer minha mãe-de-santo compreender a postura vegana. No meu caso, estou afastada do Terreiro. Estava sendo pressionada para sacrificar uma cabra em oferenda a Oyá. Então, comecei a minha pesquisa sobre os arquétipos dos Orixás, e resolvi não oferecer a cabra, apesar de meu receio. Não sou feita de santo, pois já o sou de nascença. Desconfio que foi a própria Iansã quem me despertou para o veganismo, Ela sempre gosta de posicionar-se na vanguarda, ir à frente de todos, desafiar o estabelecido! Espero e torço para que sua mãe ou pai-de-santo compreenda. No início, tive medo. Hoje, me sinto mais forte e em paz por estar me sentindo mais próxima das forças da natureza, que são os Orixás. Enfim, sigo o preceito, sem a matança. Graças a Olorum, está tudo bem na minha vida. Axé.

Suzana evoca sua experiência com sua irmã, uma jovem de 17 anos, que adora animais e comida vegetariana. Ela conta que, depois de algumas conversas sobre a origem da carne e do leite, a adolescente ficou bastante interessada no veganismo, se não fosse por um detalhe:

Nessa época ela estava conhecendo a igreja mórmon, e tal, e estava estudando a doutrina com afinco, empolgadíssima, e me contava, tentava até me arrastar pra igreja! pffff.. aí já comecei a me desanimar quanto a veganização dela. Não demorou muito, um belo dia ela me falou: "mas, Suzana, eu fico "com pena" e tal, mas NA BÍBLIA está escrito que Deus criou os..."...(ah, todomundo sabe, me poupe!) Pois é, gente, cristão meessmo não é vegan de jeito nenhum...

Marlon também acha impossível ser fiel à doutrina cristã e ser vegano. Para justificar sua opinião, ele cita uma passagem da bíblia:

Gênesis 1, 26: "E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra."
Vegans cristãos achem outra interpretação pra esse trecho da Bíblia que não seja uma interpretação especista e eu dou um prêmio surpresa.

A bíblia é considerada por alguns um livro contraditório, outros acham que se deve filtrar os bons ensinamentos que ela traz sem acreditar cegamente em tudo que está nela. Pode-se afirmar que raramente um cristão, na *Veganismo*, justifica sua escolha pela ética animal como parte de sua doutrina cristã, o que apenas costuma ocorrer entre adeptos da igreja Adventista: “Sou evangélica e estou caminhando para me tornar vegan. Foi a religião que sigo que me instruiu acerca do regime vegetariano, por isso para mim fica difícil separar as coisas” (Kelly). Em geral, tenta-se conciliar a fé nos ensinamentos da bíblia, com o pensamento autônomo: “Eu também sou cristã e só tive um problema que foi o tempo em que as pessoas diziam para mim que Jesus comia peixe e eu deveria seguir tudo o que ele fez. Mas é isso... acho que ser vegetariano/vegano não depende muito da religião” (Marie).

Eu sou evangélica e estou entrando no veganismo agora. Estou seguindo faz uma semana, e não acho que uma coisa atrapalhe a outra. Sou vegan porque sigo uma filosofia, sou evangélica porque acredito em algumas coisas. Acho que uma coisa não influencia a outra. Não temos que ser iguais a ninguém, se Jesus comeu carne, foi por escolha D'ELE, e não minha. Não tenho nem conhecidos vegans, portanto não

sigo por seguir alguém, mas sim porque EU acho essa a melhor opção.
(Analiz)

A viabilidade da manutenção da fé religiosa pelo vegano – mesmo nos casos em que os ensinamentos categorizam os animais como feitos para servir aos homens –, aponta para a existência de uma relação distinta entre as pessoas e as divindades. Essa crença no transcendental não é mais absoluta, seus dogmas são ameaçados por outras construções morais contemporâneas. Valoriza-se, ao menos entre os participantes da comunidade estudada, a possibilidade de reunir doutrinas de diversas religiões em um conjunto de crenças bastante particular, que possa satisfazer às necessidades do indivíduo.

Em certa ocasião, Suelysofia, moderadora da comunidade “Céticos e Ateus”, foi à *Veganismo* reclamar da intervenção do *fake* Montezuma, que havia aberto naquele espaço um tópico para discutir o veganismo. Exaltada, a moderadora reprovava o que chama de “religião vegana”.

Entra numa comunidade que proíbe pregações entre suas regras, cria fakes para responder para ele mesmo, quer impor dogmas éticos e ainda quer ter razão? Isso é caso de invasão da privacidade alheia, da liberdade de escolha de cada um e um puta fanatismo que consegue ser pior que o dos religiosos. Nos livramos da castração religiosa que punia o sexo e controlava nossos órgãos sexuais e agora temos que brigar com NAZIVEGANS controladores de mais um dos nossos orifícios corporais; a boca. (Suelysofia)

A comparação do veganismo com as religiões é vista como inconcebível: “Não associem veganismo com a merda da igreja e muito menos com religião. Impossível discutir isso” (Daphne). Há quem considere, inclusive, religião e veganismo duas formas de pensar opostas: “Pra mim, veganismo e religião são incompatíveis uma vez que este é submissão e aquele libertação” (Cintia). Eric considera contraditória a oposição demonstrada por Suelysofia à ética.

Desde quando discutir ÉTICA é "pregação"?? O ateísmo não propõe a substituição do moralismo religioso sem fundamento pela ética e pelo racionalismo? Isso, feliz ou infelizmente, acaba nos levando a questionar costumes bastante arraigados e incômodos, é inevitável.(...) É, engraçado como esse pessoal não considera o onivorismo um "dogma moral" reforçado em larga escala pelas religiões ocidentais.

Entre os veganos sem religião ou ateus, embora toda forma de dogma seja reprovada, é contra o cristianismo que se nutre maior aversão.

Eu acho meio complicado ser cristão e ser vegan... Sei que existem pessoas que se dizem cristãos e veganos, mas... Como é que uma pessoa que se diz vegana vai apoiar a instituição que mais incita preconceito (e conseqüentemente, agressões e mortes) no mundo??
Só pra esclarecer: eu não disse que é errado ou que não dá pra ser vegan e cristão.
Mas é uma puta incoerência legitimar violência contra homossexuais e querer defender animais. (Lucy)

Portanto, é comum, apesar de não ser unanimidade, que se considere o veganismo como oposto ao pensamento religioso. Embora seja um esquema limitado, por não abranger aqueles que consideram o veganismo mais um passo em sua evolução espiritual, pode-se dizer que há uma diferença básica entre o vegano e o religioso, tomando o ponto de vista dos participantes dos tópicos estudados: enquanto o primeiro pensa por si mesmo e desafia os costumes socialmente estabelecidos, o segundo apenas reproduz os dogmas fixados por sua religião.

A *libertação humana*, além de se referir ao fim da “exploração do homem pelo homem”, combatendo o trabalho escravo e a exploração infantil nas linhas de produção, também faz menção à necessidade de “se libertar” das imposições provenientes das grandes instituições de nossa sociedade. A religião, em especial aquela de orientação cristã, é identificada como foco de opressão, à medida que é formada por uma série de dogmas que devem, a princípio, ser aceitos pelos seus fiéis sem questionamento. Entre esses dogmas é comum que haja aqueles que incitam seus adeptos a desqualificar o modo de vida alheio, podendo até mesmo provocar tentativas de restrição da individualidade dos outros em nome da defesa da moralidade. Libertar-se, portanto, também é se ver livre de coerções sociais que limitem a própria individualidade.

Mesmo para o vegano religioso, provar para os outros e para si mesmo que não se deixa levar por dogmas, mas sim pelo raciocínio crítico, é crucial. Há, com isso, aqueles que dizem não ter religião, apesar de manterem o que chamam de “crenças espiritualistas”; existe ainda alguns que assumem aquilo que é apontado por outras pessoas como sendo “falhas” de suas religiões, valorizando uma abordagem crítica de suas próprias crenças; e pode-se observar ainda aqueles que adotam uma fé bastante

peçoal, mesclando princípios de diversas religiões, mesmo que se identifiquem como pertencendo a apenas uma, como ao catolicismo.

3.2.3 Uma discussão sobre homofobia

Muitos são os meios opressores que ameaçam a tão desejada liberdade humana. Entre todos esses mecanismos de repressão dos impulsos individuais, a homofobia é o mais discutido e publicamente reprovado entre os participantes da *Veganismo*. Nota-se, nessa comunidade, uma grande quantidade de pessoas que assumem ser homossexuais e bissexuais, fator incomum em outros espaços de discussão do Orkut.

A presença de uma participante assumidamente homofóbica, o perfil *fake* Luiza Meirelles, gerou um mal-estar geral. Luiza é católica fervorosa, portanto, criacionista. Ela explica que é homofóbica em relação ao homossexualismo, mas não tem aversão aos homossexuais. Luiza considera o homossexualismo imoral e contrário à natureza, mas garante que sua repulsa a tal orientação sexual não se dá apenas por razões religiosas, já que suas conclusões “também são baseadas na observação do que o homossexualismo causou e tem causado à humanidade”. Ela não considera a orientação sexual uma questão que apenas diz respeito ao indivíduo. Para Luiza, “o homossexual não prejudica a si próprio. Prejudica à sociedade, porque serve de influência negativa para os outros, em especial, crianças. Isso influencia na decisão delas. E tem consequências depois”.

O posicionamento de Luiza choca os demais participantes, que veem essa postura como inadmissível para um vegano: “Se você é vegana mesmo, faria sentido você lutar pela libertação não-humana e humana” (Ceci). Apesar dessas declarações, Luiza não se considera preconceituosa. Para ela, “ter aversão é normal”, a homofobia apenas se tornaria um problema quando se expressasse através de agressões físicas, o que ela chama de homofobia prática.

A verdade é que poucos homossexuais sofrem preconceito, porque poucas pessoas são preconceituosas (Uma minoria). Só que estes casos raros ficam conhecidos rapidamente, e dão a impressão de que ocorrem frequentemente. A maioria dos gays brasileiros não tem problema nenhum com homofobia. (Luiza)

Lucas acha o discurso de Luiza incoerente: “Do jeito que vc fala, querendo determinar como o homossexualismo deve ser na sociedade pra conveniência da

sociedade heterossexual, é intolerância. Vc tá falando uma coisa que pra passar pro plano real precisa de ação prática e aí cairia na homofobia prática”. Os participantes da *Veganismo*, que havia algum tempo já pediam a expulsão de Luiza Meirelles, são atendidos pelo moderador, Miguel. O fim da participação de Luiza Meirelles é comemorado pelos membros que repetem “em coro” a frase: “homofóbicos devem ser expulsos do universo”.

3.2.4 *Libertação Animal, mas até que ponto?*

Embora se reconheça a importância de apoiar movimentos sociais relacionados a “causas humanas”, há discordância sobre os limites do ideal de *libertação animal*. Seriam preocupações intrínsecas ao veganismo o combate, por exemplo, à homofobia e ao racismo? Gustavo abriu um tópico para reclamar dessa abrangência que o veganismo estava tomando. Ele se pergunta se a luta pelos direitos dos animais já não seria o suficiente, pois incluir outras causas no veganismo apenas desviaria a atenção do objetivo principal: “O veganismo está perdendo sua unidade e especificidade, se é que um dia chegou a ter, e está se perdendo num oceano de interesses particulares que nada ou pouco tem a ver com a questão dos animais”. O anarquista Eric defende a conexão entre veganismo e outras formas de luta social:

É impossível ter um veganismo isolado de outros movimentos devido a uma questão de coerência: o veganismo tanto é uma das conclusões lógicas de diversas idéias quanto pressupõe diversas outras idéias. A solidariedade vegana com outras lutas de libertação animal humana ou não-humana é uma coisa óbvia e indissociável. Agora, quais desses movimentos deveriam ser apoiados ou não é uma questão com milhares de respostas diferentes.

A tendência dos veganos a apoiar outras causas, conectando-as diretamente ao ideal vegano, explica a afluência de discussões aparentemente “fora do tema” na *Veganismo*. Os participantes da comunidade frequentemente se identificam com outros grupos minoritários. Fernando é *straight edge* e compartilha opiniões bastante próximas às de Eric. Ele explica o que entende por *libertação humana*:

Veganismo é libertação animal e humana. No meu modo de entender libertação humana passa obrigatoriamente por uma luta anti-capitalista. Luta anti-capitalista tem uma relação muito forte com comunismo e anarquismo (eu sou anarquista). E eu sendo anarquista obviamente eu sou anti-religiões (nada contra Deus, mas as

construções de concreto não servem pra nada), sou anti-homofobia. Concordo em grande parte com movimentos populares de trabalhadores (MST, por exemplo).

O posicionamento político de esquerda marca as discussões da comunidade. Os anarquistas que delas participam costumam se denominar como “libertários”, lembrando mais uma vez esse valor inestimável de nossa sociedade. Para alguns veganos, a *libertação animal* é uma categoria que contém em si todas as propostas de mudança social que apoiam, esse é o caso de John. Irritado com o rigor exigido por membros como Gustavo, ele expressa seu incômodo com a tentativa de delimitação da amplitude das preocupações do veganismo.

Estou começando a achar melhor abrir mão do termo veganismo. Se ser vegano significa ser limitado à "questão pró-direitos dos animais" e depois disso cagar e andar para todo o resto, bom, então prefiro deixar de ser vegano e adotar alguma outra terminologia mais livre.

Sou vegano, sou homossexual, anti-capitalista, ecologista, tenho uma fé religiosa que envolve esoterismo, tenho vontade de adotar completamente crudivorismo e freeganismo (por razões ecológicas). E, tirando a questão de ser homossexual que independe de convicção, vejo ligação em isso tudo sim e enquanto acreditar nisso (minha mente é mutável, felizmente) vou falar abertamente sobre o assunto expondo o porquê de ver ligação entre esses temas, quer você ache errado ou não.

Lucas concorda com John, apesar de achar que, no veganismo, a questão mais importante deva ser a condição animal.

Há associação entre o veganismo, que é anti-especista, contra todo e qualquer meio repressor. A homofobia, por exemplo, é um meio repressor. Logo, eu acho que um(a) vegano/a bem resolvido/a não vá admitir a intolerância que são o sexismo e o racismo. Embora eu ache que esse não seja, especificamente, o "foco" do veganismo, basta ter bom senso pra ver que tanto especismo quanto racismo e sexismo são semelhantes e coisas que devem ser repudiadas igualmente. (Lucas)

Marcelo compreende a posição de Gustavo, criador do tópico. Para Marcelo, embora exista ligação entre o veganismo e outras filosofias e lutas, essas não devem ser consideradas como intrínsecas ao veganismo.

É fato que há uma interseção forte entre veganismo e anarquia, ambientalismo, e quinhentos outros ismos. só que chega uma hora em que o foco se perde totalmente. Aí começam os absurdos semânticos, de "quem é homofóbico não é vegano", ou os absurdos ideológicos

que são as curvas fechadíssimas do tipo "crudivorismo é mais vegano do que comer fritura".

Então pra que usar o veganismo? Pra que surgiu a palavra "vegano"? Bastaria dizer que você é do bem, que o veganismo teria de vir junto com o pacote che guevara/gandhi/raul seixas?

Essa fronteira tênue entre o veganismo e as outras causas defendidas pelos veganos é motivo de disputa na comunidade. Nas discussões, cada um tenta transpor aos outros sua visão ampliada do que é o veganismo. Guilherme está de acordo com Marcelo, ao passo que defende uma delimitação mais rigorosa entre veganismo e outros movimentos sociais.

Por mais que haja relação entre libertação humana e libertação animal, veganismo diz respeito à última. Às vezes me parece que boa parte do pessoal vê o veganismo como síntese de todas as causas libertárias. Essas pessoas têm que perceber que essa associação de ideias se dá na cabeça delas, e parar de estender isso aos outros.

Gustavo teme ter sido mal entendido e explica que não sugeria a recusa dos veganos a outras “ideologias pessoais”. Ele acha normal cada um ter seus interesses particulares por determinado tema, mas apenas não apoia que se inclua outras causas na ideia de veganismo. Para Gustavo, “vc ou eu não é/sou sinônimo de veganismo”, pois essa ética tem suas especificidades próprias que não devem ser ofuscadas pelos interesses pessoais de cada um. Embora todos reconheçam a similaridade entre o combate ao *especismo*, à homofobia, ao racismo e ao sexismo, cobrar dos veganos a defesa de cada uma dessas causas não é opinião unânime. A indeterminação dos limites da noção de *libertação animal* no veganismo abre a possibilidade de uma “estilização” da ética vegana.

3.2.5 Indivíduo-Sociedade: dois pólos distantes e inconciliáveis?

É explícito o foco do veganismo na autonomia individual, evidenciado nos discursos que dão conta da *libertação humana*, ressaltando a necessidade de pensar por si mesmo, longe dos constrangimentos de dogmas e imposições sociais. Assume-se que o veganismo é uma expressão da cultura individualista contemporânea que, contrariando o senso comum, não exclui de si preocupações sociais. Há, entre os participantes da comunidade *Veganismo*, uma tensão entre indivíduo e sociedade na qual os dois pólos – essas perigosas construções – são valorizados.

Ao mesmo tempo em que é preciso se libertar das imposições sociais e se transformar para dar uma forma singular à própria vida, é necessário agir visando o bem não apenas de si mesmo, mas da sociedade como um todo. Se não fosse assim, não haveria motivos para que o vegano modificasse seus atos para dar fim à exploração sofrida pelos animais. Embora seja o indivíduo, humano ou não-humano, o ponto de onde emergem as principais questões do veganismo, seria justo “sacrificá-lo” para atingir um bem social. Por isso, entre outras coisas, a castração de animais de companhia é aceita pelos veganos: admite-se violar a individualidade animal pelo bem de toda a espécie. Em um tópico sobre a progeneritura, pode-se observar as formas mais emblemáticas envolvendo a tensão indivíduo-sociedade, através de discussões sobre adoção e aborto.

O *alfascista* Benito abriu um tópico em que perguntava quantos filhos os participantes da comunidade gostariam de ter, já que ele gostaria de ser pai de seis crianças. Alguns participantes disseram que não teriam nenhum, outros que adotariam e alguns desejavam ter um ou dois filhos biológicos. Benito censura a vontade de alguns de “criar filhos dos outros”. Juan Lee se impressiona com a existência de veganos que, assim como Benito, preferem ter filhos biológicos a adotar.

O Benito obviamente é mais um fake querendo causar, pois deve saber que Veganismo tem tudo a ver com adoção, e que a maioria de nós pelo menos deveria ter o senso de que não existem motivos VÁLIDOS para se ter um filho (vaidade e etc não conta) já que existem tantas crianças órfãs morrendo por aí. (Juan Lee)

Os motivos para adotar, em lugar de gerar, são basicamente dois. Assim como Juan, há muitos veganos que defendem a adoção pela oportunidade de ajudar uma criança abandonada. A razão mais evocada, no entanto, é de cunho ambiental – fazendo eco à teoria malthusiana –, já que, quanto mais humanos no mundo, maior seria a destruição do planeta: “O mundo já está muito populoso, muita gente destruindo ele” (Letícia); “Porra, se vocês podem ser tão mente-aberta pra entender que decisões como comer carne têm um impacto impressionante no nosso planeta, por que não podem se abster de colocar mais uma pessoa pra consumir e degradar pelos próximos 80 e poucos anos também?” (Mutatis). Essas duas justificativas são utilizadas para argumentar contra a geração de filhos biológicos, ato que os veganos entusiastas da adoção consideram “egoísta”.

John é homossexual e pretende adotar futuramente uma criança, mesmo que esse laço não se efetive através dos órgãos oficiais que regulamentam a adoção. Ele não compreende como alguém possa ter um filho biológico “só pela experiência de ter” e “pela sensação de prazer”, o que ele tacha de egoísmo. Guilherme chama de simplista a postura de John, pois ele reduz uma “experiência individual que sequer deseja ter a mera sensação de prazer”. Marta pretende se tornar parteira, ela define a gravidez como uma “sensação maravilhosa que de nenhuma outra forma é possível de se sentir”. Segundo Marta, a maternidade a tornou “uma versão melhorada” dela mesma.

Ricardo pretende ter até dois filhos biológicos e é criticado pelos participantes da *Veganismo* por não considerar a adoção. Ele não descarta a possibilidade de, após ter filhos da “maneira natural”, adotar uma criança, mas não vê isso como uma obrigação a se cumprir apenas pelo fato de ser vegano. Para Ricardo, ter filhos biológicos é um direito seu, o que não o tornaria “nem um pouco egoísta”. John rebate dizendo que também tem o direito de comer carne sem se preocupar com o sofrimento dos animais e de comprar um cãozinho sem pensar antes nos que estão na rua, mas nem por isso realiza tais atos. John explica que

o egoísmo está em tratar uma vida como um objeto, crer que gerar uma vida é algo de satisfação pessoal, em vez de tentar proporcionar a essa vida gerada a oportunidade de crescimento moral diante dessa sociedade falida. Pois se fosse esse o objetivo, tanto faria diferença se era filho de sangue ou não.

Lucas entende que todos têm direito de escolher a forma como terão filhos, mas concorda que, se o importante é a satisfação de criar, não faria diferença ter filho adotivo ou biológico. Ele identifica na fascinação em gerar filhos um sentimento autocentrado: “acho que essa coisa de querer ter filhos biológicos quando se pode criar um filho adotivo é um tanto quanto vaidade genética (‘é meu! Fui eu quem fiz, tem meu sangue!’)”.

Não é apenas Lucas que considera “vaidade” o desejo de passar adiante os próprios genes. Há uma recusa do determinismo biológico por parte dos participantes da *Veganismo*, o que se evidencia quando, no mesmo tópico, Célia – participante cujas postagens polêmicas provocam frequentemente o riso ou o asco de toda comunidade – declara o desejo de configurar esteticamente seus descendentes: “Eu pretendo ter filhos de um homem europeu, como por exemplo irlandês ou sueco... Quero gêmeos, homens

e que tenham olhos azuis”. Após ser reprovada pelos membros da comunidade, Célia explica que, “bem lá no fundo” nem tem vontade de ter filhos. Ela, no entanto, não sabe se quer adotar, pois, segundo ela: “já soube de casos de crianças adotivas que assassinaram seu(s) pai(s)... vc não sabe a origem... o gen”. Esse depoimento de Célia é visto como ainda mais absurdo pelos participantes da *Veganismo*. Tais declarações soam, para muitos, como nazistas. A criação, portanto, é valorizada em lugar da genética.

Neste mesmo tópico, houve uma breve discussão sobre o tema “aborto”. A escolha sobre realizar ou não a intervenção na gravidez é vista pela maioria dos veganos que se pronunciaram como uma escolha individual a ser tomada pela mulher, já que está em jogo o corpo feminino. Priscila não aprova o aborto, mas como Guilherme, John e outros participantes, é a favor da legalização da prática.

Eu não acho correto abortar , mas tenho certeza de que legalizar é a maneira mais coerente de lidar com isso. E como mulher , considero uma falta de respeito com o direito da mulher de escolher sobre o seu corpo , pq uma gravidez indesejável nunca afeta um homem da mesma forma que afeta quem vai carregar aquela vida por 9 meses. Eu não abortaria de jeito nenhum, pq o meu direito de escolha começa em escolher não ter filhos e tomar todas as providencias pra isso, claro que acidentes acontecem, mas não são regra!!

O *alfascista* Benito julga incoerentes aqueles que, apesar de acharem errado abortar, defendem a legalização. Suzana acha que os veganos devem ser a favor da autonomia do indivíduo sobre o próprio corpo.

Olha, não acho incoerente a pessoa não achar certo e ser a favor de legalizar, contanto que não ataque a possibilidade de Plena decisão alheia sobre o próprio corpo. (um direito básico de qualquer vida: decidir sobre seu Próprio Corpo!) - não tem como ser veganx "coerente" e , ao mesmo tempo "contra esse direito"!

John ressalta que é a favor da legalização do aborto por ter a consciência de que apenas é contrário à prática por fatores espirituais: a crença de que a vida começa no momento da concepção.

Cada um deve ser responsável por seus próprios atos e se a pessoa acha melhor cometer assassinato (tem gente que come carne) por não se achar capaz de criar uma criança, bem, consciência dela. E uma lei impedindo aborto não impede que as pessoas abortem (de formas pouco seguras, colocando em risco a vida desta que aborta também).

Por ser uma questão de fé religiosa, principalmente, que eu acho que minha opinião não deve ser considerada regra e por isso o aborto deve ser legalizado (consciência de cada um que deve mandar em cada um).

A busca de autonomia individual – isto é, da construção de uma conduta independente das imposições sociais, tomando o indivíduo como centro e, conseqüentemente, valorizando o engajamento em uma postura autêntica – caminha junto da exigência de uma propensão “altruísta” que, ao mesmo tempo em que preza pela satisfação dos desejos individuais, considera o bem-estar dos outros como objetivo a ser alcançado. Não basta que a “liberdade” seja obtida individualmente, é preciso se empenhar para que *animais humanos* e *animais não-humanos* não sejam mais moralmente ou fisicamente oprimidos. Evidentemente, a tentativa de conciliar os desejos pessoais a questões sociais cria choques de interesses. Ainda nessa dissertação, serão apresentadas outras tensões entre “altruísmo” e “egoísmo”, ou se assim preferirem, entre propensões sociais e individuais.

CAPÍTULO 4

O vegano e o *outro*: aproximações e diferenciações

Alguém que conseguiu, finalmente, ter acesso a si próprio é, para si, um objeto de prazer.

(FOUCAULT, 1985, p. 70)

Os veganos discutem frequentemente na comunidade as dificuldades provenientes do contato com o *outro*, seja ele ovo-lacto-vegetariano ou alguém que consome carne. Esses últimos podem ser chamados por eles de *onívoros*, o que é mais comum, ou de *carnívoros*, uma definição utilizada geralmente para denominar aqueles que reagem negativamente às ideias defendidas pelos veganos. Qualificá-los como “carniceiros” ou “creófilos” são formas ainda mais pejorativas de se referir às pessoas que se alimentam de carne.

Alguns veganos censuram pessoas que chamam de vegetarianos os “ovo-lacto-vegetarianos”, isto é, aqueles que ainda comem derivados da vida animal: “Acho que tem que acabar com esse negócio de querer se dizer vegetariano que ainda consome produtos de origem animal. Quem consome leite e ovos é ovo-lacto-vegetariano, e ponto final” (Joana). Para esses, apenas são vegetarianos os que mantêm uma dieta vegetariana estrita, sem leite, ovos, mel ou gelatina, caso dos veganos. No entanto, é mais comum que os próprios veganos chamem apenas de “vegetarianos” os ovo-lacto-vegetarianos.

Nesse capítulo, serão analisadas as formas escolhidas pelos veganos para marcar sua diferença em relação aos ovo-lacto-vegetarianos, aos *onívoros* e aos *carnívoros*, ou “carniceiros”. Está sempre em discussão o processo de transição, seja do onivorismo ao ovo-lacto-vegetarianismo, do ovo-lacto-vegetarianismo ao veganismo ou do onivorismo diretamente ao veganismo. A relação entre os veganos e os outros é repleta de tensões, mesmo quando se dá através da internet. Ao mesmo tempo em que se posicionam como vítimas da intolerância por terem se “libertado” do modo de vida uniformizado das massas, estigmatizam seus algozes, afirmando sua superioridade frente a uma sociedade acomodada, cruel e autodestrutiva.

4.1 Velhos desconhecidos: tensões entre veganos e ovo-lacto-vegetarianos

Embora estejam mais próximos em sua conduta diária dos hábitos dos veganos, os ovo-lacto-vegetarianos são fortemente criticados por continuarem consumindo substâncias de origem animal. Tem-se a impressão de que o antagonismo entre eles é mais intenso do que aquele existente entre veganos e pessoas que comem carne. O fato de estarem tão próximos talvez estimule a necessidade de diferenciação: os veganos procuram deixar claro que sua atitude frente aos animais é mais eticamente elevada do que aquela seguida pelos ovo-lacto-vegetarianos. Suas críticas se referem aos ovo-lacto-vegetarianos que assim o são por questões éticas, desconsiderando aqueles que não comem carne por motivos de saúde ou religiosos, por exemplo.

O processo de estigmatização é melhor compreendido a partir do momento em que se dá ênfase à imagem de cada pessoa sobre a posição de seu grupo entre os demais e se desenvolve uma reflexão sobre o seu próprio status como membro desse grupo (ELIAS e SCOTSON, 2000). Os veganos se consideram portadores de um grande valor humano quando em comparação aos ovo-lacto-vegetarianos, aos *onívoros* e aos *carnívoros*. Diferentemente desses, o vegano busca refletir em cada uma de suas atitudes seu comprometimento com a ética animal. Os “outros” do veganismo são duramente julgados por sua insensibilidade à causa ou por seu conformismo em não se empenharem em mudanças de postura.

O ovo-lacto-vegetarianismo, quando muito, é considerado legítimo como fase de transição para o veganismo. O consumo de leite e ovos ainda provocaria a *exploração animal*, sendo reprovado pelos veganos, embora se reconheça a importância do ovo-lacto-vegetarianismo como um primeiro passo: “O importante é que essa seja apenas, de fato, uma transição. Não dá pra defender a liberdade animal sendo que a produção dos produtos que ovólactos consomem necessitam da privação da liberdade/vida animal” (Lucas); “o ovólacto continua corroborando com o sofrimento animal numa prática absolutamente supérflua, que é consumir leite e ovos. Mas de qualquer forma, acho que o ovólacto deve ser encorajado, e não combatido feito muito ativista faz” (Marcelo).

Exige-se do ovo-lacto-vegetariano uma postura comprometida com a mudança. Ele deve almejar sempre a transformação total, caso contrário estaria sendo hipócrita, incoerente e especista. Para Lucas, o conhecimento da situação vivida pelos animais deveria gerar a tomada imediata de atitudes: “se o ovólactovegetariano estiver ciente do que se passa por trás da produção de ovos, leite e derivados e ainda assim continuar não

se movimentando pra abandonar seu consumo então seria hipocrisia”. Marlene também exige uma mudança de postura dos ovo-lacto-vegetarianos “bem informados”:

Se considerarmos que a maioria de nós, veganos, teve um comportamento onívoro no passado, encarar o ovo-lacto (vegetarianismo) como uma transição, acho que o caminho está correto. Mas, consciente, bem informado... Decidir manter ovos e leite e ainda assim se afirmar ético, em defesa dos animais???? INCOERÊNCIA. É o nome pra isso. (Marlene)

Os ovo-lacto-vegetarianos que consideram a abstenção ao consumo de carne suficiente, não almeçando assim a transformação ao veganismo, são chamados pelos veganos de *OLAs*, isto é, “Ovo-Lacto-Acomodados”. Alguns veganos, inclusive, consideram os ovo-lacto-vegetarianos que não desejam excluir os derivados de animais de sua alimentação “piores do que os onívoros”, já que, apesar de terem se conscientizado do sofrimento animal, não se esforçam para diminuir a exploração através da modificação de suas práticas de consumo.

Se o discurso da pessoa é que ela é vegetariana porque não quer matar ou maltratar animais, então, é bem incoerente ela comer ovos, laticínios, usar couro, seda, etc. Muitas vezes é falta de informação. Em algumas poucas é falta de opção. E em outras tantas é falta de vontade e disciplina, mesmo. (Simone)

Há muitos ovo-lacto-vegetarianos, e até mesmo onívoros, interagindo na comunidade *Veganismo*. As acusações direcionadas aos ovo-lacto-vegetarianos provocam a ira dos que se encontram ou não em transição, e, até mesmo, de alguns veganos. Nara diz ainda se considerar “ovo-lacto”, porque consome vez ou outra doces com ingredientes de origem animal, mas não aceita ser estigmatizada pelos veganos: “Não sou acomodada, pois eu me esforço e o caminho para um estilo de vida totalmente abolicionista e anti-especista é árduo” (Nara).

A única forma de um ovo-lacto-vegetariano ser aceito plenamente pelos participantes da *Veganismo* é demonstrando empenho na tarefa de “transformar a si mesmo”. A vontade de modificar seus pensamentos e sua forma de agir em função do respeito à autonomia e à liberdade do indivíduo animal aproxima os ovo-lacto-vegetarianos em transição para o veganismo daqueles que já se consideram veganos. Como veremos mais adiante, a ênfase dada pelos veganos à “transformação de si”

apenas reafirma a importância da noção de indivíduo autônomo capaz de estetizar a própria existência.

4.2 Uma existência bela e singular: a árdua e prazerosa tarefa de “transformar a si mesmo”

A transição ao veganismo é definida por muitos como uma “libertação”. Alega-se que, ao optar pelo veganismo, o indivíduo está rejeitando hábitos socialmente impostos enquanto exerce sua autonomia. No entanto, não basta seguir um código de conduta vegano, pré-estabelecido, é preciso pensar por si mesmo. Os conceitos do veganismo devem ser interiorizados, nunca entendidos como dogmas a serem seguidos: “tenha em mente que você não está impondo regras nem rotinas a si mesma, e sim se libertando, se dispondo a ver além” (Alberto).

O vegano deve agir sobre si mesmo, tornando-se mestre de sua própria transformação. Esforçando-se em modificar suas próprias disposições interiores, adquirindo uma nova forma de pensar e de agir, o vegano exerce o governo de si. Michel Foucault, em seus últimos escritos, propõe uma reflexão sobre as modalidades de relação consigo através das quais o indivíduo se constitui e se reconhece como sujeito. Ele busca na Antiguidade grega e na Antiguidade Tardia (FOUCAULT, 1984; 1985) evidências sobre o que ele chama de “artes da existência”, isto é:

Práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também buscam se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e respondam a certos critérios de estilo. (FOUCAULT, 1984, p. 15)

Acionadas, ao que tudo indica, entre os gregos do século IV a.c., as “artes da existência” se desenvolvem, caracteristicamente, em períodos históricos em que o campo da moral está menos sujeito aos códigos e mais aberto aos modos de subjetivação e às práticas de si. Uma vez que esse não era um princípio recomendado a todos na Grécia antiga, aqueles capazes de encarnar tais prescrições eram consagrados com um status social diferenciado. Na Antiguidade, a busca de uma estética da existência era uma forma de afirmar a própria liberdade. A máxima “cuida-te de ti mesmo” ensinava que era preciso ter atenção aos próprios atos, não ser escravo de seus apetites, para que um *ethos* bom e belo pudesse emergir dando origem a uma vida

virtuosa “na qual era possível se reconhecer, ser reconhecido pelos outros e na qual a própria posteridade podia encontrar um exemplo” (FOUCAULT, 2006, p. 289).

Nos dois primeiros séculos da era cristã, há uma insistência sobre a atenção que se deve ter para consigo, de modo que a arte da existência se encontra dominada por esse princípio, constituindo uma “cultura de si” que comportava uma variedade de procedimentos: regimes de saúde, exercícios físicos, meditações, leituras e anotações. Embora ainda estivesse longe de ser considerado uma atitude padrão entre os gregos e latinos do século II, o cuidado de si, principalmente no que tange à moral sexual, refere-se cada vez mais a princípios universais da natureza e da razão aos quais seria importante que todos se curvassem. Enquanto na Antiguidade prezava-se pelo uso comedido dos prazeres, entre os helenos há uma gradual valorização da abstinência.

Outros autores identificam a emergência de uma estética da existência no Renascimento. Ortega (1999) faz referência ao trabalho de Burckhardt que localiza na passagem do feudalismo ao despotismo, na Idade Média italiana, a condição que propiciou a dissolução das formas de identidade tradicionais. A idéia de um homem cujo ser não é simplesmente dado, mas deve ser construído, surge a essa época, mas permanece limitada ao contexto teórico.

Nas grandes cidades do século XIX é na figura do *dândi*, descrita pelo poeta Baudelaire, que se pode encontrar uma tentativa, difícil e complexa, de elaboração de si mesmo, fazendo de seu corpo, comportamento e toda sua existência uma obra de arte (FEATHERSTONE, 2007). O dandismo traça uma atitude heróica com relação ao presente e mediante um relacionamento consigo mesmo. No texto “O que é o Iluminismo”, Michel Foucault discorre a respeito da concepção de modernidade apresentada pelo poeta Baudelaire que, longe de considerar o termo como se referindo a uma época histórica, encara a modernidade como uma atitude; não apenas uma forma de relacionar-se com a realidade contemporânea, mas um modo de relacionamento a ser estabelecido consigo mesmo. O homem moderno não é aquele que se põe em uma árdua investigação em busca da descoberta de seus mais obscuros segredos; o homem moderno é aquele que tenta inventar a si mesmo indo além de seus limites. Embora Foucault advirta que para Baudelaire essa ascese moderna não encontraria lugar para se desenvolver na sociedade, unicamente na arte, “ele utiliza o dandismo como uma ponte para uma possível atualização da estética da existência” (ORTEGA, 1999, p. 101).

Foucault já via, na primeira metade dos anos 80, alguma semelhança entre a contemporaneidade e a Antiguidade: atualmente vem desaparecendo, se já não se extinguiu, a ideia deixada pelo cristianismo de “uma moral como obediência a um sistema de regras” (FOUCAULT, 2006, p. 290). Com a ausência de uma moral rígida que deva ser seguida, irrestritamente, por todos, Foucault acreditava que surgiria uma estética da existência. Esses modos de vida tão diferentes quanto possível uns dos outros têm em Foucault uma importância política, porque são uma resistência às formas de subjetivação dos aparelhos disciplinares e do biopoder; é necessário mudar os comportamentos, adotar formas de viver diferenciadas e “subtrair-se ao grilhão disciplinar que regulamenta a existência singular e coletiva dos indivíduos nos vários e específicos âmbitos da vida cotidiana e institucional” (VACCARO, 1996, p. 167).

Realizar essa transformação profunda da subjetividade proposta pelo veganismo exige a renúncia às formas de assujeitamento através das quais fomos e continuamos sendo civilizados. No tópico em que Donna pede ajuda para deixar de comer carne, Alberto atenta para a complexidade da constituição de nossas disposições interiores, ressaltando a necessidade de operar no plano do subconsciente.

Nesse caso você deu o primeiro passo, que envolve o consciente, em racionalmente entender o porque do veganismo, uma evolução, e o sub-consciente? será que ainda não tá operando como operava do modo antigo? não seria por isso que ainda sinto vontade de comer carne? porque, apesar de eu ver os animais de forma diferente que a maioria, eu ainda sinto vontade como essa maioria? são essas as questões que você deveria fazer a si mesma rotineiramente daqui pra frente. Se você ainda tem muita vontade de comer carne, é porque os animais pra você, em parte ainda são recursos (eu disse "em parte", só pra frisar) isso é devido ao subconsciente que deve ser desprogramado, e isso ajuda muito, veja também que os ambientes domésticos, as pessoas, os cheiros, e tudo mais, estão ligados a esse gosto por carne no subconsciente, cabe a você com muito cuidado identificá-los e trocar por novas formas de se ver, no começo parece que dá um pouco de euforia policiar os próprios pensamentos, mas acostuma rápido. (Alberto)

No processo de supressão do desejo por substâncias de origem animal, não se utiliza apenas uma concepção racionalizada baseada na ética animal. Em alguns casos, o recurso a outros sentimentos, como a piedade e o nojo, também são usados. Lídia abriu um tópico na *Veganismo* pedindo que os demais integrantes a fizessem sentir nojo de consumir derivados de animais.

Estou procurando meios pra largar de vez ovos e leite. Talvez o fato de não ser "animal" morto faz com que eu "acostume" a ingerí-los e também seus derivados... Seja como for é o caso que eu gostaria de ler argumentos e depoimentos que me dêem nojo..(rssss) Estou apelando mesmo, porque moro em cidade pequena... e mal tem proteína de soja. Quando tem é uma fortuna!! Fora pra se preparar alimentos totalmente veganos. PRECISO COLOCAR NA CABEÇA!!! E tem outro detalhe: eu AMO sorvete, tanto mas tanto que deixo de almoçar pra ir na sorveteria... (vício confessado) Na hora eu nem penso no leite... (Lídia)

Tópicos com pedidos de apoio são comuns na comunidade. Os participantes em fase de transição estão dispostos a se deixar afetar pelas palavras dos veganos. Como são poucos aqueles que possuem ciclos de amizade veganos ou familiares que apoiem suas escolhas, a internet se torna a única fonte de apoio à sua mudança de conduta. É através do Orkut que muitos veganos têm acesso às informações necessárias para realizar o cuidado de si, desempenhando, ao mesmo tempo, a função de guias à medida que atuam no campo dos “cuidados que se tem com o cuidado que os outros devem ter consigo mesmos” (FOUCAULT, 1985, p. 58).

Na Antiguidade, saber cuidar de si era prerrogativa para ocupar um lugar de destaque na atmosfera política da *polis*, já que apenas os que detinham o governo de seus desejos poderiam estar à altura de governar os outros. A relação com os outros, no cuidado de si, não acaba aí: o mestre é uma autoridade cujas lições devem ser ouvidas com apreensão e interiorizadas. Na atualidade, o cuidado de si não é mais condição para que se possa cuidar dos outros, mas continua exigindo o contato com o outro. As relações sociais estabelecidas atualmente com esse intuito são mais horizontais, com um mesmo sujeito desempenhando o papel de pupilo e de conselheiro.

4.3 O indivíduo emancipado: autonomia e desvio na comunidade *Veganismo*

O meio social é considerado um empecilho no processo de transição para o veganismo. A sociedade, tão avessa à conduta vegana, seria portadora de um caráter quase contagioso. Ao tornar-se vegano, o indivíduo estaria em busca de sua emancipação. Esse movimento dialético entre indivíduo e sociedade foi criticado por Elias e Scotson (2000). As configurações que os indivíduos formam entre si limitam o âmbito de suas decisões, atuando por vezes de forma coercitiva devido à

interdependência existente entre eles. Para os autores, o ideal da completa autonomia individual é ilusório:

A visão, hoje muito difundida, de que um indivíduo mentalmente sadio pode tornar-se totalmente independente da opinião do ‘nós’ [we group] e, nesse sentido, ser absolutamente autônomo, é tão enganosa quanto a visão inversa, que reza que sua autonomia pode desaparecer por completo numa coletividade de robôs. (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 40)

O vegano se considera sujeito de um modo de vida desviante. Para ele, a sociedade também o enxerga desta forma, uma vez que, como veremos adiante, os hábitos dos veganos são vistos com estranheza, tornando-os alvo de questionamentos, piadas e constrangimentos. Opto aqui por uma versão interacionista de “desvio”, livre de uma concepção moral que classifique como tal apenas aquelas expressões consideradas, em nossa sociedade, infratoras da lei e dos bons costumes. Os veganos, de fato, seriam desviantes assim como os músicos de jazz estudados por Becker (2008). Ao acreditarem possuir um misterioso dom artístico que os distinguiriam dos demais, os músicos de jazz passam a se considerar “diferentes de outros tipos de gente e melhores que eles” (BECKER, 2008, p. 95). A opção do vegano pela dieta vegetariana estrita não costuma receber o apoio de amigos e familiares. Transpor a reprovação alheia é mais uma maneira de demonstrar o próprio valor enquanto indivíduo autônomo.

Tipo, é cultural o lance da carne aqui,entende? Tipo, parece que têm que colocar carne em tudo...E minha mãe ainda tem a nóia de que eu vou ficar com anemia... Por favor, não me julguem. Me ajudem. Estou completamente só aqui... Esse lugar é famoso pelos TORNEIOS DE LAÇO (evento que Deus abriu meus olhos e eu parei de frequentar já tem um bom tempo). (Donna)

Não se engane, a falta de apoio é bastante normal em qualquer lugar, e não é por isso que vamos desistir, né?! ;) É uma questão de saber os motivos e estar decidida. Vc já conhece a causa da libertação animal, mas conhecer também a da saúde e meio ambiente vão lhe ajudar. Seja mais forte que o preconceito alheio e liberte-se! (Matias)

Quando comecei a acordar pra realidade (passei pro veganismo sem transição) eu não tinha nenhum apoio, nenhum exemplo, e mesmo assim resolvi meter a cara, sem mesmo dar atenção às críticas inconstitutivas da família. Mas continue firme nas idéias, a mudança começa em você, e com ou sem apoio, você vai dar um jeito, levando em conta que você já acordou pra isso, vai ser muito difícil fechar os olhos agora, de fato, você vai conseguir com ou sem amigos vegs, mas tudo isso, desde que você tenha acesso à informação... por exemplo,

aqui nos tópicos dessa comunidade há muita informação e experiências valiosas. (Alberto)

Ao participar da comunidade *Veganismo*, se tem acesso a outras justificativas para se tornar vegano, são compartilhadas táticas para se manter fiel ao ideal e se abre espaço para expressar o repúdio à conduta da sociedade mais ampla. O pertencimento a um grupo desviante, como salienta Becker (2008), solidifica a identidade desviante. Ao fazer parte desses encontros, o sujeito

aprende como levar adiante sua atividade desviante com um mínimo de contratempo. Todos os problemas que enfrenta para escapar da imposição da regra que está infringindo foram enfrentados antes por outros. Soluções foram encontradas. (BECKER, 2008, p. 48)

Alguns veganos e pessoas em transição acreditam que o consumo de substâncias de origem animal gera uma espécie de vício, o que justificaria a dificuldade de muitos para renunciar ao consumo de produtos que os contenham. A ideia do “vício” em produtos de origem animal é mais aceita como uma metáfora, já que não há indícios de que existam neles compostos que gerem dependência química: “Acho que esta desculpa do vício deve ser cautelosa, pois quando se fala em vício logo se relaciona à dependência química, que é algo muito mais difícil de vencer! Eu não conheço alguém que tenha tido sintomas sérios de abstinência após abandonar produtos animais” (Matias).

O argumento do vício é frequentemente identificado como uma desculpa utilizada por aqueles que não se esforçam suficientemente para eliminar o consumo de produtos de origem animal. Pode-se encontrar também a interpretação deste “vício” como uma dependência psicológica e social apenas percebida no momento em que se tenta desvencilhar de práticas corriqueiras, como a transformação de animais em mercadoria e força de trabalho: “Esse vício é meramente social. Produtos de origem animal não causam dependência química, no máximo psicológica porque você vai ter que recusar todos os churrascos com seus velhos amigos e o bolo cheio de ovo da tua avó” (Nara). O distanciamento moral em relação à rede social da qual faz parte, causado pela adoção de uma nova perspectiva sobre os animais, torna ainda mais traumática a mudança de comportamento.

A “libertação total” do paradigma comumente aceito sobre os animais – seres que apenas existiriam como recursos para os humanos – tem por sinal a modificação do

próprio gosto alimentar e o refinamento do paladar. Os veganos costumam alegar que, com o tempo, os produtos de origem animal não mais lhes despertavam desejo e que passaram a gostar de alimentos vegetais antes odiados, descobrindo sabores nunca antes experienciados.

O paladar muda, pelo menos o meu mudou – eu achava que não podia viver sem cheddar; e eis que não como faz muito tempo, e não sinto falta. Ou seja, o amado queijo talvez não vá fazer tanta falta assim... Claro, as pessoas são diferentes umas das outras, mas pelo o que conversei com dois veganos amigos meus, o paladar deles mudou também: não sentem mais falta de várias coisas. O que me leva a acreditar nesta teoria. (Camy)

O triunfo do indivíduo sobre a sociedade que vive dentro dele mesmo é a meta a ser alcançada. O exercício diário da recusa e da abstinência, acompanhado pelo forte empenho no aprendizado de um novo código de condutas: esse é um processo de subjetivação constante que não tem por finalidade gerar um “sujeito vegano acabado”. O ideal vegano compreende um movimento ininterrupto e inesgotável de transformação de si.

4.4 Acomodados, egoístas e inautênticos: o discurso acusatório sobre os *onívoros* e os *anti-vegs*

A relação na comunidade entre veganos e *onívoros*, ou seja, pessoas que também comem carne, expressa-se, frequentemente, através do modelo da conversão de ideias. O *onívoro* é aquele que ainda precisa ser convencido sobre o caráter injusto da utilização da vida animal pelos humanos. A aceitação de ideias que provocam a desestabilização do cotidiano, como é o caso do veganismo, – modo de vida composto por uma extensa ascese – não é tão corriqueira. A rejeição aos argumentos veganos baseados no combate à *exploração animal* é mais comum do que a mudança de perspectiva. O *onívoro* é constantemente caracterizado pelos veganos por seu comodismo intelectual. Em contraste, os veganos seriam providos de uma personalidade instigante e uma forte tendência ao aperfeiçoamento pessoal.

O veganismo em si sempre provoca as pessoas, é como uma evolução da consciência, a irritabilidade, intolerância, o sarcasmo e o incômodo eu vejo como um passo, porque todos se sentem mal por serem o oposto do tal "vegan" (e não é o contrário como muitos pensam). O vegano é coerente na sua forma de encarar e agir de acordo com a

realidade, já os "outros", NEM AO MENOS encaram a realidade, e claro, esse é o motivo do desconforto íntimo deles, em saber que um faz com muita determinação o que eles nem querem pensar em fazer, e ainda sabendo que tão errados. Sempre quando você declara a alguém que não come carne, isso desanca com a moral dela, e o fato é esse, fazemos sim alguma diferença, porém nem tudo é fácil nesse mundo onívoro, hipnotizado e repetidor que vivemos, e todos os veganos devem ser parabenizados pela decisão e por encararem todo o preconceito alheio. (Alberto)

É comum, entre os veganos, afirmar que os *onívoros*, embora continuem comendo carne, “sabem que estão errados”. A não adequação da própria conduta às convicções pessoais se daria por falta de coragem de adotar uma postura “autêntica”, isto é, pela incapacidade de “fazer escolhas e assumir posturas que denotem uma aparente coerência entre aquilo que se sente e pensa num dado momento e aquilo que é comunicado publicamente a respeito dos próprios gostos, princípios ou personalidade” (FREIRE FILHO, 2007, p. 138). A autenticidade é uma característica presente apenas entre aqueles que governam a si mesmos, inexistindo, portanto, em meio aos que se deixam levar pelas convenções, caso dos *carnívoros*, dos ovo-lacto-vegetarianos e dos *onívoros* convictos.

Você imagina como se sentem as pessoas que conhecem a nossa causa, mas não tem coragem, ou atitude de mudar, de encarar o "novo", de correr o risco de passar pelo preconceito que nós veganos passamos, de abdicar do paladar que já estão acostumados... E as que não conhecem a causa, muitas vezes, preferem nem conhecer, pois os ignorantes não sentem culpa e acabam sofrendo menos! (Phil)

Para o vegano, é difícil compreender como, mesmo após ser informado sobre o sofrimento animal, o *onívoro* continua a comer carne. Suzana considera o “onivorismo convicto” “egoísmo e falta de vergonha na cara”. Assim como os ovo-lacto-vegetarianos por questões éticas, os *onívoros* que “sabem que estão errados” seriam “hipócritas”, de acordo com a opinião de muitos participantes da *Veganismo*. O “comodismo” das pessoas que não buscam a transformação de si é motivo de incompreensão e revolta para os veganos comprometidos com o ideal de autoaperfeiçoamento.

Como me comportar diante daquelas pessoas que já entenderam e concordam com o nosso ponto de vista mas continuam sendo onívoros porque é mais fácil? E tudo isso só porque a pessoa não quer ir contra

os conceitos cristalizados na nossa sociedade. Não é ridículo? Não é hipócrita? (Valesca)

Eu também sinto isso o que a Valesca disse, uma indignação pela falta de iniciativa das outras pessoas em ao menos cogitarem mudar seus hábitos. Não consigo compreender porque tanta gente sabe que ser vegetariano é possível [e prazeroso], que colabora e muito para os animais, para o meio ambiente e até para si mesmo; e, mesmo assim, não mudam seus hábitos por medo, ou porque "não consigo viver sem carne/queijo, eu gosto tanto", "ai eu vou morrer se não puder comer de tudo". (Camy)

Jaime é favorável a uma maior integração entre veganos e *onívoros*, ele acha que os veganos devem entender que “receber informação é diferente de desenvolver consciência. Consciência demora mais”. A forte convicção de se estar do lado correto, mantida constantemente pelos veganos, pode provocar abordagens violentas em relação aos onívoros, resultando na acusação de que se tratariam de “assassinos”, “comedores de cadáveres”, “cruéis” e “egoístas”. Nesse caso, o discurso acusatório pronunciado por alguns veganos extrapola o campo do julgamento sobre a forma correta de relação entre humanos e animais, gerando o que Velho chama de uma “acusação totalizadora”, porque contamina “toda a vida dos indivíduos acusados, estigmatizando-os de forma talvez definitiva” (VELHO, 2008, p. 63). Nem todos, no entanto, apoiam essa estratégia de comunicação baseada na culpabilização e moralização do ato de comer carne, uma vez que a escolha de formas de abordagem é uma atitude bastante pessoal.

Há ainda encontros que se dão de modo mais antagônico, caso da relação entre os adeptos do veganismo e os *anti-vegs*, seja nas interações mediadas por computador, com os *alfascistas*, seja nas ocasiões em que as discussões ocorrem face a face, com os *carnívoros* e os *ex-vegetarianos*. Os *alfascistas* são considerados desocupados que gastam a maior parte do seu tempo lendo tópicos de comunidades sobre vegetarianismo, veganismo e direito dos animais. Para os veganos, eles têm como único objetivo rebater cegamente os argumentos apresentados, criando discussões longas e exaustivas. Os *carnívoros* são pessoas que declaram não conseguir viver sem carne, demonstrando, além disso, aversão àqueles que defendem a abstenção ao consumo de carne e demais substâncias de origem animal, podendo se tornar *alfascistas*, quando em uma discussão na internet.

Há alguns relatos sobre a existência de *ex-vegetarianos* fora e dentro da rede mundial de computadores. O site da Meavels – pretensa entidade dedicada a combater

as práticas vegetarianas com publicidades pró-carne – teria sido construído por um *ex-vegetariano*, o que provoca a indignação dos veganos que afirmam que “não existe *ex-vegetariano*”: “Veg: ou você é ou nunca foi” (Allan). Os *ex-vegetarianos* teriam fracassado em seu objetivo, o que atestaria sua falta de determinação: “são apenas fracacos, em todos os aspectos. Mais do que nojo, sinto pena. Tentam ser veganos, não conseguem, e fazem este tipo de coisa” (Everton).

Os *anti-vegs* fariam uso de argumentos sem fundamentação lógica para combater o veganismo, por isso muitos acham a discussão com eles verdadeira perda de tempo: “tudo o que querem é que a gente aceite as provocações e entre no jogo deles” (Eric). As acusações são, quase sempre, de cunho pessoal. Em uma conversa sobre a escassa participação de veganos na comunidade “Vegetarianos x Onívoros”, reclama-se do baixo nível de seus integrantes:

É um bando de carniceiro metido falando bobagem, eles tão vivendo com informação do século passado e se juntaram lá pra malhar vegetariano. Lá é total reduto carnívoro. Até a única moderadora ‘veg’ é muito respeitadora e vai a churrascos com eles. O esquema da comu é tipo corredor polonês, e eles se bastam pra ficarem lá convencendo uns aos outros de que tão certos. Acho que a gente podia chamar aquilo de "grupo de apoio". É o lugar onde carnívoros se encontram pra se sentirem em casa, compartilhando o sentimento oculto de que todos na verdade tem muita culpa e consciência pesada ou coisa similar. (Vladimir)

Os veganos estão convictos da superioridade de seus argumentos frente àqueles apresentados pelos *anti-vegs*. Na opinião de alguns participantes da *Veganismo*, esses seriam, inclusive, intelectualmente inferiores à maioria dos veganos: “a nossa sorte é que retardados mentais resolveram se opor aos nossos ideais. Assim fica mais fácil e divertido” (Gilmar).

4.5 Sendo vegano em um mundo “cruel e onívoro”

Para se manter em consonância com suas crenças, o vegano precisa resistir diariamente aos costumes de sua sociedade. O meio em que se relaciona, composto por familiares, amigos e parceiros de atividades, começa a ser visto como opressor, já que seus novos hábitos lhe dão um status de minoria. Impelido a explicar os motivos de sua mudança de dieta sempre que perguntado, o vegano tem que conviver com a incompreensão alheia: “Moro em Brasília, e enfrento preconceito e piadas

frequentemente, principalmente no trabalho” (Matias). Evitar uma conversa mais aprofundada sobre o tema é uma tática para fugir das piadas: “eu nunca falo pros outros que sou vegetariano (quando perguntam o porquê de não comer carne)... eita rótulo sem vergonha e discriminado!” (Alberto). Com o tempo, o vegano passa a notar uma certa padronização nas reações dos outros ao veganismo. Perguntas repetidas sobre a existência de fontes de proteína além da carne, alegações de que as plantas também sentem dor e suposições de que o vegano ficará doente passam a ser respondidas com argumentações já decoradas.

Entre meus amigos, que eu me lembre, eu nunca comecei uma conversa sobre vegetarianismo, mas uns insistem em fazer piadas. Tem aqueles que quando tão comendo alguma coisa que não como passam na frente da minha cara. Tem gente que me pergunta por que sou vegetariano só pra poder responder. (Lucas)

Fala-se, constantemente, em um sentimento de exclusão por parte do vegano. A participação em eventos sociais não se dá mais por inteiro, já que o vegano perde a sintonia com o grupo nas ocasiões em que a sociabilidade ocorre através do comer coletivo.

Ser vegetariano ou vegan é ser muito anti-social. Não existe um encontro de ser humano onde não tenha carne para comer. As vezes é o único "alimento" que se tem. Me sinto um extra terrestre 24 hrs somente pelo fato de ser vegetariano, e agora que sou vegan não sou somente um e.t., sou um e.t. de fora da galáxia. (Adelino)

A convivência com outros veganos amenizaria a impressão de descompasso com o mundo, por isso a busca de companheiros de “ideologia” é um dos primeiros passos a serem dados no momento de transição para o veganismo. O isolamento geográfico, por vezes, apenas é compensado pelo acesso à internet, tornando possível a troca de experiências e o apoio mútuo em espaços como a comunidade *Veganismo*. Em grandes cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre, os veganos podem participar de grupos de ativismo, constituindo assim amizades e relacionamentos mais íntimos. Nessas capitais a oferta de restaurantes veganos e produtos livres de *exploração animal* é mais ampla, facilitando assim a vida daqueles que optam por esse modo de vida. Permanecer vegano, mesmo nos grandes centros, continua exigindo uma série de aprendizados e limitações. Simone mora em

uma cidade próxima à capital mineira e assume que ser vegana é abrir mão de algumas praticidades:

Fácil, fácil, não é. Como eu nunca cheguei a comer carne, eu já me acostumei com a maior parte das coisas. Perguntas repetidas, pessoas que acham que alguns animais não são animais, piadinhas repetidas, lugares sem ter o que comer, leitura de rótulos, pesquisas, etc. Acho bem chato não ter tanta facilidade pra comer na rua (tirando os salgadinhos e algumas outras opções industrializadas).

A dificuldade em encontrar alimentos sem ingredientes de origem animal a qualquer momento e local força os veganos a criarem suas próprias técnicas para não ficar com fome durante o dia: “No início, eu cheguei a me aborrecer de ir nos lugares e não ter nada que prestasse pra eu comer. Mas com o tempo, eu me habituei a andar com alimentos na bolsa e aprender onde tinha o que pra eu comprar. Hoje isso é muito tranquilo” (Gisele). Hera acredita que, aos poucos, todos se adaptam às mudanças de costumes. O veganismo, segundo ela, não atrapalha sua vida social: “Eu como na rua, vou a churrascos, festas, restaurantes, o que for. Tem sempre um jeito e, se achar difícil, pode sempre comer em casa antes de ir a alguma comemoração” (Hera).

Datas em que o contato com a família ocorre de forma mais intensa, como nas semanas entre o Natal e o Ano Novo, geram fortes inquietações nos veganos. A aceitação de sua prática alimentar por parte dos familiares nem sempre acontece com facilidade, sendo cercada por preocupações e estigmatizações: “alguns familiares podem fazer coisas bizarras, na última festa de família compararam meu veganismo com distúrbios como anorexia e bulimia” (Igor).

Catarina é portuguesa, mas tem pouco contato com veganos de seu país. Na *Veganismo*, ela pergunta se havia alguém com família vegana ou se todos teriam que levar sua própria comida para a ceia de Natal. A família de Catarina não se esforça em agradá-la: “Me irrita... do tipo, se alguém for à casa da minha avó e tiver um problema de saúde e não puder comer sal ou outra coisa qualquer, ela cozinha pensando nisso, mas fazer algo para mim está completamente fora de questão, ninguém faz” (Catarina). Para alguns participantes da *Veganismo*, a dificuldade na aceitação de seus novos hábitos se agrava quando em contato com familiares idosos. Duda relata uma situação delicada ocorrida no Ano Novo:

Gente, aconteceu uma coisa terrível comiiiiigo...

Num tópico anterior (não me lembro qual), eu citei que minha avó tentou esconder carne na minha comida... eu percebi e comecei a chorar e tudo mais... Mas, enfim, essa não é a questão... estou com um problema sério e, novamente envolve minha querida avó... Estava na casa dela, como é meu costume, e de repente, ela ajoelhou-se na minha frente (siiiimmm, uma senhora de 86 anos ajoelhada é desesperador) e implorou pra que eu comesse peixe... ainda complementou que entendia que eu não comesse carne... que preferia que eu fumasse a vida toda... masss, que eu tinha que prometer que eu ia comer peixe... Na hora eu disse, táááá vó, mas levantaaaaaaaaaaaaa.....
 Óbvio, não como e não comerei... masss, como explicar?! Ou é melhor nem explicar!!!! (Duda)

Alguns veganos se mostram satisfeitos com seus parentes que, mesmo não sendo vegetarianos, preparam pratos alternativos que não os excluam da refeição familiar: “nas duas casas que eu visito, da minha mãe e da minha tia, a preocupação com minha comida é grande por parte delas: fazem tudo sem carne ou caldo de carne, sem ovo, sem leite... Posso comer muuuito” (Roni). Em alguns casos, há outros veganos ou ovo-lacto-vegetarianos na família, o que torna o preparo de alimentos veganos mais provável: “Tenho minha sobrinha vegana, o marido dela, minha irmã quase, e sobrinha-neta vegetariana. Somos uma família unida e sempre trocamos muita ideia sobre este tema. Em casa, como sou eu que cozinho, aqui não entra carne de jeito nenhum” (Tânia).

A convivência com os amigos também não costuma ser fácil. As brincadeiras e implicâncias, por vezes, geram o distanciamento dos veganos de seus antigos ciclos de amizade.

O que eu penso é o seguinte: é neste momento que descobrimos com quem vale a pena se relacionar. Eu, por exemplo, antes de ser vegano frequentemente almoçava com meus colegas de trabalho nos restaurantes próximos ao trabalho, e apreciava ficarmos conversando. Mas quando comecei a mudar a alimentação e virei motivo de piada contínua, não tinha mais motivos pra continuar almoçando com eles, ou indo a qualquer evento que envolvesse comida. Simplesmente porque não me sinto bem com as piadas. Quem aguenta numa boa, ótimo, mas eu não aguento! Por outro lado, tenho verdadeiros amigos que, se for pra ir em um restaurante normal com eles, não me preocupo, pois eles respeitam e não ficam me ridicularizando. (Matias)

Uma reportagem sobre a pesquisa da Universidade de Canterbury, na Nova Zelândia, que aponta a existência de uma “nova orientação sexual”, o “vegansexualismo”, entre os veganos, foi discutida com entusiasmo pelos participantes

da comunidade. Segundo a matéria postada sem indicação de fontes, um “vegansexual” seria uma pessoa que não se envolve íntima e sexualmente com alguém que consome produtos de origem animal. Os depoimentos do tópico apontam para uma maior tolerância dos veganos brasileiros quanto ao relacionamento sexual com não-veganos em comparação com o resultado da suposta pesquisa neo-zelandesa: “Enfim, não sou estritamente ‘vegansexual’, mas vegans costumam ser mais legais sim hahahahaha” (Juan Lee); “Não sou totalmente vegansexual, digamos que sou flexível, mas com preferência pelos vegans” (Catarina); “É lógico que o ideal é se relacionar com veganos/vegetarianos, mas não tenho preconceitos com homens onívoros” (Ju Vegan); “putz se eu não ficasse com mina onívora ou ovolacto ainda seria cabaço... até hoje não conheci nenhuma vegan e bem poucas vegetarianas... quando saio pra rangar com uma mina, chega a dar um certo nojinho, mas fazer o que, gosto mesmo da fruta... kkk” (German).

O ponto de vista dos participantes da veganismo é outro quando se discute a manutenção de um relacionamento estável com pessoas que consomem carne: “até então tenho sido 100% vegansexual... as duas pessoas com quem trepei na vida são veganas. Treparia não veganos, mas se fosse algo meramente casual... não me atrai a idéia de me relacionar com quem ingere bosta” (Éris). A convivência íntima com *onívoros* é sempre pensada sob o modelo do antagonismo. A chegada dos filhos é vista como o momento possivelmente mais tenso da relação, ocasião em que o casal teria que escolher a dieta a ser seguida pela criança.

Foda mesmo é a questão casal x veganismo, como vai ser? Cada um paga o que consome? E se essa "diplomacia" não der certo? E se só um deles trabalha? E se tiverem filhos? Pensem como vai ser, a briga e o desentendimento... Até hoje nunca tive muitos relacionamentos que duraram um tempo considerável, até porque não sou muito chegado em gente e nem tenho muita experiência com relacionamentos prolongados, mas as mulheres/meninas que conheci até hoje, todas elas foram verdadeiras pé no saco quando o assunto é minha opção alimentar, ainda bem que tenho muita tolerância pra suportar a estupidez alheia (isso que não to falando da ética). Eu me sentiria bem ao saber que estou alimentando meu filho com sangue derramado só porque tenho uma mulher sem atitude? (Alberto)

O envolvimento amoroso representou, para alguns veganos, a possibilidade de transformar a si mesmos e ao outro. Há histórias de pessoas que se tornaram veganas após dar início a um relacionamento com uma pessoa vegana, ou de casais que se tornaram veganos juntos: “quando comecei o meu namoro eu era onívora e ele vegano.

Só que tinha um interesse enorme em ser vegetariana. Namoradinho me mostrou sorvete e pudim de prestígio veganos e eu não precisei de mais nada, hihihihiih” (Daphne); “Meu ex era vegan... nos tornamos veganos juntos, melhorando a cada dia de forma compartilhada nossa alimentação. Nossa alimentação era um dos pontos altos da relação” (Roni).

4.6 A subjetividade como foco de resistência política

Os veganos tentam transformar a esfera da sociabilidade e do consumo em campos de resistência, habilitando assim a vida cotidiana como território de embates políticos. O par *poder-resistência* é analisado por Foucault (1988) como se tratando de forças resultantes de um mesmo fenômeno. Para Foucault, o poder não é uma instituição nem uma potência de que alguns sejam dotados – pelo contrário, não pode ser possuído e apenas existe no momento de sua execução; conseqüentemente, não existe uma posição binária e global entre dominantes e dominados. Recusando a crença em uma relação exclusivamente repressiva, Foucault destaca a positividade do poder, ao afirmar que a produção de saber lhe é imanente.

O poder está em toda parte e provém de todos os lugares; o mesmo se pode dizer da resistência, que nunca se encontra em posição de exterioridade ao poder. Os focos de resistência, para o filósofo, podem tanto provocar o levante de grupos ou indivíduos de maneira definitiva, quanto, o que para ele é mais comum, formar “pontos de resistência móveis e transitórios, que introduzam na sociedade clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos” (FOUCAULT, 1988, p. 107).

De acordo com Foucault, todas as lutas representadas pelos movimentos sociais pós 68, contanto que sejam radicais e não reformistas – em outras palavras, com a condição de que não tentem reorganizar o mesmo poder apenas com uma mudança de titular –, fazem parte do movimento revolucionário: “se é contra o poder que se luta, então todos aqueles sobre quem o poder se exerce como abuso, todos aqueles que o reconhecem como intolerável, podem começar a luta onde se encontram e a partir de sua atividade (ou passividade) própria” (FOUCAULT, 1979, p. 77). Os métodos e objetivos a serem atingidos devem ser decididos localmente, porque a eficiência da resistência provém justamente do conhecimento da forma de atuação do poder.

Com relações de poder se dando em todas as esferas do cotidiano, a resistência se torna uma questão de modo de vida, sendo necessária, por vezes, uma reconfiguração das práticas diárias visando uma resposta imediata às desafiadoras questões mundanas. Guattari (1990) aponta a constituição de modos de vida diferenciados como importante estratégia de combate ao poder capitalista que amplia o seu domínio sobre o conjunto da vida social, econômica e cultural, além de se infiltrar nos mais inconscientes estratos subjetivos.

Assim sendo, não é possível pretender se opor a ele apenas de fora, através de práticas sindicais e políticas tradicionais. Tornou-se igualmente imperativo encarar seus efeitos no domínio da ecologia mental, no seio da vida cotidiana individual, doméstica, conjugal, de vizinhança, de criação e de ética pessoal. Longe de buscar um consenso cretinizante e infantilizante, a questão será, no futuro, a de cultivar o *dissenso* e a produção singular de existências. (GUATTARI, 1990, p. 33)

A política invade a vida, saindo de sua acepção estritamente institucional. Recusar as formas impostas de subjetividade que, nesse caso, afirmam o consumo de carne e demais substâncias de origem animal – assim como a própria utilização desses seres como matéria-prima e força de trabalho em benefício da espécie humana – como padrão de normalidade, deve ser considerado um ato político, se utilizarmos a concepção foucaultiana de “política como ética”. Lazzarato compreende a política em termos bastante similares aos de Foucault: “Podemos falar de crítica ou ação política toda vez que presenciamos a negação do que existe, (...) e que, através desta recusa, desta subtração, se abra o espaço constituinte da criação de possíveis” (LAZZARATO, 2006, p. 129).

Em Foucault, as artes da existência são uma forma de exercer a própria liberdade, resistindo ao modelo normatizado de vida sugerido pelas sociedades disciplinares e de controle⁷⁶. Criá-las é uma maneira de recusar os resquícios de uma

⁷⁶ Cabe aqui, de forma sumária, apresentar algumas diferenças entre o que se chama de sociedade disciplinar e sociedade de controle. Em “*Post-scriptum* sobre as sociedades de controle”, Deleuze (1992) anuncia o surgimento de uma nova matriz social que, gradualmente, ganha o espaço antes ocupado pela sociedade disciplinar. A principal distinção entre esses diferentes métodos de execução do poder é que, na sociedade disciplinar, a vigilância se dá em espaço fechado, racionalizando o uso do tempo, individualizando e moldando os corpos, enquanto na sociedade de controle a vigilância se dá em espaço aberto, modulando os cérebros por meio de tecnologias de ação a distância como o marketing e as telecomunicações. Nas sociedades disciplinares, o indivíduo passa de um meio de confinamento a outro, sendo obrigado sempre a recomeçar do zero – da escola à caserna, da caserna à fábrica, como exemplifica

moral totalizante, através do exercício da ética, que encontra no cuidado de si uma maneira de conectar interesses pessoais e sociais. O veganismo, juntamente com outras expressões, faz parte do fenômeno da politização da vida cotidiana. Além de compreender uma visão de mundo bastante particular – suscitando embates de ideias que põem veganos, de um lado, e ovo-lacto-vegetarianos acomodados, *onívoros* e *carnívoros*, de outro –, o veganismo é composto por uma ascese que tem como principal campo de atuação a esfera do consumo, atmosfera crucial de definição de valores na sociedade contemporânea.

CAPÍTULO 5

Veganismo e moralidade: estabelecendo valores na relação com o (não)consumo

O consumo é um processo ritual cuja função primária é dar sentido ao fluxo incompleto dos acontecimentos.

(DOUGLAS e ISHERWOOD, 2006, p. 112)

Os itens de consumo não possuem a única finalidade de suprir carências biológicas. Prova disso é que certas categorias de animais são consumidas em uma cultura e não o são em outras. A existência de tabus alimentares envolvendo plantas e animais em culturas em todo o mundo, incluindo a nossa, chama a atenção para um fato que já deveria ser considerado evidente: “Os bens que servem às necessidades físicas – comida ou bebida – não são menos portadores de significado do que a dança ou a poesia” (DOUGLAS e ISHERWOOD, 2006, p. 120).

Cabe ressaltar três questões que, de acordo com Chaney (1996), devem ser lembradas no estudo do potencial simbólico dos bens de consumo: em primeiro lugar, o significado, criado em sociedade, não é fixo, ao contrário, está sempre em mutação; é possível afirmar, ainda, que o significado é inerentemente político, porque pode ser contestado; finalmente, o significado está indissociavelmente incluso em nossos usos de objetos, atividades e lugares. Para Slater (2002), a escolha do consumidor é um ato privado em dois sentidos: porque se dá no domínio do privado – isto é, do indivíduo, da família e do grupo de amigos –, longe da intervenção pública; e pelo fato, defendido por ele, de que todo ato de consumo é desprovido de importância pública, já que “não consumimos com a finalidade de construir uma sociedade melhor, para sermos pessoas melhores e viver uma vida autêntica, mas para aumentar os prazeres e confortos privados” (SLATER, 2002, p. 35).

Discordo das afirmações de Slater porque, para realizar suas escolhas, o consumidor necessita estar em contato com uma esfera mais ampla do que aquela formada por seus familiares e amigos. Ele precisa dominar as redes de significados da sociedade da qual faz parte, dominando um quadro de referências que possibilite que ele se posicione, efetuando suas escolhas, ao preferir determinados signos em lugar de outros. Além disso, não são poucos os estudos respeitáveis que evidenciam o caráter

político da esfera do consumo. Para Bourdieu (1994; 2007), o campo do consumo e dos estilos de vida comporta a luta entre classes pela definição de significados e pelo alcance de status social cada vez mais elevado. Além disso, o consumo vem se tornando espaço de contestação preferencial na contemporaneidade. Através de ações intencionais de sanção a empresas a partir da recusa ao consumo de seus produtos – o que chamamos de boicote⁷⁷ – e de incentivo a outras corporações, preferindo e indicando o consumo de seus produtos em substituição aos produzidos por empresas “menos éticas” – prática batizada de *buycott* –, tenta-se agir em favor de causas trabalhistas, ambientais, humanitárias e da defesa dos animais, questão aqui estudada.

5.1 Definindo um produto como vegano

Há uma série de critérios comumente seguidos pelos veganos para definir quais produtos devem ou não ser boicotados. Embora o combate à *exploração animal* ponha no mesmo nível de reprovação a morte de animais para a produção de carne e o confinamento de animais para a retirada de leite e ovos, as motivações para o boicote não têm todas o mesmo peso.

5.1.1 A carne e a caça: a emergência de uma nova sensibilidade

O consumo de carne ainda é visto como a atitude mais grave tomada por um onívoro, mesmo por veganos que declaram ser a indústria do leite mais cruel do que a da carne, como é o caso de Hera. Em uma conversa sobre mercado de trabalho e veganismo, Daphne, estudante de um curso técnico em culinária, assume cozinhar carne tanto em função das atividades curriculares quanto para seus pais. Para ela, não ser obrigada a experimentar já é o suficiente. Hera se assusta com tal declaração: “não consigo entender como quem usa carne pode ser considerado vegano. Carne é o básico, a primeira coisa que se deixa de usar. Se alguém tem um objetivo ou um sonho, qualquer coisa do gênero, pode usar carne? Quem usa carne é onívoro”.

⁷⁷ Desde o final do século XIX o boicote é utilizado como ferramenta de atuação política, tendo sido fundamental entre os movimentos sociais. O primeiro boicote realizado com esse nome se deu em 1880 como reação dos trabalhadores irlandeses, ecoando entre o movimento trabalhista da Europa e da América do Norte (FERRERAS, apud PORTILHO, 2005). Na década de 50, o boicote foi utilizado pelos negros norte-americanos na luta pelos direitos civis; posteriormente, tornou-se instrumento de contestação entre ativistas ao redor do mundo descontentes com o regime do *apartheid* na África do Sul.

Lisa trabalhou quase um ano em uma cafeteria preparando bebidas a base de leite. Ela admira o esforço de Daphne para concretizar o seu sonho de se tornar uma gastrônoma e assume que sua situação era bem próxima à dela: “no final das contas é a mesma coisa, ela mexe com carne, eu mexia com leite”. No entanto, mesmo que Lisa reconheça a similaridade do ponto de vista vegano das duas ocupações, ela declara que “não conseguiria mexer com carne dessa forma”.

Luan é mineiro e desenvolve projetos culinários voltados ao veganismo na cidade de Belo Horizonte. Para ele, a ideia de realizar um curso em que se deva cozinhar animais mortos é absurda, por isso ele julga como busca de “status” o apreço de Daphne pela educação formal. Luan diz nunca ter cozinhado carne após se tornar vegano:

Na minha casa todo mundo sempre foi carnívoro, eu que sempre cozinhei e nem por isso quando mudei continuei a mexer com carniça, simplesmente comecei a mostrar as outras opções e se eles quisessem carne, eles faziam, longe das minhas panelas, claro!

A fala de Luan chama atenção para a capacidade de contaminação comumente atribuída à carne entre os veganos. Tocá-la, fitá-la ou prepará-la gera “poluição” e constrangimento ao vegano, mesmo que ele não tenha sido responsável pela sua compra ou não venha a ingeri-la.

De acordo com Douglas, “poluir, diversamente da bruxaria e feitiçaria, é uma capacidade que os homens partilham com os animais, pois a poluição nem sempre é causada por humanos” (DOUGLAS, 1976, p. 139). As regras de poluição, ao contrário das regras morais, não dependem da intencionalidade do agente para serem aplicadas, é necessário apenas que um contato proibido ocorra. O contato do vegano com substâncias de origem animal, principalmente a carne, gera desconforto. Juan Lee tenta racionalizar essa situação ambígua evocando o preparo da carne como um facilitador para o seu consumo:

O problema não é nojinho, e sim financiar a morte, pois de alguma (ou várias formas) você tá contribuindo para que alguém (mesmo que não seja você) consuma carne, tá sendo a mão-de-obra da pessoa que comprou a carne, enfim... ser vegano e cozinhar carne é novo pra mim.

Talvez apenas uma atitude possa ser considerada pior do que o consumo de carne: a crueldade com animais. Nesse aspecto, a caça esportiva é apontada por alguns veganos da comunidade como mais cruel do que o abate para a alimentação. Há participantes, no entanto, que se posicionam contra essa ideia cientes de estarem desafiando um senso comum.

ahhhh, que coisa mais "bobinha"...

Sério que o povo tá tão abalado com o fato dele caçar? Seria o caçar mais crítico que o comer animais por outrem assassinados? Claro que odeio o lance de caçar... mas o argumentozinho de merda de que matar-para-comer seria menos crítico que o matar-por-"lazer" não cola - at all. Não sei o que demais falaram, sei que é ridículo o tratar da caça como um ato tão "especialmente monstruoso". Se fosse preu ser responsável pelo fim da vida dum animal, teria a consciência BEM mais "leve" de fazê-lo com minhas próprias mãos e ter como alvo um animal solto, "livre", que seu fim tivesse por MINHAS mãos. Podre ao máximo é pagar para que outros o façam, é mais que covardia, é CRETINICE ao extremo, fingir que tá tudo ok, que OUTROS foram responsáveis pela escravidão, deliberada exploração e morte dum animal. (Éris)

Demonstrar aversão a atividades que impliquem na crueldade com os animais é uma reação legitimamente moderna. Thomas (1984) analisa mudanças ocorridas entre 1500 e 1800 na maneira como os humanos viam a si mesmos em relação ao “mundo natural”, composto por animais e plantas, na Inglaterra. O surgimento de uma nova sensibilidade, substituindo a ideia de que o mundo natural existia para ser explorado pelos humanos, torna mais comuns reações como o embaraço em comer carne. Ao longo desse período, Thomas observa quatro importantes mudanças sociais: 1. Migração da população do meio rural para as cidades, resultando na sentimentalização do campo; 2. Valorização de distinções entre selvageria e cultivo; 3. Transição de atitudes motivadas pelo prazer proveniente da exploração destrutiva dos animais e rejeição de aspectos disfuncionais da natureza, a sentimentos de responsabilidade pela conservação; 4. Aumento daqueles que achavam repugnante alimentar-se de animais e eram contrários à exploração de animais para o entretenimento humano.

De acordo com Campbell (2001), a sensibilidade burguesa na Inglaterra do século XVIII – um misto de benignidade simpática e morbidez autocomiserativa gótica – era um imperativo quase sagrado, pois representava a ideia de progresso da raça humana. Fazendo eco aos achados de Thomas (1984), Campbell ressalta que “a

sensibilidade ética de uma pessoa, compreensivelmente, era em grande parte julgada pela maneira como tratava as outras, especialmente esses símbolos triviais de *pathos* como as criancinhas, os pobres e os animais” (CAMPBELL, 2001, p. 215).

As primeiras décadas do século XIX foram marcadas pelo surgimento de grupos cuja preocupação central era a defesa dos animais. Em 1824, na Inglaterra, o *Band of Mercy* (Bando da Misericórdia) emerge. O pequeno grupo, que se ocupava de impedir as atividades de caçadores de raposa, talvez seja o primeiro a utilizar-se de ação direta pela defesa da vida animal. A primeira Sociedade Vegetariana do mundo surgiu na Inglaterra, em 1846, na atmosfera criada pelo espírito de reforma da Era Vitoriana, um período marcado pelo aparecimento de muitos movimentos filantrópicos⁷⁸.

5.1.2 O leite e os ovos: a expansão do ideal vegetariano

O consumo de leite, assim como o de carne, é amplamente considerado “não-vegano”, não tendo havido nenhuma tentativa na comunidade de analisar situações em que o consumo dessa substância fosse aceito. Os ovos – como já visto no terceiro capítulo – podem ser adquiridos sem *exploração animal*, de acordo com a opinião de parte dos integrantes que participaram da discussão sobre o consumo de ovos não-fecundados de galinhas criadas soltas. O leite, ao contrário, apenas pode ser retirado através da gestão da vida reprodutiva da vaca, exigindo também o contato direto com o animal para a extração da substância.

De uma forma geral, pessoas em lenta transição para o veganismo costumam evitar o consumo, primeiramente, do leite e dos ovos *in natura*, abrindo algumas exceções à desgustação de alimentos em que a presença de leite e ovos não possa ser notada de forma tão óbvia, como em bolos, biscoitos e pães: “Eu ‘ainda’ me considero ovolacto. Não tomo leite e não como ovo, mas às vezes vou ver e já comi um doce que tinha leite condensado” (Nara).

5.1.3 Testes em animais e patrocínio a rodeios

⁷⁸ A primeira sociedade vegana surgiria cem anos depois. Desde o início do século XX, discutia-se entre os vegetarianos o fato do consumo de produtos derivados da vida animal ser ou não coerente. Em 1944, na Inglaterra, o carpinteiro Donald Watson se reúne com outros vegetarianos que, como ele, negavam-se a consumir, além de carne, ovos, mel e leite, e criam um novo nome para distingui-los: “*vegan*”, um derivado da palavra *VEGetariAN*. Surge, então, nesse mesmo ano, a primeira associação vegana, a inglesa *Vegan Society* (Sociedade Vegana).

Os outros dois critérios essenciais apontados pelos veganos em sua ética do consumo são: a existência de testes em animais no processo de produção e o patrocínio a rodeios por parte da marca. Em uma perspectiva comparativa, é comum apontar a existência de testes como um fator mais comprometedor do que a realização de patrocínios a rodeios e touradas. Martin explica em uma postagem os perigos que podem existir por trás das bebidas alcoólicas:

Quanto a bebida, só tomar cuidado com algumas marcas que testam. A maior parte dos vinhos nacionais (Os internacionais eu não sei) usa albumina (Ovo) ou gelatina como clarificante. E ao contrário do que vão dizer daqui a pouco, dificilmente as marcas de cerveja utilizam bexiga de peixe na filtragem. As da Ambev e Femsal não usam animais nos processos de filtragem. Quanto ao patrocínio aos rodeios, você é quem diz se boicota ou não.

Embora sejam preocupações comuns aos veganos, os testes em animais e patrocínios a rodeios não são critérios para o boicote tão fortes quanto a existência de ingredientes de origem animal. Para o vegano, torna-se difícil se esquivar de todo produto que tenha sido testado em animais. Quando frente a uma doença, o ideal acaba caindo por terra. Todos os remédios vendidos no país precisam ser testados em animais, portanto a sua utilização é tolerada pelos veganos, como veremos mais à frente.

Entre as empresas que patrocinam eventos que utilizam animais para fins de entretenimento, como é o caso dos rodeios, estão grandes bancos, cervejarias e todas as operadoras de telefonia móvel. Hera é fumante e recebe críticas de veganos que, ao afirmar que todas as marcas de cigarro testam em animais, desabonam sua conduta como defensora dos direitos dos animais. Ela tenta demonstrar, contudo, que assim como ela utiliza um produto supostamente testado em animais, outros veganos consomem, sem nenhuma crítica, serviços e itens de empresas que patrocinam rodeios: “No entanto, não consigo entender como pessoas que usam celular ou outra coisinha qualquer venham dizer que quem fuma é um falso vegan” (Hera).

Fica explícito que as motivações para o boicote não têm o mesmo peso na ética vegana. Nem todos os produtos têm o mesmo status. Entre aqueles testados em animais, por exemplo, é tolerado o consumo de remédios, mas censurada a utilização de

cigarros⁷⁹. Apesar da construção dessa escala de valores se dar de forma conjunta, tendo a comunidade como espaço para discussão e constituição das ideias acerca do veganismo, há a possibilidade de variações.

5.2 A arte das doses no veganismo: aprofundando os critérios de definição

Alguns veganos discutem a existência de diversos níveis de boicote. Nesta seção, serão abordados critérios ainda mais subjetivos na definição dos produtos que devem ser boicotados pelos veganos. Um produto vegano é geralmente definido como aquele que não possui ingredientes de origem animal, que não foi testado em animais e que não patrocina eventos como rodeios, vaquejadas e touradas.

Há veganos que defendem o boicote a qualquer produto que provenha de empresa que realize testes em animais, mesmo que o produto em questão não tenha sido testado. Outros veganos apenas boicotam produtos que, em si, tenham sido testados em animais. A Unilever, por exemplo, testa seus produtos de limpeza em animais mas produz um leite de soja que não se utiliza desse tipo de teste. Alguns veganos não consomem o leite de soja da Unilever por acreditarem que seu dinheiro poderá ser utilizado para financiar esses testes. No entanto, existe veganos que consomem tal produto com a convicção de que estão viabilizando a expansão do veganismo. De acordo com esse último ponto de vista, quanto mais esses produtos gerarem lucros, mais essas empresas produzirão linhas com a mesma proposta. O boicote ou o consumo de produtos de grandes empresas que patrocinam rodeios também segue essa lógica. Grandes cervejarias, como a AMBEV e a FEMSA, têm marcas que patrocinam rodeios e outras que não o fazem; cabe ao consumidor vegano decidir entre boicotar ou não todos os produtos produzidos pela empresa.

O mesmo dilema existe em relação ao consumo de produtos de base vegetal de empresas que têm na morte e encarceramento de animais sua principal fonte de lucros. Corporações como Sadia e Perdigão possuem linhas de produtos vegetais, mas a aceitação dos veganos da comunidade parece ser baixa:

Sobre utilizar produtos vegetarianos de empresas não idôneas, eu particularmente procuro não utilizar, embora eu saiba que há

⁷⁹ Essa questão será analisada com maior profundidade nas próximas páginas, quando será realizado um estudo mais contido sobre a ética vegana frente ao consumo de remédios, de drogas lícitas e de drogas ilícitas.

argumentos para ambos os lados (os que usam e os que não usam) prefiro não compactuar com uma empresa que vai utilizar meu dinheiro para investir na criação e abate de animais. (Hiago)

Eu não consumo pois acho que, podendo dar dinheiro para empresas menores e mais éticas, não tem porque consumir um produto de uma indústria que claramente vive às custas de exploração animal. Tem gente que consome com o argumento de que incentiva essas próprias empresas a produzirem mais produtos 100% vegetais, que é bom ter essas alternativas pras pessoas verem que é possível ser veg(etari)ano, etc. Você escolhe. (Juan Lee)

Se houver alternativas, e que são poucas, ai sim deve-se consumir da empresa X que não possui nada derivado do animal. Agora eu consumo produtos veganos dessas empresas, na minha opinião se eu não consumir eu morro de fome. Como nosso amigo disse, estamos em um mundo capitalista, só vai ser produzido se ter demanda pra isso, se não houver consumo, o produto sai, então eu sou da opinião que devemos consumir sim esses produtos, assim as empresas irão ver que há demanda, sem contar que a produção é BEM mais barata do que os produtos de origem animal. E quem sabe (sonhando) essas empresas vêem um lucro muito maior só produzindo produtos sem origem animal. (Elton)

O caráter vegano de tais alimentos é questionado e discutido por alguns participantes:

Vocês poderiam dizer: "consumo produtos vegetarianos dessas empresas" e não veganos porque o veganismo não tem e nem nunca vai ter algo relacionado a esse tipo de empresa.. seus produtos podem não conter nem traços de derivados animais, mas chamá-los de "veganos" já é demais pra uma empresa que joga no lixo mais de 1.000 pintinhos por dia, não é?

O boicote a empresas que utilizem qualquer ingrediente de origem animal em algum de seus produtos não é sugerido. Caso fosse, essa atitude inviabilizaria o consumo por parte dos veganos de qualquer produto industrializado, já que são poucas as empresas, ao menos no Brasil, que produzem apenas produtos de origem vegetal ou mineral. A rejeição do consumo de produtos de empresas como Sadia, Perdigão, Batavo e Unilever tem uma conotação simbólica excepcional, porque essas corporações representam para os veganos o ápice da objetificação da vida dos animais, ao transformá-los em seus mundos de sonhos em seres dóceis que desejam ser consumidos pelos humanos.

Uma questão há muito discutida mas pouco lembrada pelos participantes da *Veganismo* durante o período de monitoramento da comunidade foi o consumo de

produtos com traços de leite e ovos. Para evitar ações judiciais de pessoas alérgicas a leite, ovos e outras substâncias, algumas indústrias costumam afixar nas embalagens de seus produtos, logo após a lista de ingredientes, os dizeres “contém, ou pode conter, traços de leite, ovos, castanhas, etc”. Geralmente essa informação é dada quando o alimento foi produzido nas mesmas máquinas em que foram preparados produtos que possuem tais ingredientes em sua composição. Cabe a cada vegano escolher entre consumir ou não produtos com traços de leite e ovos.

Outro fator evocado geralmente pelos *alfascistas* é a morte de pequenos animais em lavouras na época de colheita. Os veganos reconhecem que as mortes ocorram, mas ressaltam que esse não é o objetivo da atividade agrícola. Esse, portanto, é um ponto em que a ação através do consumo encontra seu limite. A morte de animais nas colheitas raramente é apontada como um critério válido para boicotar algum produto. Assim como a extensão do ideal de *libertação animal* aos humanos gera a confusão entre os veganos sobre as causas que devem ou não ser consideradas intrínsecas ao veganismo – tenta-se responder a questões como: pode uma pessoa homofóbica ser vegana? –, a expansão da preocupação vegana a esferas em que a *exploração animal* ocorre de modo menos evidente – como é o caso da morte de animais na colheita de cereais e durante o alagamento de vastos territórios para a construção de hidrelétricas – abre, entre eles, um campo de indeterminação. Os veganos se questionam sobre até que ponto devem manter a postura do boicote.

Há veganos que costumam incluir entre suas motivações para o boicote de produtos a utilização de trabalho análogo à escravidão em seu processo de produção. A exploração do trabalhador, principalmente quando se trata de crianças e mulheres, é fortemente reprovada. Esse fator, no entanto, apenas é lembrado quando frente a uma grande corporação cujos casos de exploração já foram largamente divulgados. No cotidiano de compras, raramente se realizam grandes pesquisas a fim de conhecer a situação dos trabalhadores das indústrias cujos produtos se consome.

O prejuízo ambiental proveniente do consumo de determinados produtos também é evocado por alguns participantes da *Veganismo*. O ambientalismo é visto como um complemento à ética vegana, já que, para tantos, não faria sentido buscar a *libertação animal* sem que se lutasse pela permanência de animais silvestres em seus habitats naturais. Alguns veganos, inclusive, combatem o consumo excessivo, optando

por uma vida mais austera, longe das seduções da sociedade de consumo. A índole anti-consumo de parte dos veganos se expressa, muitas vezes, através da rejeição às grandes marcas e corporações motivada por denúncias de má gestão de recursos naturais e desrespeito à vida animal humana e não-humana.

5.3 Necessidade ou futilidade: redefinição ou rejeição do prazer?

Os discursos dos participantes da *Veganismo* sobre o consumo estão, frequentemente, permeados por um forte senso de moralidade. Denunciar o caráter deturpador do consumo não é nenhuma novidade:

Temas como materialismo, exclusão, individualismo, hedonismo, lassidão moral, falta de autenticidade, desagregação dos laços sociais e decadência foram associados ao consumo desde o início do século XVII e ainda hoje permeiam as discussões, dificultando e misturando conceituação e análise sociológica com moralidade e crítica social. (BARBOSA, 2010, p. 12)

É costume recair em julgamentos sobre o que é “necessidade” e o que é “futilidade”, principalmente quando se busca abrir exceções ao consumo de determinados produtos cuja produção, segundo os critérios utilizados pelos veganos, acarretaria *exploração animal*, mesmo que de forma indireta. O consumo “fútil” é moralmente reprovável, enquanto o consumo “necessário” é imune às pretensas críticas dos demais veganos: “a verdade é que não precisamos de quase nenhuma das mil coisas que consumimos em nossas vidas, daí acaba que quase todas são IGUALMENTE RUINS” (Juan Lee). A elaboração de discursos sobre as reais necessidades dos seres humanos deve ser desnaturalizada pela academia.

A capacidade de distinguir as necessidades dos apetites pressupõe a capacidade de fazer certas distinções empíricas e morais. Em primeiro lugar, requer o conhecimento das “verdadeiras necessidades” dos seres humanos em comparação com as quais os “meros desejos” podem ser considerados não-essenciais (por maior que seja a intensidade com que o indivíduo os sente); em segundo lugar, é preciso haver uma concepção moral de como os seres humanos *devem* ser ou do que *devem* fazer, em relação à qual certos desejos podem ser considerados errados ou não-essenciais. (SLATER, 2002, p. 54) (grifos já existentes)

Não há, para os veganos, uma separação estática entre produtos fúteis e não-fúteis, há apenas produtos “mais fúteis” do que outros. Não pretendo aqui estipular uma

escala de futilidade segundo os veganos, tarefa impossível de ser traçada apenas com o material disponível na *Veganismo*. Os julgamentos sobre o que seria um consumo necessário variam significativamente de acordo com os grupos de indivíduos. No entanto, o consumo de drogas e o consumo de remédios são duas situações em que há uma espécie de consenso entre os participantes da comunidade quanto ao caráter “fútil” do primeiro e o caráter “necessário” do segundo.

Alguns veganos tentam questionar seus pares sobre os motivos que os levam a repreender o uso de cigarro, por ser testado, e aceitar o uso de remédios, que também são testados. A comparação entre os dois produtos, no entanto, é descabida, já que não leva em consideração o componente simbólico que carrega cada artefato de nossa cultura do consumo. No caso do cigarro, assim como ocorre com outros produtos considerados “supérfluos” e “fúteis”, o consumo do produto não-vegano representa a manutenção de um prazer autocentrado. Entra em jogo a censura àqueles que, de acordo com o ponto de vista exposto, não estariam buscando o “bem comum”. Os veganos comumente reprovam atitudes “egoístas”, pouco comprometidas com questões sociais. O prazer deveria ser um sentimento menos instigante do que o “altruísmo”.

Campbell (2001) define satisfação e prazer como dois impulsos bastante distintos. A satisfação compreende o processo de ser impelido a partir de dentro visando restaurar um equilíbrio perturbado. Os objetos possuiriam a capacidade de proporcionar a satisfação da fome, através do alimento; do frio, no caso da roupa; e da sede, com a água. Já o prazer seria um impulso que puxa a pessoa para fora, com o fim de experimentar estímulos maiores. No entanto, o prazer não é uma propriedade intrínseca aos objetos, mas um tipo de reação que os homens têm ao experimentar determinados estímulos.

O hedonista moderno, ao contrário do tradicional, não precisa manipular os objetos e os acontecimentos do mundo para obter prazer, basta que ele estabeleça um grau de controle sobre os seus significados: “o hedonista moderno possui o poder muito especial de evocar estímulos na ausência de quaisquer sensações exteriormente geradas” (CAMPBELL, 2001, p. 112). É essa habilidade imaginativa que seria central para o desenvolvimento do espírito do consumismo moderno.

A atividade fundamental do consumo, portanto, não é a verdadeira seleção, a compra ou uso dos produtos, mas a procura do prazer

imaginativo a que a imagem do produto se empresta, sendo o consumo verdadeiro, em grande parte, um resultante desse hedonismo “mentalístico”. (CAMPBELL, 2001, p. 130)

Os veganos, detentores da capacidade de manipular significados, tentam, frequentemente, fazer com que seus prazeres coincidam com a satisfação de suas “necessidades” e com a realização do “bem comum”. A insistência de algumas reportagens publicadas pela mídia nacional sobre veganismo em enumerar o que os veganos “podem ou não podem” consumir é motivo de discussão na comunidade. A negação do verbo “poder”, para alguns dos participantes, provocaria a falsa impressão de que os veganos seriam obrigados a não consumir determinadas substâncias, quando a privação se daria por simples opção pessoal: “A questão não é poder ou não, é querer” (Dimas); “Podemos comer carne, leite, ovos, gelatina, etc? Podemos. Mas nós ‘optamos’ por não comer nem consumir estes produtos, em prol de uma causa” (Vegan).

É quase unânime entre os participantes a recusa à ideia de que estariam abdicando do próprio prazer em nome da causa: “Sobre esse negócio de ‘pode e não pode’. É sempre nessa mesma tecla de que estamos ‘nos sacrificando’, ‘sofrendo’, ‘chorando’, etc, enquanto o ‘resto’ está se ‘deliciando pra caramba’, ‘tendo orgasmos múltiplos em suas vidas’, etc. Ah, peloamor” (Theo). Os veganos apenas reconfigurariam suas fontes de gozo, em lugar de viver uma vida de privações e sofrimentos.

5.4 Drogas e remédios

Uma série de discussões sobre a utilização de drogas lícitas e drogas ilícitas permeou o período de observação participante na comunidade *Veganismo*. A princípio, pode-se ter a impressão de que tais tópicos representam apenas um desvio das intenções fundamentais da comunidade. Contudo, as trocas de opiniões sobre o caráter vegano dessas substâncias evidenciam parte do código de hierarquização de valores utilizado pelos veganos em sua relação com o consumo.

De forma geral, admite-se que o problema das drogas no veganismo é o mesmo que existe na relação entre a ética vegana e qualquer outro produto: a existência de produtos de origem animal e a realização de testes em animais, “resumindo: bebidas alcoólicas e cigarros que não possuem ingredientes de origem animal e pertencem a

empresas que não fazem testes, são veganos, sim” (Martin). A existência de patrocínio a rodeios, no caso de bebidas alcoólicas, é pouco levantada.

A minimização das consequências do uso de drogas se dá através da defesa de que ninguém é “100% vegano”, jargão frequentemente utilizado para dar fim a situações de disputa por autenticidade entre os membros da comunidade. A impossibilidade de ser “100% vegano” resulta do fato de que, por toda a parte, há *exploração animal*. Nenhum produto estaria isento dessa condição, nem mesmo os cereais que consumimos já que, como fora dito anteriormente, durante a colheita animais também seriam mortos. O consumo de drogas, como o cigarro, seria apenas uma incoerência entre tantas outras praticadas pelos veganos: “Ah, hoje pensava no assunto e vi que talvez não tenha ficado claro o seguinte: vegan fumante? Sim, vegan fumante. O fato da pessoa vegan fumar, a meu ver, não a faz mais ou menos vegan que outra pessoa, obviamente... Espero que não tenha parecido isso” (Sônia). Embora reconheça que é possível ser fumante e vegano, Sônia acha que a existência de *exploração animal* na produção dos cigarros deveria impulsionar uma mudança de atitude: “se eu fumasse, saber de prováveis testes e da sordidez que é a indústria do cigarro seriam NO MÍNIMO um incentivo muito grande para que eu parasse” (Sônia).

Rômulo foi fumante por muitos anos, mesmo enquanto era vegano. Ele não fumava havia dois anos, entre outras coisas, por causa dos testes em animais realizados pela indústria do fumo. Rômulo costuma censurar os veganos que declaram não abrir mão dos cigarros: “pessoalmente não vejo nada demais em ver pessoas bebendo, fumando ou até mesmo se drogando de certas coisas.. o que me disturba é o uso de animais que não escolheram passar o mal que passam pra que essas coisas existam” (Rômulo). O direito de escolha sobre o próprio corpo é evocado por alguns participantes como resposta àqueles que ressaltavam os riscos à saúde gerados pela utilização de drogas lícitas e ilícitas:

É tão difícil assim compreender o conceito de LIBERDADE INDIVIDUAL? Você NÃO TEM que ser contra ou a favor de nada. As pessoas simplesmente deveriam PODER FAZER O QUE ELAS QUISEREM COM O PRÓPRIO CORPO, SEM PRECISAR DA SUA AUTORIZAÇÃO. (Guilherme)

Para alguns participantes da *Veganismo*, no entanto, as drogas não geram apenas prejuízos aos usuários. Mesmo se excluindo a questão dos testes em animais e dos

ingredientes de origem animal, as drogas provocariam consequências ainda mais devastadoras. A fumaça do cigarro, insistem alguns membros da comunidade, é o maior poluidor doméstico, o que acarretaria danos ao meio ambiente. Além disso, o fumo passivo pode gerar doenças nos familiares dos fumantes:

Talvez não seja também uma pessoa totalmente imparcial para falar do cigarro, visto que eu sou uma das vítimas dele, como fumante passiva, herdei asma e bronquite do glorioso vício de minha mãe. Apenas penso que o cigarro é prejudicial ao meio que vivemos, as pessoas que os cercam e aos próprios fumantes. Mas, de fato é um vício e nem sempre é fácil superar. (Monique)

A alteração da consciência provocada pelo álcool e pelas drogas ilícitas também é indicada como uma ameaça à sociedade, ao passo que uma pessoa sob o efeito de drogas pode perder o respeito à vida alheia: “Onde eu moro, por exemplo, nos finais de semana tenho que suportar maconheiros conversando e dando gargalhadas em alto e bom som até de madrugada em um apartamento próximo” (Matias). Surpreendentemente, o mal que se causa à vida alheia, principalmente quando há risco de morte, é considerado, ao menos no caso do uso de drogas, como um critério que possa classificar a substância consumida como sendo ou não vegana. O efeito da droga sobre terceiros acaba tornando-a “não-vegana”, de acordo com alguns participantes da comunidade.

NO CONSUMO, tais substâncias poderiam deixar de ser vegan, por exemplo, se você usa alguma droga que diminua drasticamente sua habilidade psicomotora e vai dirigir colocando a vida de várias pessoas em risco, considero tal postura tão vegan quanto comer um suculento bife mal passado (argh!!!). (Alberto)

A questão se agrava quando se debate o consumo de drogas ilícitas. Os veganos, nas discussões aqui apresentadas, estendem o conceito de *exploração animal* também aos *animais humanos*, por isso os danos à vida de outras pessoas provocados pelo consumo e pelo comércio de drogas tornam essas substâncias “não-veganas”. Marta não entende o porquê de alguns veganos não considerarem a maconha vegana, ao que Kwame responde: “Porque maconha comprada é (generalizando) proveniente do tráfico que, por sua vez, provavelmente não respeita os direitos dos animais humanos que com ele estão envolvidos, muitas vezes os matando (novamente, generalizando), etc, etc,

etc...”. Para alguns participantes da *Veganismo*, o consumo de drogas ilícitas por veganos é considerado incoerente:

Sem moralismo. Mas acho uma incoerência o uso de drogas por pessoas vegans (ou qualquer outra que se preocupe com o bem estar humano). Principalmente as ilícitas, pois, como pode alguém se penalizar pelo sofrimento de vacas que são mortas para dar prazer a alguns seres humanos e não se sensibilizar com os batalhões de crianças que traficantes fazem uso para distribuir as drogas que comercializam? (porque crianças têm menos problemas judiciais se pegadas transportando drogas). (Roni)

O consumo de remédios, embora sejam testados em animais, é bastante tolerado entre os veganos. Em uma das discussões sobre o tema, é unânime entre os participantes a alegação de que apenas tomam remédios quando a situação se torna insuportável: “se você tá doente ou necessitando do medicamento, não dá pra fazer muita coisa... mas tipo... tomar remédio a cada dorzinha de cabeça é que não dá” (Valéria); “Se, na minha avaliação, o medicamento for muito necessário para o meu bem-estar, eu tomo, sem remorsos” (Roni). Quando a doença apresenta riscos às suas vidas a utilização dos medicamentos é feita, mesmo que com algum pesar:

Tipo remédios, quando sinto dor não tomo, mas infelizmente esses últimos tempos tive que tomar porque tive um problema sério, quase tive uma embolia na perna. Meus rins pararam de funcionar por um tempo, era perigoso até eu morrer se não tivesse ido ao médico. Ai agora to tomando uns, porque realmente é caso de vida ou morte. Por mim não tomava, me sinto mal em tomar, mas infelizmente não encontrei outra alternativa. (Lidy)

Entre as mulheres, o anticoncepcional é considerado de extrema necessidade, já que se trata de um medicamento capaz de inibir o “risco de vida”. Além de serem testados em animais, a quase totalidade das pílulas anticoncepcionais possuem lactose, ingrediente de origem animal.

Eu não tomo remédios no geral, para dor de cabeça, eu durmo, se não puder dormir na hora, eu aguento até ir dormir, as outras dores triviais eu vou na mesma. Se um médico receita algo, eu tomo apenas se for imprescindível, se estiver gravemente doente, coisa que raramente acontece. Existem apenas 2 medicamentos que eu utilizo, o anticoncepcional e o remédio para bronquite, quando ataca, se eu não tomo morro sem respirar, mas as crises de bronquite são raras tbm... (Gi)

Portanto, os anticoncepcionais, ao menos para parte das veganas, são muito mais do que remédios. Tomar a pílula se torna um hábito tão bem formatado no cotidiano feminino que, em certos casos, sua natureza artificializada se esvai: o anticoncepcional deixa de ser considerado um medicamento.

Eu não tomaria se não fossem as cólicas menstruais =\
 Não curto tomar remédio, mas quando eu menstruo meu útero parece que fica prestes a cair, não consigo nem andar sem tomar remédio.
 Esqueci da pílula D: é, eu tomo sim remédio todos os dias T.T mas pra mim é algo que eu nunca vou abrir mão, pelo menos enquanto eu não puder fazer ligadura. (Mirna)

Raramente uma vegana alega ter deixado de utilizar a pílula devido à causa animal. O anticoncepcional possibilitou a manutenção, por parte das mulheres, de uma vida sexual ativa longe dos riscos da gravidez. As veganas não costumam abrir mão dessa conquista feminina em nome da causa animal.

5.5 Deslizes e recaídas: frustrantes acidentes de percurso

Há veganos que reconhecem, em algum momento, terem cometido “deslizes” e “recaídas”. Os deslizes se deveriam à falta de atenção na checagem dos ingredientes de um produto, configurando uma ação não-intencional. No caso das recaídas, consome-se um produto de origem animal consciente da atitude que se está prestes a tomar. Substâncias de origem animal geram “poluição”, provocando situação de ambiguidade mesmo quando o seu consumo não é proposital. O contato com elas, por si só, produz mudança de status naquele que a consome. Essa mudança não depende do conhecimento do outro para acontecer, implica em uma transformação interior e individualizada que provoca, naquele que a sofre, sentimento de culpa e de ambivalência.

Uma vez, logo antes de embarcar num vôo bem longo, comprei um sanduíche quente de beringela, cebola e não sei o quê. Especificamente perguntei se tinha qualquer tipo de queijo no sanduíche, o atendente disse que não. Após uma meia hora de vôo, desembarco o sanduíche e ao começar a devorá-lo, descubro o delicioso sabor de queijo :P é, eu adoro.

Primeira coisa que pensei foi... "vou tirar o queijo, guardá-lo e depois dar pro Adam" (meu cachorro). Não tinha como devolver o sanduíche, estava voando para outro continente, reclamar pelo ocorrido não seria opção agora. Daí pensei "bom, o queijo vai pro lixo ou pro estômago

de alguém (provavelmente do Adam, que, tal qual eu, não precisa de queijo), quem quer que seja que o consuma estaria comendo merda... e eu estou, além de faminta, com saudade desse sabor".

Devorei o sanduíche, com o queijo lá dentro. A única medida que tomei para diminuir o estrago, foi, ao chegar no meu destino, usei do recibo para contactar a lanchonete na qual havia comprado o sanduíche. Por uns 10 minutos xinguei, registrando minha insatisfação com o erro deles.

Preciso dizer que não me senti, EM ABSOLUTO, faltar na ética. Mas **me senti não-vegana**, ao menos naquele momento.” (Éris) (grifos já existentes)

Entre os veganos, o consumo é definido, constantemente, como o momento da compra. Não se deve, portanto, gerar benefícios financeiros às pessoas que lucram com a exploração de animais. Uma vez gerado o lucro, a ingestão de produtos de origem animal, do ponto de vista racionalizado adotado pela ética vegana, seria indiferente. Consumir substâncias de origem animal, contanto que não gere benefícios econômicos aos “exploradores”, seria um direito do vegano, já que o problema, em teoria, não estaria na substância em si, mas no seu processo de obtenção. Embora Éris não considere sua atitude anti-ética, declara (e enfatiza, através da utilização do negrito) ter se sentido “não-vegana” com a ingestão pontual de queijo. Essa e outras declarações atestam o caráter problemático, por si só, do consumo de substâncias de origem animal pelos veganos. A questão, nesse âmbito, seria menos econômica do que simbólica.

Curiosamente, no tópico de discussão sobre esse tema, os veganos apenas dão exemplos de deslizes e recaídas em relação ao consumo de produtos alimentícios, o que confirma uma conclusão retirada da observação de outros tópicos: a ingestão oral de produtos “não-veganos” parece ser mais grave do que outras formas de consumo de itens com substâncias de origem animal. Pode-se dizer que o foco do veganismo é o consumo alimentar, sendo os produtos utilizados de outras formas menos problemáticos.

Os vilões das recaídas e deslizes veganos são os produtos a base de leite, como o chocolate e o queijo. Raramente se admite entre os veganos recaídas com carne. Essas, quando muito, ocorrem enquanto ainda se é ovo-lacto-vegetariano. Deslizes com carne costumam se dar – segundo declarações dos próprios veganos – devido ao descuido ou má fé de terceiros:

Uma vez eu comprei um rolinho de primavera de legumes, perguntei se tinha só legumes dentro mesmo, o cara me confirmou que sim.. primeira mordida, vi que tinha frango.. cuspi fora o que deu pra cuspir mas mesmo assim acabei passando muito mal. Sem falar na raiva que eu senti pelo cara, e a tristeza de ter "engolido" frango.. =/

Há uma estrutura bastante comum nas narrativas dos veganos sobre deslizes e recaídas. Frequentemente, tenta-se minimizar a situação de três maneiras. A primeira delas é explicando que se tratava de uma ocasião ímpar, marcada pela extrema fome, sede ou distanciamento geográfico.

Pô, uma vez aconteceu uma coisa. Eu tava com calor e sede e comprei um "geladinho" tipo picolé que vem em saquinho. Aí eu pedi, mas a mulher nem se quer deixou eu escolher o sabor, ela me deu de morango e eu comecei a chupar e li que ia leite em pó. Pensei em jogar fora e tudo mais, mas continuei :(Me senti mal. (Gi)

Outra forma de minimizar a importância dos deslizes e recaídas é mostrando ao interlocutor que, entre duas ou mais escolhas, o consumidor vegano se esforçou em realizar a mais correta.

Outro dia estava num lugar que não tinha nada, estava morrendo de fome e vendiam pão com margarina (dessas que contém um pouco de leite). Outro dia fui num restaurante e pedi um macarrão alho e óleo, me certifiquei que a massa era de grano duro e fiz o pedido, só que tinham metido queijo no meio. Fiquei naquela, mando fazer outra ou não??Acabei comendo mesmo assim, porque acabariam jogando no lixo. (Lourdes)

Pode-se notar, ainda, uma terceira tática de minimização. Dessa vez se insiste que, embora se tenha recaído ou cometido um deslize, a quantidade do alimento consumido foi ínfima: “Comi um bis uma vez.. fazia uns 2 meses de veganismo... mas eu consegui um milagre, comi apenas um. Esse sim tem droga” (Darlene); “Eu sempre compro meu leite de soja, mas uma vez eu não lembro porque mas eu não podia ir e pedi pra minha mãe, ela comprou e tal, mas quando fui ver era com leite em pó junto... mas só bebi meio copo... tirando isso, nenhum deslize” (Kin).

Ceder ao consumo de alimentos de origem animal acarreta um forte sentimento de culpa. A sensação de ter fracassado em seu propósito é a pena aplicada a si mesmo:

Quando eu era ovolactoveg, minha irmã fez um molho de tomate com pequenos camarões, eram tão pequenos, ninguém ia ver, e era só

umzinho que eu comi. Só que a minha consciência viu, e ficou me cobrando durante uma semana. Depois disso, aprendi que é melhor resistir por um dia do que ficar se lamentando por uma semana. (Dinah)

São muitos os que afirmam nunca terem recaído ou tido deslizes. Esses veganos alegam que a mudança de hábitos de consumo se deu após muita reflexão sobre os fundamentos éticos do veganismo.

Sem recaídas, tanto vegano como vegetariano. A decisão de me tornar vegano foi bem pensada. Passei mais de 6 meses tendo uma alimentação praticamente vegana, mas comendo pizza ou nhoque, quando compravam, de vez em quando. Tanto que passei uns 3 meses completamente vegano antes de me considerar vegano. Não me auto-denominei antes de ter certeza que não iria ter uma recaída. Tanto que foi tipo "putz, percebi 'tô vegano' há uns meses já... acho que já posso virar definitivamente". (Martin)

CONCLUSÃO

Esse trabalho foi desenvolvido com a proposta de pôr em evidência os valores e as práticas contidos no veganismo. No primeiro capítulo, refletiu-se sobre a especificidade do campo escolhido para a pesquisa. Explica-se como se dão as interações entre os diversos perfis do Orkut, podendo ocorrer de forma impessoal ou constituir-se em um complexo esquema discursivo que perdura no tempo. A comunidade *Veganismo* é vista como um dos mais importantes espaços de discussão sobre a forma de vida dos veganos na internet. A dinâmica existente ali é bastante singular, marcada pela participação de simpatizantes e de opositores do veganismo. Os embates de ideias opõem veganos e *alfascistas*, perfis geralmente falsos que tentam combater os argumentos favoráveis à defesa dos animais. Como foi visto no capítulo 2 e no capítulo 4, também ocorrem fortes tensões entre veganos e ovo-lacto-vegetarianos e entre os próprios veganos, o que torna a atmosfera da comunidade bastante belicosa.

As dificuldades geradas pelo estudo do veganismo em ambiente virtual tornaram o desenvolvimento de uma reflexão sobre o fazer antropológico no Orkut inevitável. Chama-se atenção para a existência de uma intensa dinâmica na comunidade *Veganismo*, o que exige do pesquisador dedicação em acompanhá-la diariamente. Minha situação de pesquisadora *insider* também foi problematizada, dando ênfase ao desafio imposto pelo estudo do *familiar* e aos perigos do *estranhamento* excessivo. Salientou-se, por fim, que as comunidades virtuais constituem redes sociais densas e complexas, por isso seu estudo exige que o pesquisador esteja atento não apenas aos textos nelas construídos, mas às dinâmicas produzidas pelas interações entre os diferentes atores, sem negligenciar as condições em que tais relações se desenvolveram.

No segundo capítulo, pôde-se observar a construção de uma temporalidade cujo principal marcador foram as “invasões *alfascistas*”, momentos em que a comunidade passava a sofrer a interferência de opositores do veganismo. Mesmo nos intervalos entre as “invasões *alfascistas*” ocorriam relações antagônicas entre os participantes da *Veganismo*. As diferentes disposições filosóficas e religiosas existentes entre os veganos foram motivo para que tantas discussões acontecessem. Os *off topics* – tópicos cujo assunto desvia daquele indicado na descrição da comunidade como sendo o seu foco – são considerados por muitos participantes como substancialmente insignificantes,

posição rebatida por mim. Defende-se nesse trabalho que, mesmo ao discutir assuntos aparentemente distantes do tema da *Veganismo*, refletia-se constantemente sobre os ideais fortemente valorizados na ética e na ascese vegana. Os capítulos seguintes se basearam justamente nesse conjunto discursivo construído pelos participantes da comunidade.

A diversidade de valores estimados pelos veganos é objeto de reflexão no terceiro capítulo – parte da dissertação dedicada ao estudo das categorias nativas presentes nos emaranhados discursivos da comunidade. Os veganos partem do princípio de que os humanos, ou *animais humanos*, e os animais, ou melhor dizendo, *animais não-humanos*, têm características que os igualam. Todos os animais, na concepção vegana, são seres sencientes – isto é, sentem prazer e dor, alegria e sofrimento. Mas animais não apenas respondem aos estímulos ambientais, seriam capazes de algum nível de reflexão, embora os veganos reconheçam que nem todos os animais são iguais. O veganismo partiria do pressuposto de que animais são indivíduos e, por isso, prezam pela liberdade e autonomia individual. O animal tenderia, portanto, à infelicidade sempre que tivesse seu corpo utilizado como matéria-prima ou força de trabalho – ou seja, sempre que objetificado e desindividualizado, tornando-se vítima de *exploração animal*. O *animal não-humano*, à semelhança dos humanos, tem a liberdade como estado de passividade, portanto condição integrante de sua natureza.

Os humanos que, em determinados sentidos, negam ao animal o ideal de igualdade e liberdade são chamados pelos veganos de *especistas* por estabelecerem hierarquias entre as diferentes espécies animais. Contudo, pôde-se constatar que, inevitavelmente, são forjadas hierarquias entre as espécies, mesmo entre os veganos. Não foi possível desenvolver um esquema mais aprofundado sobre como essa hierarquização se dá, mas ficou bastante clara a forma como animais domésticos como cães e gatos ocupam um espaço privilegiado entre os veganos, apesar de não serem o foco principal de sua ação ética. O veganismo se ocupa das relações de exploração entre humanos e animais, por isso a situação vivida por animais de produção e consumo é preocupação primordial. Existe, no entanto, uma liminaridade entre o que é considerada uma relação que se estabelece nos moldes da reciprocidade entre as espécies e o que pode ser considerado relação de exploração. O laço existente entre um cego e um cão-guia, por exemplo, é considerado por alguns veganos como sendo recíproco, enquanto

outros o condenam como exploratório. O lugar reservado ao *animal humano* na ética vegana também é motivo para discussão na *Veganismo*. Busca-se refletir sobre a validade de somar ao ideal vegano a preocupação com a igualdade e com a liberdade entre os humanos, questões caras aos movimentos negro, feminista e anti-homofobia.

No quarto capítulo, entrou em discussão a difícil relação entre os veganos e os outros, sejam eles ovo-lacto-vegetarianos, *onívoros* ou *carnívoros*. Embora se possa deduzir que veganos e ovo-lacto-vegetarianos tenham uma convivência pacífica na comunidade, já que esses últimos não consomem carne, a realidade é diversa. A relação entre eles costuma ser antagônica, uma vez que, para os veganos, os ovo-lacto-vegetarianos optaram por continuar consumindo produtos de origem animal, mesmo depois de conhecer “a verdade”. Os *onívoros* são aqueles a quem se deve convencer, mas uma vez que se posicionam definitivamente contra os ideais veganos podem ser chamados pelos veganos de *carnívoros*, uma forma pejorativa de se referir àqueles que afirmam “não poder viver sem carne”.

Analisando as discussões dos tópicos, chegou-se à conclusão de que há apenas uma maneira de ser aceito na comunidade *Veganismo*: demonstrar vontade de aproximar a forma de pensar e de agir aos ideais do modo de vida vegano. Essa determinação em “transformar a si mesmo” é capaz de gerar identificação entre veganos e ovo-lacto-vegetarianos e *onívoros* “em transição”. Pôde-se constatar que o vegano entende sua própria atitude como desviante, uma vez que se negar a consumir produtos de origem animal vai de encontro aos hábitos comuns à sociedade. Ser capaz de rejeitar valores tão centrais da nossa sociedade seria uma forma de demonstrar autonomia individual e, conseqüentemente, buscar a “*libertação animal humana*”. Os veganos se consideram capazes de agir de forma autêntica ao modificar a si mesmos, enquanto “os outros” são inautênticos, cruéis e acomodados. Transformar a própria subjetividade, nesse contexto, é uma forma de habilitar a vida cotidiana como território de embates políticos.

No último capítulo da dissertação, ênfase é dada à forma como os veganos escolhem o consumo como espaço principal de questionamento. Reflete-se sobre a hierarquização do consumo vegano notando, com isso, que em geral, é exigido de seus pares mais a recusa de produtos com ingredientes de origem animal, do que a rejeição de empresas que testam em animais e, ainda abaixo nesta escala, o boicote a

corporações que patrocinam rodeios. A existência de substâncias de origem animal em um alimento, por exemplo, é vista como motivo maior para o boicote do que sua ocorrência em produtos de higiene. Entre os alimentos, comer carne é sempre mais grave do que consumir algo que contenha leite e ovos. Apesar de ser possível indicar algumas fortes características presentes na hierarquização do consumo entre os veganos, há sempre espaços de indeterminação que possibilitam o questionamento. Julga-se o consumo alheio como “fútil” ou “necessário”, em uma tentativa de estabelecer quais atitudes são aceitáveis quando vindas de um vegano. Esses campos de indeterminação geralmente aparecem em momentos em que está em jogo o consumo de produtos testados em animais, de itens que contenham substâncias cuja origem animal é menos óbvia ou de produtos cujas empresas patrocinam rodeios.

Quando considerado “desnecessário”, o simples contato com ingredientes de origem animal – principalmente no campo do consumo alimentar, considerando a hierarquia entre as diferentes substâncias – gera desconforto e sentimento de culpa nos veganos. O que imaginar das situações em que proposital ou acidentalmente alguns deles voltaram a ingeri-los? Essa sensação não depende do conhecimento do outro para aparecer, implica uma transformação interior e individualizada que provoca, naquele que a sofre, sentimento de culpa e de ambivalência. Chamei de “poluição”, a exemplo de Douglas (1976), o efeito provocado pela capacidade que tais substâncias possuem de provocar mudanças de status naqueles que estabelecem contato com elas.

Algumas questões abordadas na dissertação nos dão a oportunidade de pensar para além do tema aqui estudado. Quando se expôs a forma como os veganos criam relações de aproximação e de diferenciação com os animais através de suas narrativas na comunidade, chegou-se, inevitavelmente, a um esquema que opunha “natureza” a “cultura”. O ser humano, além de possuir uma natureza – cuja principal característica é a tendência a destruir –, está imerso em uma cultura, o que o torna “mais do que um animal”. Suas atitudes não seriam unicamente determinadas pelo biológico, haveria assim espaço para algum nível de ação individual (mesmo que, em certo ponto, determinada pela cultura da qual o indivíduo faz parte). O humano, ao contrário do animal, seria capaz de agir de forma criativa sobre o seu meio. Enquanto o humano é sujeito, dotado da habilidade de destruir e produzir o novo, o animal se torna apenas objeto de sua configuração biológica e vítima da ação humana.

Percebeu-se, sem muitos esforços, que o vegano reproduz uma série de concepções já consagradas sobre o que seria o *animal humano* frente ao *animal não-humano*. É curioso, de fato, como se tenta criar um novo sistema de relações entre humanos e animais, sem produzir, com isso, sérias reflexões sobre o que seríamos. A esfera do biológico, representada pela *senciência*, nos uniria, assim como certa característica considerada pelos veganos como natural: a existência como indivíduo cujo valor principal é a liberdade. A única tentativa de questionamento das barreiras entre ser humano e ser outro animal é a utilização das categorias *animal humano* e *animal não-humano* como forma de reiterar que os humanos também são animais. Embora se deva reconhecer os esforços nessa direção, é importante salientar que a utilização dessas expressões em pouco altera a lógica já constituída: o parâmetro de distinção entre as mais variadas espécies que constituem o reino animal ainda adota como base a distinção nós-eles, isto é, o que é “humano” em oposição ao que “não é humano”. Lembrando as palavras de Derrida (2002) sobre “O Animal”, vale sublinhar que

Neste conceito que serve para qualquer coisa, no vasto campo do animal, no singular genérico, no estrito fechamento deste artigo definido (“O Animal” e não “animais”) seriam encerrados, como em uma floresta virgem, um parque zoológico, um território de caça ou de pesca, um viveiro ou um abatedouro, um espaço de domesticação, *todos os viventes* que o homem não reconheceria como seus semelhantes, seus próximos ou seus irmãos. (DERRIDA, 2002, p. 64)

O ideal de igualdade entre humanos e animais existente entre os veganos provoca a reflexão sobre o espaço que os *animais humanos* devem ocupar em sua ética. Embora sejam verdadeiros entusiastas dos movimentos sociais igualitários, não existe consenso sobre o quanto é importante para um vegano aderir a todas essas causas. Como o humano também é um animal, alguns veganos acreditam que não há como defender a *libertação animal* sem que se lute pela “*libertação animal humana*”. Outros acreditam que o veganismo deve se referir unicamente aos *animais não-humanos*, uma vez que já existem muitos movimentos que se ocupam das desigualdades entre as diferentes classes de humanos em nossa sociedade. Inserir a defesa de tantas causas no veganismo torna os discursos acusatórios entre os veganos ainda mais ricos. É comum que cada vegano busque afirmar a sua forma de viver o veganismo como sendo a mais autêntica, denunciando assim a inadequação da ascese alheia aos ideais de igualdade e liberdade defendidos pelo veganismo.

Definir o que seriam ou não relações de exploração dos humanos sobre os animais é outro dilema entre os veganos. Apesar de existirem alguns consensos nesse campo – geralmente relacionados à utilização industrial de animais na produção de carne, leite e ovos – há formas de intervenção na vida de animais que nem sempre são consideradas exploratórias. Chamou-se de *exploração animal* o ato de objetificar, ou desindividualizar, a vida de um animal, transformando seu corpo em mercadoria ou força de trabalho. Houve discussões em que o caráter exploratório da relação entre humanos e animais foi questionado por alguns veganos.

Em mais de uma ocasião, no período de observação da comunidade, discutiu-se a possibilidade de consumir ovos não fecundados de galinhas criadas soltas. Constatou-se que muitos veganos não tinham sérias objeções ao consumo desses ovos, afirmando, no entanto, que mesmo assim não os consumiriam. A origem e o destino das galinhas era o grande questionamento entre os veganos: caso o animal tivesse sido comprado ou, ao final de sua vida, fosse morto, configurar-se-ia uma relação de exploração. Outra importante questão surgida nessas discussões é a preocupação com a intencionalidade dos atos humanos. Mesmo que a galinha fosse adotada, seria explorada caso o seu tutor tivesse como principal intenção consumir os seus ovos. O animal, no caso citado, perderia a sua individualidade, tornando-se um produtor de ovos. A relação entre humanos e animais deve se estabelecer de forma “altruísta”, nunca visando o benefício de nossa própria espécie.

A amplitude que deve tomar o ideal de *exploração animal* também gera discussões: o vegano deve se preocupar com a exploração indireta de animais? Os veganos reconhecem que mesmo a produção em massa de itens veganos gera a morte de animais. O extermínio de animais ocorre nas plantações de grãos e na produção de energia em hidrelétricas, por exemplo. Para tornar a ascese vegana palpável, no entanto, muitas dessas questões são postas em segundo plano.

A indeterminação dos limites que se deve impor aos ideais de *libertação animal* (deve-se incluir a luta pela “*libertação animal* humana” no veganismo?) e de *exploração animal* (onde estariam as barreiras entre uma relação de exploração e uma relação de reciprocidade entre humanos e animais? De quais relações de exploração se deve ocupar?) gera reflexos nas escolhas dos veganos no campo do consumo. Deve-se reconhecer que os veganos não apenas refletem antes de consumir; o consumo é uma

forma de pensar sobre o próprio veganismo, isto é, reflete-se através do consumo. Quando observamos o modo como se articulam valores a partir de discussões sobre o que um vegano deve consumir, percebemos o potencial simbólico que emerge do uso das “coisas”.

A existência de espaços em que não há posições consensuais favorece o exercício da ética. Embora seja um modo de vida que se constrói a partir de princípios bem definidos – igualdade e liberdade entre humanos e animais –, o veganismo torna possível a configuração de “artes da existência”, ou seja, “práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também buscam se transformar” (FOUCAULT, 1984, p. 15).

A adaptação do veganismo a concepções de mundo mais pessoais não deixa de ser problemática. A estilização do veganismo tem como consequência o surgimento de “outros” entre os próprios veganos: a predominância de embates de opiniões nos tópicos da *Veganismo* evidencia a pluralidade existente entre seus participantes. A tentativa de impor aos outros a própria visão sobre o que seria o veganismo indica a tendência de alguns participantes da comunidade a estabelecer um discurso único sobre “o Veganismo”. Nas discussões, há sempre a tentativa de deslegitimar a posição do outro através da argumentação. Busca-se eliminar a visibilidade da concepção alheia sobre o veganismo, evitando assim que se seja confundido com o outro quando exposto aos julgamentos de um público mais amplo. Em tópicos polêmicos, como é o caso das discussões sobre o consumo de drogas, há sempre veganos preocupados com a imagem que se estaria criando ao abordar tais temas na comunidade. Existe entre os veganos, embora nem sempre se reconheça explicitamente, inquietação a respeito da imagem que se deve atribuir ao veganismo.

A busca de autonomia individual – isto é, da construção de uma conduta independente das imposições sociais, tomando o indivíduo como centro e, conseqüentemente, valorizando o engajamento em uma postura autêntica –, característica entre os veganos, caminha junto da exigência de uma propensão “altruísta” que, ao mesmo tempo em que preza pela satisfação dos desejos individuais, considera o bem-estar dos outros como objetivo a ser alcançado. Não basta que a “liberdade” seja obtida individualmente, é preciso se empenhar para que *animais humanos* e *animais não-humanos* não sejam mais moralmente ou fisicamente

oprimidos. Portanto, a individualização predominante entre os veganos não impede a emergência de preocupações sociais.

Vale, nesse momento, recordar as hipóteses inicialmente propostas. Em primeiro lugar, afirma-se neste trabalho que no veganismo está em jogo o governo de si. É central a necessidade de exercer domínio sobre as próprias vontades de modo que a razão – ou seja, a convicção ética tardiamente interiorizada – reine sobre as paixões – o desejo pela carne e por todo tipo de produto de origem animal cujo consumo antes se dava de forma corriqueira.

De acordo com a segunda hipótese, o veganismo promove uma forte ênfase na necessidade do indivíduo transformar a si mesmo constantemente e de maneira profunda. Reconfigura-se a própria subjetividade através de um trabalho sobre si que busque uma nova hierarquização de valores, a criação e aceitação de novos hábitos e a “reprogramação” das respostas oferecidas aos estímulos diários – a mudança do paladar e o desaparecimento do desejo por alguns alimentos são apenas alguns exemplos. A questão do sujeito aparece aqui, ao menos, em dois momentos: primeiramente como característica que nos distingue do animal, uma vez que esse último apenas *sofre* a ação humana; e, posteriormente, como condição de aproximação e distanciamento entre os veganos e os “não-veganos”, sempre avaliados de acordo com a intensidade com que atuam de forma criativa sobre si mesmos.

A última hipótese chamava atenção para a valorização entre os veganos da capacidade de se constituir enquanto indivíduo autônomo, dono de suas próprias vontades e responsável por suas ações. O ideal de “*libertação animal* humana” está diretamente conectado a essa terceira hipótese, uma vez que são considerados livres aqueles indivíduos capazes de exercer sua autonomia intelectual, recusando, quando necessário, as severas imposições sociais.

Pensar em “consumo, resistência e subjetividade” nos permite compreender a essência das questões aqui discutidas. Estudar o veganismo é uma oportunidade talvez única de observar o momento em que a ética e a ascese se encontram constituindo um modo de vida complexo e cheio de variantes. O consumo é o espaço prioritário escolhido pelos veganos para agir na sociedade. Através do boicote e do *buycott*, os veganos exigem a mudança de postura das empresas que lucram com a exploração de

animais. É no cotidiano que os veganos atribuem significado aos itens de consumo, articulando valores que os aproximam ou que os distanciam da sociedade mais ampla.

A partir da reconfiguração de suas formas de pensar e de agir, negando parte da moral estabelecida – que considera os animais seres subordinados aos humanos – e construindo novas formas de se relacionar com os animais, os veganos estão resistindo a um poder que se exerce no cotidiano, principalmente através do consumo alimentar. É na esfera da subjetividade, no entanto, que a maioria das transformações ocorrem. O vegano deve ser ator de um processo de transformação constante de si, buscando sempre dar origem a uma forma de vida autêntica em que concepções éticas e o campo da prática estejam fortemente ligados produzindo uma narrativa provida de alto valor estético.

Esse trabalho é apenas o primeiro passo de uma reflexão desenvolvida por mim sobre o consumo entre os veganos. Nesse modo de vida, ética e moral estão em contato direto com a ascese vegana, que encontra no consumo a maneira prioritária de se expressar. Com essa dissertação foi possível atentar para a riqueza simbólica atribuída pelos humanos aos bens de consumo. Meu interesse particular pelo estudo dos alimentos de origem animal suscitou questões para as quais, infelizmente, não pude encontrar respostas com o corpus escolhido para a atual pesquisa. Estudar o processo simbólico de transformação de animais em comida – tomando como foco, principalmente, o ponto de vista dos não-vegetarianos – traria ganhos enormes para todo o campo das ciências humanas. É nessa direção, portanto, que pretendo direcionar minhas próximas reflexões acadêmicas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana. Autonetnografia e inserção online: o papel do "pesquisador *insider*" nas práticas comunicacionais das subculturas da Web. In: XVII Encontro da Compós, 2008, São Paulo. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_315.pdf. Acesso em: 13 de abril de 2010.

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Revista FAMECOS**, n 20, p. 34-40, 2008.

ASSIS, Érico Gonçalves de. **Táticas lúdico-midiáticas no ativismo político contemporâneo**. 2006. 274 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

AUTIO, Mina. Finnish young people's narrative construction of consumer identity. **International Journal of Consumer Studies**, v. 28, n. 4, p. 388-398, 2004.

BAKUNIN, Michael Alexandrovich. **Textos escolhidos**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1980.

BARBOSA, Lívia. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

_____. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

_____. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BEY, Hakim. **TAZ**: zona autônoma temporária. São Paulo: Conrad, 2002.

BIVAR, Antonio. **O que é punk**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

BLÜHDORN, Ingolfur. Self-experience in the theme park of radical action? Social movements and political articulation in the late-modern condition. **European Journal of Social Theory**, v. 9, n. 1, p. 23-42, 2006.

BOSTRÖM, M.; FOLLESDAL, A.; KLINTMAN, M. *et al.* Studying political consumerism. In: INTERNATIONAL SEMINAR ON POLITICAL CONSUMERISM, 2, 2004, Oslo. **Political consumerism**: Its motivation, power and conditions in the Nordic countries and elsewhere. TemaNord, 2005, p. 9-24.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP, 2007.

_____. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (org.). **Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1994. p.82-121 (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

BRAGA, Adriana. Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica. **Unirevista**, v. 1, n. 3, p. 1-11, 2006.

CABRAL, Ana Julia Cury de Brito. **O contra-espetáculo da era neoliberal**: estratégias artísticas e midiáticas da resistência jovem no Brasil. 2007. 200 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CAIAFA, Janice. **Aventuras das cidades**: ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

_____. **Movimento punk na cidade**: a invasão dos bandos sub. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

CAMPBELL, Colin. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CANDIOTTO, Cesar. Subjetividade e verdade no último Foucault. **Trans/Form/Ação**, v. 31, n. 1, p. 87-103, 2008.

CARDOSO JR., Hélio Rebello. Para que serve uma subjetividade? Foucault, tempo e corpo. **Psicologia**: reflexão e crítica, v.18, n. 3, p. 343-349, 2005.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Conhecer desconhecendo: a etnografia do espiritismo e do carnaval carioca. In: VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina (orgs.). **Pesquisas urbanas**: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p.118-138.

CHANEY, David. **Lifestyles**. London: Routledge, 1996.

CHERRY, Elizabeth. Veganism as a cultural movement: a relational approach. **Social Movements Studies**, v. 5, n. 2, p. 155-170, 2006.

COHN, Gabriel (org.). **Weber**: sociologia. São Paulo: Ática, 1989.

CONSTANT, Benjamin. Da liberdade dos antigos comparada à dos modernos. In: **Filosofia Política 2**. Porto Alegre: L&PM, 1985.

COSTA, Rogério da. Sociedade de controle. **São Paulo em Perspectiva**, v. 18, n. 1, p. 161-167, 2004.

CURRAN, James. Teoria midiática e cultural na era do liberalismo de mercado. In: FREIRE FILHO, João e HERSCHMANN, Micael (orgs.). **Novos rumos da cultura da mídia**: indústrias, produtos e audiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 15-44.

DALLA BERNARDINA, Sergio. Une personne pas tout à fait comme les autres. L'animal et son statut. **L'Homme**, tomo 31, nº120, p. 33-50, 1991.

DAMATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter "anthropological blues". In: NUNES, Edson de Oliveira (org). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1978. p.23-35

_____. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum* sobre as sociedades de controle. In: **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992. p. 219-226.

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

DESCOLA, Philippe. Genealogia de objetos e antropologia da objetivação. **Horizontes**

Antropológicos, ano 8, n. 18, p. 93-112, 2002.

DEVINNEY, T.; ECKHARDT, G.; BELK, R. **Why don't consumers behave ethically?** The social construction of consumption. Disponível em: [http://www2.agsm.edu.au/agsm/web.nsf/AttachmentsByTitle/TD_Paper_SocialConstruction/\\$FILE/Social+Construction.pdf](http://www2.agsm.edu.au/agsm/web.nsf/AttachmentsByTitle/TD_Paper_SocialConstruction/$FILE/Social+Construction.pdf). Acesso em: 22 de junho de 2009.

DIGARD, Jean-Pierre. Jalons pour une anthropologie de la domestication animale. **L'Homme**, tomo 28, nº108, p. 27-58, 1988.

_____. Un aspect méconnu de l'histoire de l'amérique : la domestication des animaux. **L'Homme**, tomo 32, nº122-124, p.253-270, 1992.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DOUGLAS, Mary e ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

DUMONT, Louis. **Homo hierarchicus**: o sistema das castas e suas implicações. São Paulo: EDUSP, 1992.

_____. **O individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FEATHERSTONE, Mike. **Consumer culture and postmodernism**. London: SAGE Publications, 2007.

FINLEY, Moses. Política. In: **O legado da Grécia**. Brasília: Editora da UnB, 1998. p. 31-47.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan/jun. 2002.

FONTES, Breno A. e STELZIG, Sabina. Sobre trajetórias de sociabilidade: a idéia de relé social enquanto mecanismo criador de novas redes sociais. Disponível em: http://revista-redes.rediris.es/webredes/novedades/breno_sabina.pdf. Acesso em: 28 de junho de 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro:

Edições Graal, 1988.

_____. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. **História da sexualidade 3: o cuidado de si.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. **Ditos e escritos: ética, sexualidade e política – vol 5.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Nascimento da biopolítica.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Segurança, território, população.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. **What is enlightenment?.** Disponível em: <http://www.knuten.liu.se/~bjoch509/works/foucault/enlight.txt>. Acesso em: 3 de outubro de 1999.

FREIRE FILHO, João. Das subculturas às pós-subculturas juvenis: música, estilo e ativismo político. **Contemporânea**, Universidade Federal da Bahia, v. 3, n. 1, p. 143-172, 2005.

_____. Mídia, consumo cultural e estilo de vida na pós-modernidade. **Eco Pós**, UFRJ - Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 72-97, 2003.

_____. **Reinvenções da resistência juvenil.** Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

_____. Retratos midiáticos da nova geração e a regulação do prazer juvenil. In: BORELLI, S.H.S. e FREIRE FILHO, João (orgs). **Culturas juvenis no século XXI.** São Paulo: EDUC, 2008, p. 33-58.

FREIRE FILHO, João e JANOTTI JUNIOR, Jeder (org.). **Comunicação & música popular massiva.** Salvador: Edufba, 2006.

FREIRE FILHO, João e MARQUES, Carla. Sob o domínio do medo: a construção de *sujeitos temíveis e sujeitos temerosos* na mídia. In: FREIRE FILHO, João e PAIVA, Raquel (orgs.). **Mídia e poder: ideologia, discurso e subjetividade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. p. 81-114.

FREIRE FILHO, João e LINHARES, Taiane. Vidas regradadas: configurações da moralidade dentro da subcultura *straight edge*. In: FREITAS, Ricardo Ferreira e BORELLI, Silvia H.S (orgs.). **Comunicação, narrativas e culturas urbanas**. São Paulo: EDUC, 2009. p.255-275.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1990.

HAENFLER, Ross. Life after subculture: how older members of the straight edge movement redefine commitment. In: AMERICAN SOCIOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL MEETING, 2004, San Francisco. Disponível em: http://www.allacademic.com/meta/p109330_index.html. Acesso em: 04 de abril de 2009.

_____. Manhood in contradiction: the two faces of straight edge. **Men and Masculinities**, v. 7, n. 1. Sage Publications, 2004.

_____. Rethinking subcultural resistance: core values of the straight edge movement. **Journal of Contemporary Ethnography**, v. 33, n. 4. Sage Publications, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. **Império**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HAUDRICOURT, André-Georges. Domestication des animaux, culture des plantes et traitement d'autrui. **L'Homme**, tomo 2, nº1, p. 40-50, 1962.

_____. Note sur le statut familial des animaux. **L'Homme**, tomo 26, nº99. p. 119-120, 1986.

HAUDRICOURT, André-Georges e DIBIE, Pascal. Que savons-nous des animaux domestiques ?. **L'Homme**, tomo 28, n°108, p. 72-83, 1988.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

KITTO, H. D. F. *A polis*. In: **Os gregos**. Coimbra: Armênio Amado, 1980. p. 107-131.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEMKE, Thomas. Foucault, governmentality and critique. In: **RETHINKING MARXISM CONFERENCE**, 2000, University of Amherst. Disponível em: <http://www.informaworld.com/smpp/content~db=all~content=a713602573>. Acesso em: 16 de junho de 2010.

LINDÉN, Anna-Lisa. Private food strategies and political consumerism. In: **INTERNATIONAL SEMINAR ON POLITICAL CONSUMERISM**, 2, 2004, Oslo. **Political consumerism: Its motivation, power and conditions in the Nordic countries and elsewhere**. TemaNord, 2005, p. 203-224.

LINHARES, Taiane. Resistências anárquicas: para uma análise da política do cotidiano. In: **CONECO 4**, 2009, Niterói. Disponível em: http://docs.google.com/fileview?id=0B-yarN_N4mnjNWExMmY0NmEtOTQxNy00M2ExLTg3ZmEtMzNmYzA4Y2UwM2Fk&hl=en&pli=1. Acesso em: 16 de junho de 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos**. Barueri: Manole, 2005.

_____. **A felicidade paradoxal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LOBO, Rafael de A. A. Ensaio sobre o *fake*: identidade e reconhecimento em uma esfera pública orkutiana. In: **III Simpósio Nacional ABCiber**, 2009, São Paulo. Disponível em: http://www.abciber.com.br/simpósio2009/trabalhos/anais/pdf/artigos/1_redes/eixo1_art45.pdf. Acesso em: 14 de abril de 2010.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006.

_____. Perspectivas tribais ou a mudança do paradigma social. **Revista FAMECOS**, n. 23, p 23-29, 2004.

MARQUES, Ângela C. S. A conversação informal na internet: aspectos afetivos e políticos. In: XVIII Encontro da Compós, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1076.pdf. Acesso em: 14 de abril de 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, S.H.S. e FREIRE FILHO, João (orgs). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008, p. 9-32.

MARTIN-IVERSON, Sean. ‘Revolusi diri’ (self-revolution): personal choice, collective identity and subcultural change in the Bandung straight edge scene. In: TASA CONFERENCE, 2006. Disponível em: <http://www.tasa.org.au/conferencepapers06/papers/Gender,%20sexuality,%20family%20and%20youth/Martin-Iverson.pdf>. Acesso em: 04 de abril de 2009.

MARX, Karl. **O manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo Ed., 1998.

MAZETTI, Henrique Moreira. **Ativismo de mídia**: arte, política e tecnologias digitais. 2008. 213 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MÉCHIN, Colette. Les règles de la bonne mort animale en europe occidentale. **L’Homme**, tomo 31, nº120, p. 51-67, 1991.

MILES, Steven. Youth lifestyles in changing world. **Open University Press**, Buckingham-Philadelphia, cap.2, p. 15-34, 2000.

MULLANEY, Jamie L. Unity admirable but not necessarily heeded: going rates and gender boundaries in the straight edge hardcore music scene. **Gender and Society**, v.21, n. 3, p. 384-408, 2007.

NILAN, Pam. *Straight edge* as an australian youth subculture. In: TASA CONFERENCE, 2006. Disponível em: <http://www.tasa.org.au/conferencepapers06/papers/Gender,%20>

sexuality,%20family%20and%20youth/Nilan.pdf. Acesso em: 04 de abril de 2009.

NUNES, Ernesto Luiz Marques. **Vegetarianismo além da dieta**: ativismo vegano em São Paulo. 2010. 128 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

NUNES, Márcia V. e GURJÃO, André. Práticas políticas e cidadania no site de relacionamentos Orkut: individualismo e auto-afirmação nas comunidades virtuais. In: XVII Encontro da Compós, 2008, São Paulo. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_311.pdf. Acesso em: 14 de abril de 2010.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

PAIS, José Machado e BLASS, Leila Maria da Silva (orgs.). **Tribos urbanas**: produção artística e identidades. São Paulo: Annablume, 2004.

PINHO, Júlio Sá de. Informação e sociabilidade nas comunidades virtuais: um estudo sobre o Orkut. In: III Simpósio Nacional ABCiber, 2009, São Paulo. Disponível em: http://www.abciber.com.br/simpósio2009/trabalhos/anais/pdf/artigos/1_redes/eixo1_art28.pdf. Acesso em: 12 de abril de 2010.

PORTES, Alejandro. Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea. **Sociologia, Problemas e Práticas**, nº 33, p. 133-158, 2000.

PORTILHO, Fátima. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania**. São Paulo: Cortez, 2005.

PRIMO, Alex. A emergência das comunidades virtuais. In: Intercom 1997 - XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1997, Santos. Anais... Santos, 1997. Disponível em: http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/comunidades_virtuais.pdf. Acesso em: 28 de junho de 2010.

_____. Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. **Revista da Famecos**, n. 12, p. 81-92, jun. 2000.

PROUDHON, Pierre-Joseph. **Textos escolhidos**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1980.

RAGO, Margareth. **O anarquismo e a história**. Disponível em formato PDF no endereço eletrônico www.sabotagem.cjb.net. Acesso em: 13 de outubro de 2007.

RECUERO, Raquel. Comunidades virtuais em redes sociais na internet: uma proposta de estudo. **E-compós**, v. 4, p. 1-27, 2005a.

_____. Comunidades virtuais: uma abordagem teórica. In: V Seminário Internacional de Comunicação, 2001, Porto Alegre. Disponível em: <http://pontomidia.com.br/raquel/teorica.pdf>. Acesso em: 28 de junho de 2010.

_____. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Revista FAMECOS**, n. 38, p. 118-128, 2009a.

_____. Dinâmicas de redes sociais no Orkut e capital social. **Razon y Palabra**, v. 52, p. 1-15, 2006.

_____. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009b. (Coleção Cibercultura)

_____. Redes sociais na internet: considerações iniciais. **E-compós**, v. 2, p. 1-23, 2005b.

REIMER, Bo. Youth and modern lifestyles, In: FÖRNAS, Johan e BOLIN, Göran (eds.). **Youth culture in late modernity**. London: Sage, 1995. p.120-144.

ROCHA, Paula J. e MONTARDO, Sandra P. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. **E-Compós**, v. 4, p. 1-22, 2005.

ROSE, Nikolas. The politics of life itself. **Theory, Culture & Society**, v.18, n.6, p. 1-30, 2001.

ROSE, N.; O'MALLEY, P.; VALVERDE, M. Governmentality. **Annual Review of Law and Social Science**, v. 2, p. 83-104, 2006.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **O lugar da política na sociabilidade contemporânea**, Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2001. Disponível em formato PDF no endereço eletrônico <http://bocc.unisinos.br/pag/rubim-antonio-politica-contemporanea.pdf>. Acesso em: 11 de julho de 2009.

RUDELL, Fredrica. Shopping with a social conscience: consumer attitudes toward sweatshop labor. **Clothing and Textiles Research Journal**, v. 24, n. 4, p. 282-296, 2006.

SABÓIA, Ricardo. Periferia eletrônica: clubbers e cybermanos na cidade de São Paulo. **ECO-PÓS**, v. 6, n. 2, p. 73-85, 2003.

SHANTZ, Jeff. One person's garbage... another person's treasure: dumpster diving, freeganism, and anarchy. **Verb**, v. 3, n. 1, 2005. Disponível em: <http://verb.lib.lehigh.edu/index.php/verb/article/view/19/18>. Acesso em: 17 de junho de 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 63-102.

SLATER, Don. **Cultura do consumo e modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002.

SNEIJDER, Petra e TE MOLDER, Hedwig F. M. Moral logic and logical morality: attributions of responsibility and blame in online discourse on veganism. **Discourse and Society**, v. 16, n. 5, p. 675–696. London: Sage Publications, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2008.

SORENSEN, Mads P. Liberal democratic society and political consumerism – a problematic combination. In: INTERNATIONAL SEMINAR ON POLITICAL CONSUMERISM, 2, 2004, Oslo. **Political consumerism: Its motivation, power and conditions in the Nordic countries and elsewhere**. TemaNord, 2005, p 59-76.

SOUZA, Bruna Mantese de. **Os straight edges e suas relações com a alteridade na cidade de São Paulo**. 2005. 141 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. Straight edges e suas relações na cidade. In: MAGNANI, José Guilherme C. e SOUZA, Bruna Mantese de (orgs.). **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007. p. 23-42.

SPAARGAREN, Gert e MARTENS, Susan. Globalisation and the role of citizen-consumers in environmental politics. In: INTERNATIONAL SEMINAR ON POLITICAL CONSUMERISM, 2, 2004, Oslo. **Political consumerism: Its motivation, power and conditions in the Nordic countries and elsewhere**. TemaNord, 2005, p. 25-58.

STOLLE, D.; HOGGHE, M.; MICHELETTI, M. Politics in the supermarket: political consumerism as a form of political participation. **International Political Science**

Review, v. 26, n. 3, p. 245-269, 2005.

THOMAS, Keith. **Man and the natural world**: changing attitudes in England 1500-1800. London: Penguin, 1984.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: BARROS, A. e DUARTE, J. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p.98-109

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América**: leis e costumes. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A democracia na América**: sentimentos e opiniões. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

UYEKI, E. S.; HOLLAND, L. J. Difusion of pro-environment attitudes? **American Behavioral Scientist**, v. 43, n. 4, p. 646-662, 2000.

VACCARO, Salvo. Foucault e o anarquismo. **Revista Margem**: temporalidades, n. 5, p. 158-170, 1996.

VEBLEN, Thornstein. A teoria da classe ociosa. In: **Veblen**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores)

VELHO, Gilberto. Cultura subjetiva e projetos de felicidade. In: FREIRE FILHO, João (org.). **Ser feliz hoje**: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p.227-238.

_____. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (org). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1978. p.36-46

_____. O desafio da proximidade. In: VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina (orgs.). **Pesquisas urbanas**: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p.11-19.

_____. **Subjetividade e sociedade**: uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. 4ª ed.

VERNANT, Jean Pierre. O universo espiritual da *Polis*. In: **Origens do Pensamento Grego**. São Paulo: Difel, 1968. p. 34-47.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O conceito de sociedade em antropologia. In: **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p.297-316.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WAHLSTRÖM, M.; PETERSON, A. Between the state and the market: the political struggle between the animal rights movement and the swedish fur industry. In: INTERNATIONAL SEMINAR ON POLITICAL CONSUMERISM, 2, 2004, Oslo. **Political consumerism: Its motivation, power and conditions in the Nordic countries and elsewhere**. TemaNord, 2005, p. 225-254.

WILLIAMS, J. P. Authentic identities: straightedge subculture, music, and the internet. **Journal of Contemporary Ethnography**, v. 35, n. 2, p. 173-200, 2006.

WILLIAMS, J. P. e COPES, Heith. How edge are you? Constructing authentic identities and subcultural boundaries in a straightedge internet forum. **Symbolic Interaction**, v. 28, n. 1, p. 67-89, 2005.

WOOD, R. T. The straightedge youth sub-culture: observations on the complexity of sub-cultural identity. **Journal of Youth Studies**, v. 6, n. 1, p. 33-52, 2003.

YÚDICE, George. Consumo e cidadania. In: **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: UFMG, 2004. p. 219-260.

ANEXOS

ANEXO 1 – Exemplo de perfil do Orkut

meu **orkut** BR [início](#) [perfil](#) [comunidades](#) [no orkut](#) [a web](#)

Perfil Vegano
disponível

masculino, solteiro(a)
Rio de Janeiro, Brasil

- perfil [editar](#)
- recados
- fotos
- vídeos
- depoimentos
- eventos
- promova

Apps [editar](#)

- adicionar apps
- listas
- mensagens
- atualizações
- configurações
- spam

Perfil Vegano

Início > Meu perfil

Defina seu status aqui [editar](#)

Quem vê meu perfil assim? [editar](#)

recados: 0 fotos: 0 fotos comigo: 0 vídeos: 0 fãs: 0

[social](#) [profissional](#) [pessoal](#) [editar](#)

relacionamento: **solteiro(a)**

aniversário: **25 junho**

idade: **20**

idiomas que falo: **Português (Brasil)**

interesses no orkut: **companheiros para atividades, contatos profissionais** [editar](#)

quem sou eu: **Um cara legal que vive intensamente aquilo que acredita.**

filhos: **não**

etnia: **caucasiano (branco)**

religião: **Tenho um lado espiritual independente de religiões**

visão política: **apolítico**

humor: **seco/sarcástico, inteligente/sagaz, rude**

orientação sexual: **heterossexual**

estilo: **alternativo**

fumo: **não**

bebo: **socialmente**

animais de estimação: **adoro meu(s) animal(is) de estimação**

moro: **com meus pais**

cidade natal:

página web: [editar](#)

amigos (489)

Ricardo	Daniel	Felipe
Maurício	Sonia	Fernanda
Márcia	Eduardo	Mariana

[ver todos >](#)

minhas comunidades (48)

Veganismo (7.301)	RECEITAS ÉTICAS (4.834)	SAC Vegano (1.686)

[ver todas >](#) [gerenciar](#)

Amigos on-line

ANEXO 2 – Comunidade *Veganismo* em junho de 2010

meu **orkut** BR [início](#) [perfil](#) [comunidades](#) [no orkut](#) [a web](#)



Veganismo
(7.302 membros)

- deixar comunidade
- promova
- denunciar abuso
- fórum
- enquetes
- eventos
- membros

Veganismo

Início > Comunidades > Culturais e Comunidade > Veganismo

descrição: Comunidade para troca de informações e camaradaria entre veganos e aqueles que tem interesse no veganismo e o que ele tem a oferecer.

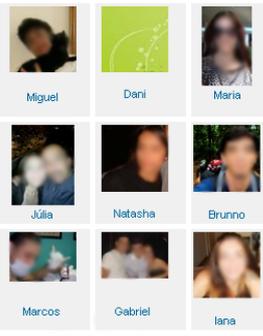
O que é veganismo?
O veganismo é um passo além da dieta vegetariana. Motivados por ética e respeito aos direitos dos animais, os veganos não consomem ou utilizam qualquer tipo de produto de origem animal: carnes, leite e derivados, ovos, gelatina, couro, seda, peles, cosméticos testados em animais, não vão a circos com shows de animais, rodeios, etc.

O vegano tenta evitar qualquer coisa, produto, ação que tenha causado sofrimento desnecessário a um ser senciente, seja ele um animal humano ou não-humano.

Regras:
<http://www.orkut.com.br/CommMsgs.aspx?cmm=41971&tid=5242888942122051601&na=4>

idioma: **Português (Brasil)**
categoria: [Culturais e Comunidade](#)
dono: [Miguel](#)
moderadores: [Miguel](#)
tipo: pública
privacidade do conteúdo: **aberta para não-membros**
local: **Brasil**
criado em: **15 de abril de 2004**
membros: **7.302**

membros (7302)



[ver membros >](#)

fórum

tópico	postagens	última postagem
<input type="checkbox"/> WORKSHOP VIDA E CONSCIÊNCIA	1	23/06/10
<input type="checkbox"/> Feijoada do Beco da Esperança	1	23/06/10
<input type="checkbox"/> Palestrantes 3o. Congresso SVB	165	23/06/10
<input type="checkbox"/> NOVO BLOG VEGANO	19	23/06/10
<input type="checkbox"/> Ecovila Vegan - Em breve será uma realidade!	12	23/06/10

[novo tópico](#) [denunciar spam](#) [ver todos os tópicos >](#)

comunidades relacionadas



ANEXO 3 – Exemplo de símbolos utilizados por alguns perfis veganos

